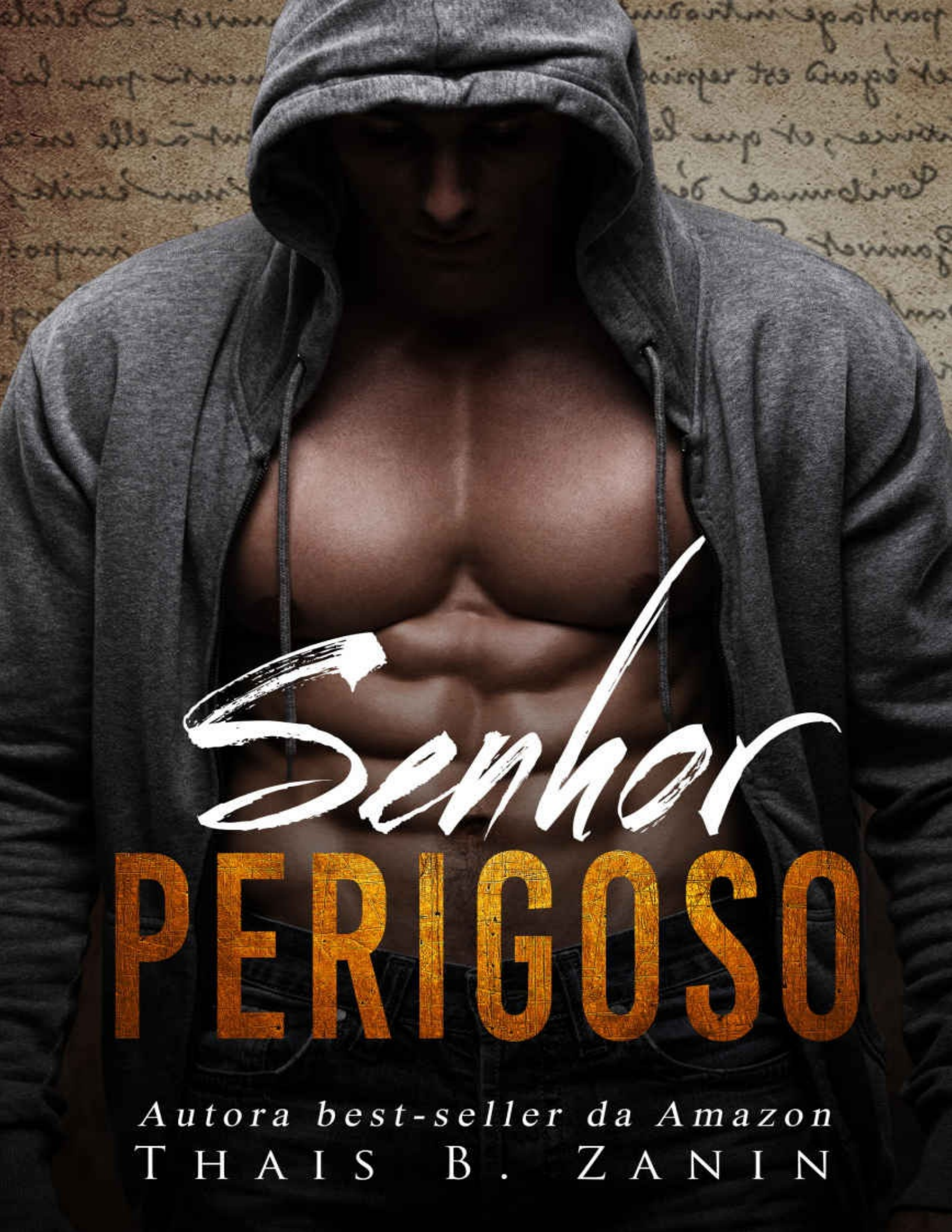




# Senhor PERIGOSO

*Autora best-seller da Amazon*  
T H A I S   B .   Z A N I N





**Copyright © Thais B. Zanin**

**Todos os direitos reservados á autora, sendo esta uma publicação independente. É uma obra de ficção e qualquer semelhança é mera coincidência.**

**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.**

**A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.**

E-mail para contato: [thais.b.zanin@gmail.com](mailto:thais.b.zanin@gmail.com)

**Capa: Mari Lopes**

**Diagramação: Love Art Desing**

**Revisão: Margareth Antequera**



# Sinops



Maya Johnson nunca pensou conhecer o homem com quem havia trocado cartas aos dezessete anos. Muito menos imaginou, que agora, após cumprir sua pena, estava livre e disposto a conhecer de fato a garota das lindas palavras.

Luke Petkovic finalmente estava livre, após cumprir quinze anos da sua pena, ele conheceria de fato a mulher que escrevia poesias e palavras de conforto.

Maya não esperava que Luke a quera, como havia prometido em suas cartas. Ela que leva uma vida pacata, como professora de 4 série, fica chocada com a vida extrema de Luke. Decidida a se afastar do homem mal, ex-presidiário e traficante de armas, Maya corre e Luke vai atrás.

P.S: Ao avaliar o livro na Amazon, você ganha o marcador do livro e da autora, só mandar o print para o e-mail: [thais.b.zanin@gmail.com](mailto:thais.b.zanin@gmail.com)





# Play List

Hear me now – feat. Zeeba – Alok e Bruno Martini

Love – Lana Del Rey

Mesmo Sem Estar – feat. Sandy – Luan Santana

Shawn Mendes – Afertaste

Sai – The Greatest

Melanie Martinez – Pacify Her

Ellie Goulding – How Long Will I Love You

Henrique e Juliano - DE TRÁS PRA FRENTE

Hugo Henrique - Ainda - Part. Ph e Michel

Marcos & Belutti - Tão Feliz

Day e Lara - Digitando...

Malta – Memórias

Shawn Mendes - Stitches





# Prefácio



***Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.***

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável.



A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.



# Prólogo

(...)

Como é imensa a felicidade da virgem sem culpa.  
Esquecendo o mundo, e pelo mundo sendo esquecida.  
Brilho eterno de uma mente sem lembranças!  
Cada prece é aceita, e cada desejo realizado;  
Trabalho e descanso mantidos em iguais períodos;  
Obedientes sonhos dos quais podemos acordar e chorar;  
Calmos desejos, afetos sempre furiosos.  
Deliciosas lágrimas, e suspiros que boiam no paraíso.  
Graça que brilha a seu redor com raios serenos.  
O murmúrio dos anjos arrulha seus sonhos dourados.  
Por sua eterna rosa que floresceu no Éden.  
E as asas dos serafins derramam perfumes divinos,  
Para ela, o esposo prepara o anel nupcial,  
Para ela as brancas virgens cantam a canção da boda,  
E ao som das harpas celestiais ela morre  
E se desfaz em visões do dia eterno.

(...)"

A Terra desolada – T. S. Eliot

Finalmente o sinal bateu, sinalizando o final do meu expediente. Minha cabeça estava explodindo com o barulho, as crianças estavam bem agitadas hoje.

— Bom, crianças, estão liberados. — Recolhi minhas coisas e sai logo após os alunos.

Encontrei a professora Dóris, ao sair da minha sala.

— Enfim, encerramos o dia.

— Sim, estou bem cansada, hoje as crianças estavam tão agitadas.

— Nós sabemos que elas adoram você, mas nesse ano, os meninos estão terríveis. Peguei uma aula sua, quando estava doente e não pôde vir.

— Bom, eles estão crescendo e deixando de ser crianças, esses dias, colocaram chiclete no cabelo de Laura. Passei quase duas horas conversando com os pais.

— Isso é normal, eles crescem e começam a aprontar. — Continuamos a conversar, até chegar na sala. Coloquei os livros e meu estojo no armário e peguei minha bolsa. Pelo resto do dia, relaxaria na minha varanda, observando o movimento da rua, e acompanhada de um vinho do mercado.

Meu apartamento era perto da escola, então eu ia e voltava andando. A rua estava calma, ouvi quando um carro se aproximou, olhei de relance e observei uma BMW preta.

Voltei a olhar para frente e andei mais rápido. Ao chegar em frente ao prédio, procurei a chave na minha bolsa, surpreendentemente o carro parou na frente. Respirei fundo e virei para encarar a pessoa que saía do carro.

— Senhorita Maya Johnson. — O homem, careca e alto, abriu a porta do carro. — Por favor, entre.

— Entra? Não, não vou entrar aí.

— Por favor, senhorita Johnson.

— Já disse, não entrarei nesse carro e com licença. — Dei as costas a ele, mas quando ouvi, uma voz mais grossa, que me fez arrepiar.

— Deixe, Nicolas. — Eu me forcei a não virar e descobrir o dono daquela voz.

— Como você quiser. — Fingi não querer conhecê-lo e abri o portão.

— Maya, só um minuto da sua atenção. — Suas mãos suaves tocaram o meu braço, de certa forma, eu sabia quem era ele.

— Um minuto e mais nada. — Apertei a alça da bolsa, tentando não parecer muito nervosa e me controlar. Ao me virar, fiquei sem fôlego, o homem das minhas cartas.

— Pois não...

— Luke, Luke Petkovic. — Eu conhecia aquele homem e finalmente ele tinha um rosto...



# Capítulo 1

25 de maio de 2015

Querido Edmund,

*Estou com saudades, você já não responde mais minhas cartas. Acho que está me ignorando, porém tudo que quero é não o deixar sozinho.*

*Mamãe está muito mal, em todo momento toca em seu nome e chora. Eu nunca entendi seus motivos para fazer aquilo, sempre vou até aquele posto, fico imaginando o que aconteceu. Não consigo acreditar nas palavras do jornalista, nem da promotoria.*

*Você como um ótimo irmão e filho, ficamos assustados ao ver que passaria os próximos anos na cadeia.*

*Como não responde minhas cartas, pararei de escrever, mas saiba, que sempre pensarei e acreditarei em você.*

*A esperança é a poesia da dor, é a promessa eternamente suspensa diante dos olhos que choram e do coração que padece. — Paolo Mantegazza.*

*Com amor, Maya, sua querida Irmã.*

Peguei o envelope e escrevi o remetente e o destinatário.

**Destinatário:**

**Edmund Johnson, preso 279 - Cella C-66  
CP94964 - Penitenciária Estadual de San Quentin**

Eu adorava me comunicar por cartas, apesar de hoje em dia, ninguém mais escrevê-las. Após colar a carta, fui ao correio, enviá-la o quanto antes. Eu não queria que fosse a última carta, amava meu irmão e queria resposta, assim saberia que estava tudo bem na prisão.

Nunca imaginamos que isso aconteceria com nossa família. Papai sendo um policial, mamãe professora, Edmund um ótimo jogador de futebol americano e eu a oradora da turma. Éramos a família perfeita, com ótimos pais.

As coisas para Edmund começaram a desmanchar, logo após seu acidente. Acabou machucando o joelho e isso o impediu de entrar na faculdade com bolsa de futebol. Então, ele achou que o jeito mais fácil de ganhar dinheiro, era roubando daqueles que trabalharam o mês inteiro.

Começou com pequenos furtos e então, começou a roubar lojas e naquela fatídica noite, ele roubou um posto, um homem reagiu ao assalto, em um ato de desespero, acabou atirando no homem. Isso o condenou em regime fechado na penitenciária Estadual de San Quentin, próximo a nossa cidade.

Eu queria visitá-lo, mas papai nos proibiu, dizendo que ele não merecia a nossa visita, mandava cartas escondidas de meu pai.

Edmund, sendo dois anos mais velho, sempre cuidou de mim, como sua irmã mais nova, me protegia dos "pretendentes".

Alcansei meu casaco no armário, quando ouvi meu nome sendo chamado.

— Maya. — Coloquei o casaco e me virei, para encará-lo.

— Sim, papai.

— Aonde você vai?

— Eu estava indo para a casa de Lauren. Temos um trabalho para terminar. — Ele ficou alguns segundos me analisando.

— Bom, estou saindo para o meu turno, posso deixá-la na casa de Lauren.

— Não. — Ressaltei, precisava ir ao correio, não a casa dela. — Não há necessidade, a casa dela é na rua de trás e você está indo para o outro lado.

— Mas está nevando, Maya. Tenho receio que posso escorregar nesta neve.

— Não há necessidade, papai.

— Tudo bem, então me ligue ao chegar lá. — Após depositar um beijo em minha testa, pegou seu casaco e saiu.

Estava no fim do inverno, apesar de não ter sido tão rigoroso, havia neve e eu não podia correr, andei devagar até o correio. Ao entrar, fui tomada pelo calor do ambiente. Esperei meu número ser chamado e enviei a carta.

Quando eu votava para casa, fiquei pensando em como ele estava passando neste inverno. O presídio cuida bem o suficiente dos presos? Eu deveria estar pensando nas outras pessoas mais pobres? Aquelas que vivem embaixo do viaduto? Ao invés de pensar naqueles que mataram, roubaram outras pessoas? Bom, queria que o meu irmão estivesse no melhor lugar possível.

Voltei para casa, quase congelando. Tirei a neve do meu casaco e entrei, mamãe estava na

cozinha, preparando o jantar, o cheiro estava maravilhoso. Deixei o casaco no armário e fui até ela, que estava preparando macarrão com almôndegas.

— Querida, já voltou da Lauren?

— Lauren?

— Sim, ouvi você dizendo para seu pai, que ia visitá-la. — Pulei no banco do balcão da cozinha, para assistir mamãe.

— Sim, mas ela não estava lá.

— Você poderá fazer o trabalho outro dia?

— Com certeza, lá fora está muito frio.

— Oh, sim. Fico pensando em seu irmão, coitado dele. — apesar de ter sido declarado culpado, mamãe não aceitava que seu gracioso filho fosse um assassino.

— Bom, espero que esteja sendo bem cuidado. — Após o jantar, subi para o meu quarto, havia lição de casa. Meu telefone tocou, peguei-o e atendi a ligação de Lauren.

— Oie, May.

— Oi, Lauren.

— Você não sabe quem me ligou! — Ela estava muito entusiasmada, provavelmente, recebeu uma ligação do seu novo paquera.

— Deixe eu adivinhar, foi o Clarke?

— Sim, foi ele. Me convidou para um encontro duplo.

— Encontro duplo? — me joguei na cama, assim poderia ter aquela conversa tediosa sobre o nome do amor dela.

— Sim, eu, Clarke, Michael e... Você.

— Oh, não. Pode desmarcar, nem pense que irei em um encontro duplo.

— Você está se negando, pois nunca foi em um encontro, quanto mais um encontro duplo. — Apesar da nossa forte e grande amizade, éramos o oposto, Lauren era mais alegre e social, já eu era introvertida e antissocial.

— Exatamente, não vou a um encontro, muito menos com o Michael.

— Não sei o porquê... Ele gosta de você e até o ano passado, você também gostava dele.



— Lauren, eu te peço, não me force a ir. — Quando Lauren colocava algo na cabeça, não havia como pará-la.

— Na sexta, às 19 horas, esteja pronta. Adeus. — Então desligou, não me dando mais tempo de negar aquele pedido.

Terminei minhas lições de casa e fui tomar banho, após me deitar, fiquei pensando na carta e esperando para haver uma resposta.

{...}

Quatro dias depois

## **Penitenciária Estadual de San Quentin**

Cela C-66.

### **Luke Petkovic**

Estou nessa merda há exatos 3.650 dias. Odeio esse cheiro de esgoto, suor e medo. As celas são escuras e vazias, mesmo que haja prisioneiros, parece que falta a alma deles. Meu "colega de quarto" não me deixava dormir, ele se movia muito e isso fazia o velho beliche grunhir. Sai da minha cama e o peguei pela blusa, estava estressado suficiente para matá-lo com as minhas próprias mãos, minhas noites de sono são sagradas.

— Da para parar? Não consigo dormir e quando eu não durmo, não fico feliz.

— Des... Desculpa. Tem uma mola no meu colchão, não consigo dormir.

— Ah, tem uma mola no seu colchão? — Ele só podia estar brincando comigo, eu resolveria o problema dele. — Então, durma no chão. — O puxei pela camisa e o tirei da cama, joguei seu corpo no chão, ele resmungou, mas não disse nem uma palavra. — Pronto, agora não tem mais mola no seu colchão.

Voltei a deitar na minha cama e dormi tranquilamente, até as cinco da madrugada. Os guardas passaram, batendo o cassetete nas grades e anunciando a hora do banho.

Eu não tinha muitos amigos, na verdade, eu não tinha nenhum. Sai do meu beliche e quase que esmago a cabeça do merda do meu companheiro, com o pé.

— Você não ouviu, hora do banho. — nunca pisava descalço neste chão imundo, imagina dormir.

As celas foram abertas e eu segui o fluxo, na minha mão tinha meu sabonete, uma muda de roupa limpa e toalha. Assim que entrei no banheiro, passei pela fila e entrei no primeiro chuveiro vago. Eu nunca pegava fila, dificilmente alguém me encarava. Após tomar meu banho frio, vou para o refeitório, passo pelo meu colega de cela, seu rosto estava sujo do chão e seu cabelo loiro precisava ser lavado.

Meu café da manhã foi tranquilo, apesar daquela comida de merda. Segui até a biblioteca, onde leria meus livros e ficaria em paz.

Um tempo depois, foi nossa hora de se recolher, logo seria o almoço. O guarda, passou nas celas entregando cartas, eu não tinha família, então eu não tinha cartas. Meu colega de quarto, Edmund, sempre recebia cartas, mas nunca as lia e desta vez não foi diferente.

— Quem te manda cartas? — Revolvi puxar assunto, às vezes o silêncio e a escuridão me tomam por inteiro.

— Minha Irmã. — Ele olha fixamente para a carta, passando o dedo pela letra curvilínea.

— Por que não a responde?

— Não que seja da sua conta, mas eu não a respondo, pois não quero mentir. — Ele parecia amargurado, se eu tivesse alguém, importante o bastante para mandar cartas, ficaria muito feliz em respondê-las.

Tomei a carta de sua mão, puxei a carta para fora e recitei em voz alta.

— Querido Edmund... — ao terminar de ler a carta, me senti vazio. Aquela menina adorava o irmão, que não respondia. Ela afirmava ser a última carta, pois como não havia resposta, era como escrever a um morto.

*A esperança é a poesia da dor, é a promessa eternamente suspensa diante dos olhos que choram e do coração que padece. — Paolo Mantegazza.*

Eu conhecia essa citação de um poema, passava horas na biblioteca lendo poesias, já que era os únicos livros para ler.

— Você deveria respondê-la.

— Não, ela não precisa de contato comigo.

— Então, por que continua a receber as cartas? Poderia muito bem tirar o nome dela da lista.

— Eu não respondo, mas gosto de recebê-las, me ajuda a seguir em frente.

— Bom, neste corredor, não adianta seguir em frente. É um lugar sem saída. — Ele confirmou com a cabeça e subiu para sua cama.

— Pois é...Vou dormir um pouco e tentar esquecê-la. — A carta ainda estava comigo e eu não consegui largá-la, aquela menina precisava de uma resposta. Coloquei a carta com as outras e percebi que havia uma foto, quando eu puxei a carta. Demorei um tempo, para analisar a sua família. Eu sabia que ele era novo, talvez uns dezenove, vinte e nove anos, mas ele tinha uma irmã mais nova. Ela era linda, com o cabelo loiro ondulado e um grande sorriso no rosto, tão alegre, tão

inocente.

Ao seu lado, estava uma mulher mais velha. Como sua filha, também muito bonita, tinham os mesmos cabelos dourados, sorrisos alegres e ar de inocência. O homem, que provavelmente deveria ser o pai e marido, era um policial, e eu odiava os policiais.

— Essa era a família feliz, até que eu vim para a prisão. — Comenta Edmund, olhando para o teto.

— Bom, pelo menos você tem família.

— E você? Não tem uma?

— Não, sou só eu e eu. — Eu até tinha uma irmã e um primo, mas ambos não mantiveram contato. Guardo a foto e vou para minha cama, passamos os próximos minutos em silêncio, esperando a hora do almoço.

Tic tac... tic tac...

Eu odiava quando em minha cabeça, ouvia o som do relógio imaginário. Tantos tic tac, mas parece que o tempo não passa, cada dia aqui, parece ser mais longo e tedioso.

Fomos chamados para o almoço, fui para o refeitório lotado, eu odiava toda aquela merda, mas depois de anos, já havia me acostumado. Entrei na fila com a bandeja na mão, purê de batata, carne moída, pão duro e suco, o almoço de hoje, ou melhor, de sempre.

Sentei-me sozinho, para minha surpresa e total desgosto, o Edmund veio atrás de mim e se sentou ao meu lado.

— Oi, cara. — Eu olhei para ele e fechei a cara.

— Não é porque perguntei de sua família, que viramos amigos.

— Eu pensei que queria companhia. — Ele se levantou, com medo.

— Não quero. — Ele rapidamente se afastou, voltei a comer a merda da comida devagar, assim mataria o tempo.

Após o almoço, fomos para o pátio, eu jogava basquete com os caras, mas estava muito frio e eu com muita preguiça. Passei o resto do intervalo, formulando um texto para escrever a irmã de Edmund. Podia parecer loucura, mas eu não queria que ela ficasse sem resposta e eu precisava de algo para ocupar a mente.

Voltando para nossas celas, peguei com um guarda caneta, papel e envelope, em troca de 50 dólares. Há muito tempo não escrevia nada, então quando comecei, não quis mais parar.



# Capítulo 2

Maya

Estava pronta para o meu encontro duplo, apesar de não querer ir. Lauren já havia me ligado para confirmar o encontro. Desci a escada e encontrei meu pai, ao telefone. Acenei e sai de casa, não demorou muito para o carro de Michael parar na porta. Caminhei até seu carro, meio incerta. Sua BMW era muito confortável por dentro, bem mais que nosso velho Volvo.

— Oi, May. — Beijei sua bochecha, em cumprimento.

— Oi, Mike. — Dei partida no carro e sorriu.

— Você está muito bonita hoje.

— Obrigada. — Meu rosto enrubesciu, tentei não olhar em seus olhos.

— É... Não quer dizer... Que nos outros dias... você não esteja bonita. Você é bonita sempre. — Ele ficou constrangido.

— Ok, Mike, obrigada.

— Sabe, quando Lauren me disse que você queria esse encontro duplo, eu pensei nossa, ela finalmente reparou em mim.

— Ah, então Lauren falou isso? — Eu não acredito que ela mentiu. Eu nunca falei nada disso, eu nem queria esse encontro, quanto mais um duplo.

— Sim, você não disse? — apesar de Michael ser um menino bonito, com um futuro promissor no futebol, não era algo que me atraía. Na realidade, até hoje ninguém me atraiu. Eu era uma menina tranquila, no meu canto, eu tinha amigos, era popular, mas eu não namorava o Quarterback ou era Líder de Torcida.

Minhas notas eram boas, eu queria ser professora, como minha mãe, sempre vi sua felicidade,

amava seu trabalho e eu também queria amar o meu, saber que você fez parte de muitas vidas, mudando para melhor.

— Para falar a verdade, não. — Ele ficou vermelho e se concentrou na estrada. — Mas não quer dizer que fui obrigada a vir, só que Lauren é tão sutil quanto um ogro.

Compartilhamos uma risada calorosa.

— Isso é verdade, mas estou feliz que ela arranjou esse encontro duplo. — Eu não poderia dizer que seria meu lugar preferido de estar, mas não era insuportável estar ao lado dele. Durante todo o trajeto, até uma lanchonete no centro da cidade, foi divertido, mantemos uma conversa calma e alegre, falando de escola e os olheiros nestes últimos jogos. Ele com certeza conseguirá uma bolsa de estudos, Michael queria muito ser Advogado e o futebol o ajudaria muito na busca deste sonho.

Eu que pensei que ele queria se tornar um grande Quarterback da NFC<sup>[1]</sup>, mas tudo que queria defender inocentes, colocar criminosos atrás das grades e eu admirava muito isso nele.

— Então, seguirá a carreira da sua mãe? — Não pude esconder o meu sorriso ao responder.

— Sim, eu adoro a emoção de ensinar, passar meus conhecimentos ao próximo.

— Isso é ótimo, mas pensei que você quisesse ser uma grande pianista. Sabe, eu já ouvi você tocar e é lindo, você tem dedos mágicos. — Dedos mágicos? Sim, meu pai costumava a me chamar assim, eu adorava a música, tocar era minha vida, mas desde que não fui aceita em Juilliard, meu sonho passou a ser um hobby mesmo e ser professora virou meu sonho.

— Bom, eu adoro tocar piano, mas gosto como um hobby. — Isso era meia verdade, mas estava com vergonha de contar que não fui aceita na grande escola.

— Qualquer dia desses você pode me ensinar a tocar piano.

— Só depois que você me ensinar a jogar. — Sabíamos que era só suposições. Seus dedos eram grandes demais para as teclas do piano, como minhas mãos eram pequenas demais, para segurar com firmeza a bola.

Chegamos a lanchonete, desci do carro, após Mike estacioná-lo.

— Temos um longo encontro pela frente.

Seguimos para o restaurante, pela janela pude ver Lauren sentada com seu encontro, nos esperando. Quando ela me vê, acena e sorri. Clarke estava claramente nervoso, parecia estar suando frio, talvez finalmente ele fosse pedir Lauren em namoro.

Entramos no restaurante, que não estava muito cheio, seguimos até a mesa.

— Oi amiga. — Lauren me puxa para sentar ao seu lado, enquanto Mike estava sentado ao lado

de Clarke.

— Oi Lauren e Clarke.

— Vocês demoraram, houve algum problema? — Questionou Clarke, após chamar a garçonete.

— Não, viemos no horário combinado, acho que vocês que chegaram mais cedo. — Responde Mike, dando risada da situação. Claramente chegaram mais cedo, para poderem ter um tempo a sós, mas não entendia, se eles queriam ficar sozinhos, por que desse encontro duplo?

Então, percebi, esse encontro tinha sido uma forma de fazerem me aproximar de Mike, Lauren era sacana, tive vontade de me levantar e ir embora. Porém, como eu sempre fui uma pessoa muito transparente, olhei brava para ela, que entendeu tudo, apertou minha coxa debaixo da mesa e anunciou:

— Meninos, precisamos ir no banheiro.

— Não precisamos não, ou melhor, não preciso ir. — Ela me olhou e cerrou a mandíbula.

— Nós já voltamos. — Eu tive que sair, para ela passar, que me levou com ela para o banheiro. Precisou estar um pouco longe dos meninos, para revelar o que achava de tudo aquilo.

— Não acredito que me arrastou para esse falso encontro.

— Maya, não é assim.

— Lauren, você sabia que eu não queria vir, mas fez chantagem emocional, alegando que o Clarke só sairia contigo se fosse em um encontro duplo e agora descubro que vocês dois já estão juntos.

— Maya, estou fazendo isso por você, não quero que fique tão isolada. — Estava começando a me irritar, nunca me meti na vida dela, apesar de ser minha amiga, tudo tem limites e se não quero namorar, é porque não quero.

— Lauren, não preciso de você, para ser casamenteira. Quando eu quiser namorar, eu vou, mas não achei ninguém com quem quisesse. Você não está respeitando minhas vontades. — Não havia mais nada a ser dito, dei as costas para ela e segui para a saída, os meninos me viram ir embora, Mike levantou na hora, para me seguir. Não queria papo com ele, pois teria que explicar o motivo de não querer me aproximar dele romanticamente.

Para minha sorte, o carro do xerife, meu pai, estava parado no outro lado da rua. Meu pai, estava saindo da loja de roupa da senhora Reinaldi. Acenei para ele e fui ao seu encontro.

Meu pai era meu porto seguro, ao chegar perto dele, o abracei.

— Oi pequena. — Ele beija minha testa.

— Oi, pai. Você está indo para casa? — Antes que pudesse responder, Mike gritou meu nome do outro lado da rua. O ignorei por um momento e esperei a resposta do meu pai.

— Não, mas posso deixá-la em casa, só me deixe falar com o dono da banca e já vamos. — Acenei com a cabeça, após me afastar.

— Ok, só preciso dar tchau para meu amigo e te espero no carro. — Enquanto ele ia para a banca, atravessei a rua novamente e me encontrei com Mike. — Desculpa ter saído assim. Só fiquei muito irritada com Lauren.

— Não tem problema, para falar a verdade eu meio que pedi que Clarke me ajudasse com você, mas se não quisesse vir, era só não ter vindo. — Eu não queria magoá-lo, sempre fui uma pessoa que se manteve longe de meninos. Nunca achei alguém que me interessasse, claro, já tive meus flertes, mas ele ainda não me interessava romanticamente, apesar da sua bela figura física, queria saber como ele era por dentro.

— Não é você...

— Sou eu... acho que era isso que você queria falar, mas isso não cola mais, ninguém acredita nisso.

— Não era isso, o problema não é você, e sim a mentira da Lauren, odeio mentiras. — Ele confirmou com a cabeça, parecia magoado. Um menino tão grande quanto ele, tinha sentimentos sensíveis. — Mas quando quiser me chamar para sair, peça para mim.

Com isso me afastei dele, estava do outro lado da rua, quando ele gritou:

— Posso pegar seu número com Lauren? — Ele parecia esperançoso.

— Sim. — Foi a única coisa que disse, antes de entrar no carro. Meu pai logo veio para o carro, me deixou em casa e voltou a trabalhar.

Minha mãe estava na cozinha, fazendo um bolo para tomar café da tarde com as professoras, as amigas. Sentei-me na bancada, onde eu poderia ver o que ela estava fazendo e conversar.

Passei o final de semana inteiro em casa, estudando, lendo livros e principalmente ignorando as tentativas de Lauren falar comigo. Era segunda-feira depois da escola, enquanto eu estava caminhando para minha casa, passei em frente ao correio. Eu havia feito um acordo amigável com Lynda, que trabalha no correio. Qualquer carta endereçada a mim, ficaria com ela, assim o carteiro não levaria para minha casa, onde tinha chance do meu pai pegar.

Já havia uma semana que havia enviado a carta, estava com medo de novamente não ter uma resposta. Fiquei alguns minutos sentada no banco de frente ao correio, eu poderia ir verificar, mas não queria. Senti uma imensa saudade do meu irmão.

Levantei-me do banco, pronta para ir embora, já enviei dezenas de cartas, porque ele me

responderia agora. Antes que pudesse sair da calçada do correio, Lynda correu atrás de mim, gritando meu nome e abanando uma carta.

— Oh, minha menina, tenho uma carta para você. —

Meu coração saiu pela boca, me aproximei dela e peguei a carta que me oferecia.

— Muito obrigada, Lynda.

— Não há problema algum, quando precisar só me chamar. — Ela se afastou, eu segurava apertado a carta contra o peito. Apertei os passos até minha casa, o carro do papai estava em frente da casa, escondi a carta na mochila e entrei em casa.

— Filha, você já chegou? — Perguntou meu pai, que deveria estar na sala.

— Sim, pai. Vou subir para estudar. — Tirei meu casaco e coloquei no armário, subi as escadas tentando me conter, queria muito saber a resposta do meu irmão. Ao chegar no meu quarto, tranquei a porta e pulei na minha cama, com a carta em mãos, me senti totalmente esperançosa.

Percebi que era uma letra diferente do meu irmão, que sempre teve uma letra feia, já a da carta era legível e arredondada. Respirei fundo e li o remetente:

**Luke Petkovic, preso 388 - Cella C-66  
CP94964 - Penitenciária Estadual de San Quentin**

Eu não conhecia essa pessoa, provavelmente mandaram a carta errada. Verifiquei o destinatário e era mesmo no meu endereço, com meu nome. Rapidamente abri a carta e li:

*Cara Maya,*

*Você provavelmente não sabe quem sou, mas gostaria de enviar esta carta por seu irmão. Sou colega de cela e acho muito errado você mandar tantas cartas e não haver retorno. Como já deve ter lido no envelope meu nome, mas mesmo assim gostaria de me apresentar, sou Luke Petkovic, preso 388.*

*Em sua carta relata o quanto ficou decepciona e surpresa pelo o que ele fez. Em defesa dele, nós nunca sabemos o que estamos fazendo de fato, tudo acontece tão rápido, que você ficaria surpreendida. Provavelmente não tem mais de dezoito anos, não conhece muito da vida, mas as coisas são diferentes lá fora, imagino que ele ficará para sempre marcado na memória de uma mãe que perdeu seu filho e que ele se arrepende.*

*Não importa a sua criação, se foi em um lar amoroso ou não, não há explicação para o que ele fez, mas você como irmã, ficou ao lado dele, que nem ao menos responde suas cartas com poesia. Não desista dele, pois ele gosta de recebê-las, mesmo que não abra para ler.*

*No escuro, no vazio de uma cela, suas cartas de consolo o fará bem. Não digo isso por experiência, pois nunca recebi uma carta, mas sou um homem acostumado com essa vida, em meio ao caos, eu me sobressaio.*



Nós somos os homens ocos  
Os homens empalhados  
Uns nos outros amparados  
O elmo cheio de nada. Ai de nós!  
Nossas vozes dessecadas,  
Quando juntos sussurramos,  
São quietas e inexpressas  
Como o vento na relva seca  
Ou pés de ratos sobre cacos  
Em nossa adega evaporada  
Fôrma sem forma, sombra sem cor  
Força paralisada, gesto sem vigor;  
Aqueles que atravessaram  
De olhos retos, para o outro reino da morte  
Nos recordam — se o fazem — não como violentas  
Almas danadas, mas apenas  
Como os homens ocos  
Os homens empalhados.

II

Os olhos que temo encontrar em sonhos  
No reino de sonho da morte  
Estes não aparecem:  
Lá, os olhos são como a lâmina  
Do sol nos ossos de uma coluna  
Lá, uma árvore brande os ramos  
E as vozes estão no frêmito  
Do vento que está cantando  
Mais distantes e solenes  
Que uma estrela agonizante.  
Que eu demais não me aproxime  
Do reino de sonho da morte  
Que eu possa trajar ainda  
Esses tácitos disfarces  
Pele de rato, plumas de corvo, estacas cruzadas  
E comportar-me num campo  
Como o vento se comporta  
Nem mais um passo  
— Não este encontro derradeiro  
No reino crepuscular

(Trecho de **Os Homens Ocos**, de T.S. Eliot.)

De Luke, para a garota de poesias bonitas.

Eu estava boquiaberta, nunca recebi uma carta desta maneira, de repente eu queria escrever cartas para ele, que se diz ser um homem acostumado com o vazio. Não entendi de fato o que estava fazendo, somente peguei uma caneta e papel e comecei a escrever.



# Capítulo 3

**Penitenciária Estadual de**

**San Quentin**  
Cela C-66.

Luke Petkovic

55

56

57

58

59

60...

— Detento, carta para você. — Continuei com minha flexão, estava claro que não era para mim.  
— Detento!!! — Ele gritou.

Parei de fazer minha flexão, nervoso. Soquei o braço do meu colega de cela.

— Levanta, carta para você.

— Não, a carta é para você, detento. — Virei-me para ele.

— Falou que é minha?

— Sim, você não é Luke Petkovic. — Confirmei com a cabeça, me aproximei das grades e peguei a carta entre os ferros.

— Não foi você que disse que não tinha família.

— Foi, mas parece que alguém se lembrou de mim. — Sentei-me na minha cama, quando fui olhar o remetente, quase fiquei surpreso, mas uma parte de mim sabia que ela me responderia de volta, não sei bem o motivo.

A carta já estava aberta, então tirei a carta, um cheiro de flores tomou conta. Levei a carta até o nariz e senti um cheiro doce, não pude deixar de rir. Não acreditei que ela poderia borrifar perfume na folha, confesso que gostei, fazia um tempo que não sentia um perfume assim. Apesar do meu rolo com a diretora do presídio, ela nunca cheira a rosas.

Abri a carta com um sorriso no rosto.

*(Caro) querido Luke,*

*Eu realmente não esperava uma resposta, quando soube que havia uma carta para mim, meu coração quase saiu pela boca. A princípio pensei que fosse do meu irmão, então fui para minha casa (correndo), assim poderia ler com calma, mas para minha surpresa era de um preso diferente, o preso 388 e também colega de cela do meu irmão.*

*Eu poderia contar os motivos pelos quais me levou a escrever essa carta, mas você me acharia estranha. Quando li sua carta, me senti tocada, como nas palavras do poema.*

" [...]

Nós recordamos — se o fazem — não como violentos.

Almas danadas, mas apenas

Como homens ocos

Os homens empalhados

[...]"

O principal motivo de haver um retorno é que quando você escreveu " nunca recebi uma carta, mas sou um homem acostumado com essa vida, em meio ao caos, eu sobressaio." Ninguém é acostumado com o vazio, ainda mais em uma cela vazia e fria. Não estou com pena, longe disso, mas algumas palavras trocadas não farão mal a ninguém.

Bom, também não recebi resposta do meu irmão e isso é muito chato. Decidi não fazer como você, saiba também que pode sempre mandar cartas para mim. Na verdade, eu adoro escrevê-las, hoje em dia quase ninguém usa esse modo de contato.

Termino essa longa carta, com um poema que sempre me fez refletir muito.

~ Soneto 18 ~

Se te comparo a um dia de verão  
És por certo mais belo e mais ameno  
O vento espalha as folhas pelo chão  
E o tempo do verão é bem pequeno.

Às vezes brilha o Sol em demasia  
Outras vezes desmaia com frieza;  
O que é belo declina num só dia,  
Na terna mutação da natureza.

Mas em ti o verão será eterno,  
E a beleza que tens não perderás;  
Nem chegarás da morte ao triste inverno:

Nestas linhas com o tempo crescerás.  
E enquanto nesta terra houver um ser,  
Meus versos vivos te farão viver.

-William Shakespeare

Após terminar de ler a carta, fico um tempo olhando para a parede, onde penso sobre as palavras escritas para mim. Uma jovem menina, pois ainda não era de fato uma mulher, que escrevia como uma, estava tentando deixar claro que achava a minha vida vazia.

Eu não comecei a escrever, pois estava pensando em o que falar. Não sabia se eu deveria responder, eu deveria?

Aliás, acho que não, ela era irmã do meu colega de cela, eu era um prisioneiro e era muito nova. Se fosse o pai dela, nunca gostaria que trocasse carta com um presidiário, mas me senti incomodado de não receber outra carta, era uma ótima sensação, como se houvesse uma motivação no meu dia a dia. Sentei-me na cadeira, procurei papel e caneta, logo comecei a escrever uma carta.

Após terminá-la, um guarda bate na minha grade.

— Detento 388, uma visita para você. — Coloquei a carta embaixo do meu travesseiro e o acompanhei. Os presidiários me observaram, nenhum deles me encararam, eu era uma pessoa na minha, mas logo no primeiro dia, um cara folgado veio para cima de mim e eu o matei. Isso deixou um aviso sobre mim, mas logo souberam o meu sobrenome e então começaram a me respeitar ainda mais. Não era um homem que deveria ser afrontado, meu temperamento era pávio curto, estourava fácil.

Quando você cresce ao redor de tanta violência, você se torna violento, não era para menos que estava preso.

Levaram-me para uma sala de interrogatório, eu sabia quem entraria pela aquela porta. Assim que ouvi a porta se abrindo, mantive minha cabeça reta, os saltos daquela filha da puta fizeram barulho no chão. Para minha total angústia Tessa estava me "visitando".

— Detento 388, está com bom comportamento, fora um pequeno incidente no primeiro dia. — ela entrou no meu campo de visão, quase voei em cima dela, mas eu nunca batia em mulher.

— O que você quer, Tessa?

— Vamos lá, detento, me chame pelo meu sobrenome.

— Vai se *fuder*, Tessa. — Eu odiava aquela mulher, a puta de uma federal. Antes de ser preso, eu me envolvi com ela, mas logo descobri que ela era uma puta mentirosa, estava comigo para descobrir o que sabia, não foi um relacionamento, mas primeiro ela se aproximou como uma amiga e depois transamos, foi neste mesmo dia que descobri a verdade sobre ela, logo em seguida fui preso.

— Mais respeito, por favor.

— Tessa, vamos parar com esse joguinho, não tenho nada a dizer, e mesmo que tivesse, não vou sair daqui, não é mesmo!?

— Podemos dar regalias, o que você quer?

— Quero que você se foda e me deixe em paz. — Ela cerrou o maxilar, se aproximou e sentou na beira da mesa.

— Luke, não faça isso difícil. — Estava ficando irritado com essa mulher, sempre a mesma ladainha.

— Não tenho nada a dizer. — Cruzei os braços sobre o peito e olhei para a parede, ignorando completamente suas próximas palavras.

— Luke, me ouça.

— Não quero ouvir nada, não tenho nada para falar. — gritei ao bater ambas as mãos na mesa de metal. — Eu quero sair. — anunciei.

— Você está cometendo um erro. — A porta se abriu, me levante e caminhei sem olhar para trás.

(...)

Maya

Depois que mandei aquela carta, fiquei muito ansiosa, queria que ele respondesse, mas não sabia

como ele reagiria, não seria a coisa mais certa trocar cartas com um detento. Caso meu pai descobrisse, sabia que estava errada, mas mesmo assim estava me arriscado.

Eu sempre fui muito certinha, minhas notas eram boas, tinha o dom da música e sempre fui uma filha prestativa. Isso foi de longe a coisa mais perigosa que já fiz, mentir para meus pais era de certa forma muito ruim. Eu odiava mentiras, mas me vi obrigada a fazer tal coisa.

Há uma semana enviei a carta, ele já deveria ter recebido, o presídio não era muito longe. Naquele final de semana, fiquei procurando os melhores poemas, que se encaixavam com Luke.

Houve uma batida na minha porta, recolhi todos os livros de poesia e falei que podia entrar. Mamãe apareceu, ela entrou e se sentou na ponta da minha cama.

— Esta tudo bem, querida?

— Sim mamãe, por que pergunta? — Colocou uma mecha solta do seu cabelo atrás da orelha e respirou fundo.

— Não é nada, só que ultimamente você está estranha. — Era difícil mentir para minha mãe, sempre fomos muito amigas.

— Não há nada, estou um pouco abalada com Ed. — ela suspirou e se aproximou. Ao invés de falar apenas me puxou para um abraço apertado, ficamos assim por um tempo, então percebo que ela estava chorando. — Mamãe, está tudo bem?

— Não, não está tudo bem. — Estava soluçando.

— Vai ficar tudo bem...

— Eu sinto tanta saudade do meu filho e seu pai não deixa visitá-lo, diz que cadeia não é lugar de mulher. Não posso nem mandar cartas, não consigo me comunicar com o meu filho. — Esfreguei suas costas e sucumbi o desejo de revelar que havia tentando entrar em contato com ele. Minha mãe estava triste, tinha perdido o filho, não podia entrar em contato com ele.

— O papai, está muito magoado com ele, mas isso tudo logo vai passar. — Se afastou, limpou as



lágrimas com as mãos e tentou sorrir.

— Oh querida, seu pai está firme na decisão, ele não quer mais contato.

— Um dia ele vai sair, mamãe, voltaremos a ser a mesma família de antes. — Por algum motivo eu não acreditava em minhas próprias palavras, estava tudo acabado, tudo. Nunca seríamos a mesma família, eu provavelmente logo seria mandada para faculdade, passaria longos anos longe da família, voltaria a minha cidade natal é mesmo assim nada voltaria a ser como antes.

Nada das minhas brigas com Ed, sobre quem comeu o cereal. Ou o papai elogiando Ed por causa do futebol, nada mais de janta em família. Tudo tinha mudado, mamãe se culpava pelo o que ele fez, papai tinha vergonha e estava decepcionado com seu garoto.

Todos nós estávamos decepcionados com ele, ninguém esperava isso dele.

— Sim, querida. Estamos torcendo para isso. — Ela se inclinou, beijou minha testa e saiu do meu quarto.

Deito-me na cama, olhando para o teto e pensando no sofrimento de meus pais. Meu celular tocou, ainda não tinha feito as pazes com Lauren, mas sentia saudades da nossa amizade.

— Oi Lauren.

— Ah... Não é a Lauren, sou eu, o Mike. — de imediato fiquei surpresa, achei que ele não me ligaria depois da confusão na lanchonete.

— Oi, Mike, mas esse é o número dela e achei que fosse a mesma.

— Então, estamos naquela mesma lanchonete, e como você disse, caso eu quisesse te chamar para sair, teria que fazer pessoalmente. — Ele estava me chamando para sair, eu poderia recusar e ficar o resto da tarde pensando na desgraça da minha família. Ou poderia passar o resto da tarde, com eles, onde eu ficaria de fora, mas eu comeria um lanche, então escolhi a última opção.

— Então, você está me chamando para sair?

— Sim, mas espera. Vou fazer da forma certa. — A linha ficou muda, então ele limpou a garganta e disse: — Maya, eu queria muito que você me acompanhasse em um encontro de casal, segundo Lauren, só conseguiremos um encontro sozinho, quando eu passar na aprovação dela.

— Eu gostaria muito de ir. Vou me arrumar e te encontro na lanchonete em meia hora.

— Não, como é um encontro, estou indo te buscar.

— Não precisa, você já está aí, para que voltar? — Não precisava, eu poderia ir, se fosse com ele, teria que voltar com ele, não quero explicar para meu pai o porquê de alguém me deixar em casa.

— Não tem problema, passo aí daqui uns vinte minutos. — Ele encerrou a chamada, um sorriso bobo surgiu em meu rosto.

Pulei da cama e fui me trocar, estava saindo de casa, quando mamãe me parou.

— Você vai sair?

— Sim, vou me encontrar com Lauren. — Ela balançou a cabeça, enquanto secava a mão no pano de prato.

— Então não vai jantar?

— Não, mamãe. — Ela ficou um tempo me analisando e depois balançou a cabeça.

— Tudo bem, querida. Vai querer que o papai a busque?

— Não, vou voltar com a Lauren. — Aproximei-me e beijei seu rosto.

— Tome cuidado e não volte tarde. — Confirmei e sai de casa. Ele já estava me esperando, subi em seu carro e o cumprimentei com beijo no rosto.

— Pronta para esse encontro.

— Sim. — Forcei um sorriso e partimos.



## Capítulo 4

4

Estávamos sentados comendo uma porção de batata frita com bacon, enquanto Lauren não parava de falar. Eu a adorava, mas às vezes minha amiga podia ser chata, mas eu estava relevando, fazia algum tempo em que eu estava evitando-a por causa da nossa última briga.

O resto da tarde passou rapidamente, terminamos em uma sorveteria, Lauren foi embora com Clarke, já eu, com o Mike. Durante todo o encontro ele foi um lorde, sempre me perguntando se eu queria algo e a conversa fluiu livremente.

A caminho de casa, ficamos silenciosos, mas por algum motivo parecia que ele tinha algo para falar. Assim que parou na frente da minha casa, ele suspirou e disse:

— Foi uma ótima tarde.

— Foi sim, obrigada por me trazer em casa. — Inclinei-me para beijar sua bochecha, quando meus lábios tocaram sua pele, pude sentir ele estremecer. Eu nunca tinha afetado tanto um homem, ainda mais com um simples beijo de despedida na bochecha. — Tchau, até amanhã na escola.

— Até. — Sai do carro e acenei, ele me esperou entrar em casa para partir. Meus pais não estavam à vista, subi para o meu quarto, onde eu poderia contar o que aconteceu no carro para Lauren.

Jogo minha bolsa no chão, ao entrar no meu quarto, me sento na cama e digito para Lauren.

→ *Cheguei agora, sã e salva. - Eu*

→ *Ah, que bom. Estava preocupada se rolaria algo mais. Tipo um beijo, rolou? — Lauren*

→ *Você é muito curiosa, não rolou um beijo, só um na bochecha. Somos amigos e nem quero começar um relacionamento, esse é nosso último ano. — Eu*

→ *Acho que você está com medo de se apegar e no final do ano ter que separar dele. — Lauren*

→ *Eu realmente não sei, não me sinto encantada por ele. — Eu*

→ *Como não? O cara é um deus grego. ?? — Lauren*

→ *Sinto em lhe dizer, mas eu gosto mesmo é de como a pessoa é por dentro. — Eu*

→ *Ah, não. Hahahahahhahah só você para me fazer rir, eu acho que você deveria namorar com ele, ou vai manter o cinturão de castidade? — Lauren*

→ *Não começa, não estou preparada para um relacionamento, podemos curtir. — Eu*

→ *Falando em curtir, na sexta tem uma festa para irmos. — Lauren*

→ *Mais um encontro arranjado? Estou fora. — Eu*

→ *Não, é uma festa da Ralph, vai ser muito legal. Você tem que ir. — Lauren*

Eu tinha muita coisa para colocar em dia, alguns trabalhos para fazer, livros para ler, mas eu acho que conseguia fazer tudo isso antes da sexta.

→ *Tudo bem, mas vou voltar às 11 horas. — Eu*

→ *Pelo amor de Deus, “veia”. Você só vai sair de lá à uma da madrugada. — Lauren*

→ *Me recuso, volto à meia-noite então. Nem um minuto a mais. ?? — Eu*

→ *Tudo bem, não se esqueça de colocar uma roupa sexy. — Lauren*

→ *Calça, tênis e blusa. Nada mais. Hahahahhah — Eu*

→ *Típico de você. — Lauren*

→ *Preciso ir, tchau. — Lauren*

→ *Beijos, até amanhã na escola. — Eu*

Jogo meu celular na cama e vou tomar banho. Imagino o que Luke achará ao receber uma resposta. Ele falou que estava acostumado com a solidão, mas como alguém poderia ficar tanto tempo assim na escuridão. Tentei imaginar como ele era, se tinha cabelos loiros ou castanhos, talvez fosse ruivo, já que seu sobrenome é Russo. Provavelmente com olhos azuis, ou castanho.

A verdade era que eu não sabia com quem estava trocando cartas. Ele podia ser um serial Killer, um estuprador, um ladrão. Ah, eu estava sendo uma idiota em falar com um criminoso, pois tenho certeza que ele não foi preso por ser um Robin Hood dos tempos modernos.

Por algum motivo, eu estava fascinada por ele, que me mandava poesias também, que combinava perfeitamente com o assunto descrito em sua carta. Ele escrevia perfeitamente, com coerência, não

era um homem qualquer e sim estudado. Possivelmente criado muito bem, então me levou a pensar que tipos de crimes ele cometeu. Poderia um homem que escreve palavras tão bonitas ser alguém tão desumano, quanto um estuprador ou assassino? Eu não sabia de fato, mas estava pronta para descobrir, Luke me fascinava.

Decidida parar de pensar nisso, peguei meu notebook e entrei no Google. Com certo receio digitei seu nome.

Luke Petkovic

Sua pesquisa – **Luke Petkovic** - não encontrou nenhum documento correspondente.

Isso era estranho, quem não tinha dados no Google, isso me deixou com a pulga atrás da orelha. Coloquei o notebook de lado, então voltei a deitar e a bufar. Queria escrever mais uma carta, perguntar tudo sobre ele; quem era? Onde morava? Qual crime cometeu? Como era fisicamente? E por que me intrigava tanto.

Eu como uma pessoa curiosa, estava roendo as unhas, queria o quanto antes mais uma carta dele.

Era finalmente sexta, fim da semana e o dia da festa, fora isso mais um dia na esperança de receber uma carta.

O sinal bateu, coloquei todo meu material na bolsa rapidamente. Mike, Lauren e Clarke me esperavam na porta da sala de aula. Lauren que tinha assumido de fato seu namoro com Clarke, estava agarrada a ele, então Mike e eu ficávamos de lado.

— Tudo pronto para hoje?

—Sim, tudo pronto. — Caminhamos até a saída, Lauren se despediu dos meninos e seguimos caminhos separados deles.

—Hoje vou te levar para comprar uma roupa sexy.

—Sexy? Eu? — Eu tinha dezessete anos de idade, desprovida das curvas generosas e peitões, ao contrário de Lauren.

—Sim, você é linda, um pouco magra, mas ficará linda no que eu tenho em mente. — Ela me arrastou para muitas lojas, acabei comprando uma calça jeans muito justa, uma blusinha e sapatilhas.

Ela me acompanhou até em casa, quando ela desapareceu da minha vista, fui direto para o correio, Lynda estava fechando o correio, quando cheguei atrasada, chamando seu nome.

—Lynda, Lynda. Me espere. — Virou o rosto para ver quem era.

— Oh, Maya, você aí. — Cheguei perto dela ofegante, senão a encontrasse a tempo, só saberia

se haveria uma carta para mim na segunda-feira, morreria de curiosidade até lá.

—Por favor, diz que tem uma carta para mim? — Coloquei a mão no peito e respirei fundo.

—Olha, tenho algo para você, mas gostaria de conversar com você. — Torci os lábios e acenei com a cabeça.

— Ok, enquanto fecha a loja, vou te esperar no banco. — Afastei-me dela, para sentar no banco. Quando ela se sentou ao meu lado e segurou minhas mãos, já sabia o que estava por vir.

— Eu sou uma grande amiga da sua mãe, ela até mesmo é professora da Liza, minha filha. Então, eu tenho dever de ser uma boa adulta e lhe dar dicas. — Respirou fundo e então continuou: — Até então, não tinha reparado, uma coisa é você falar com seu irmão e outra é trocar cartas com outro detento. Você não o conhece e não deveria falar com ele.

— Está tudo bem, é um trabalho da escola. — Menti. — Inicialmente queria trocar cartas com meu irmão, como não houve resposta, tive que endereçar a carta para outro remetente.

Ela abriu um sorriso satisfeito, convencida da minha mentira.

— Então, fico muito feliz. — Ela me abraçou. Eu não estava feliz em mentir, mas não podia parar de falar com ele, enquanto eu não soubesse mais dele.

— Afinal... tem uma carta para mim?

— Sim, chegou "agorinha". — Ela me entregou a carta e partiu.

Fui para casa em passos apertados, subi a escada correndo, com a carta em mãos. Essa cena já estava ficando familiar, pois toda vez que recebia uma carta dele ficava nessa ansiedade. Joguei-me na cama e rapidamente abri a carta.

Menina de versos bonitos...

Em cada momento na minha vida, passei sozinho. Nunca tive amigos de fato, apenas aqueles que queriam estar ao meu lado, por ser quem sou. Isso nunca me incomodou, acho que sou uma alma solitária e confesso que é muito difícil escrever essas cartas. Eu tenho uma irmã que nunca tive muito contato, então de certa forma eu vejo você nela, não fisicamente, pois são diferentes, enquanto seus cabelos são da cor do sol e olhos claros como o céu, Luiza tem cabelos e olhos castanhos.

Você também deve estar se perguntando como sei suas características físicas, pois bem, seu irmão tem uma foto da família, de alguns anos, mas deu para matar a curiosidade de quem está falando comigo.

Aliás, alguém sabe que você troca cartas com um detento? Não é por nada, mas você não me conhece, não sabe quem sou ou que fiz para estar aqui, isso é muito perigoso, eu sou perigoso. Não tem medo? Foi nesta questão que me lembrei de minha irmã em você, pois é nova, não sabe

nada da minha vida, do meu passado e mesmo assim continua a se comunicar comigo. Mas não farei mudar de ideia, pela primeira vez gosto de me comunicar com alguém.

Fico me perguntando que tipo de filme gosta de assistir, você parece do tipo que assiste documentários, caso tenha acertado, fico feliz, pois eu adoro documentários, seja de animais selvagens, Segunda Guerra Mundial ou restauração de carro.

Eu gostaria de conhecer mais de você, então proponho um acordo: — Em cada carta fazemos uma pergunta (qualquer pergunta) e somos obrigados a responder.

**De Luke, um possível assassino em série...**

*Ao longe, ao luar,*

*No rio urna vela*

*Serena a passar,*

*Que é que me revela?*

*Não sei, mas meu ser*

*Tornou-se-me estranho,*

*E eu sonho sem ver*

*Os sonhos que tenho.*

*Que angústia me enlaça?*

*Que amor não se explica*

*É a vela que passa*

*Na noite que fica – **Fernando Pessoa***

Após terminar a carta, não pude deixar de rir. Ele mal me conhecia, teve pouco contato e por uma foto, pôde acertar alguns aspectos da minha vida. Hoje mais cedo estava pensando que ele poderia ser um assassino em série, mas eu tinha certeza que esse não era o caso. Como alguém que escreve palavras que me atingem profundamente pode ser um assassino. Seria mesmo que tivesse um bom coração? Eu também não deveria ficar com medo dele saber quem sou eu de fato e eu só saber seu nome?

Era claro que eu deveria ficar com medo, mas eu não sabia o porquê ele me cativava tanto, queria saber tudo dele, cada parte do seu passado e de como ele se tornou um homem sombrio. Ele mesmo se intitulava “perigoso”? Mas o quanto perigoso ele poderia ser? Mesmo com tantas perguntas sem resposta, eu queria me arriscar e continuar a trocar cartas com ele, por isso a



primeira coisa que fiz, após ler, foi escrever.

Colocar nesta carta meus receios em relação a ele e responder o que eu gostava de assistir.



## Capítulo 5

5

Maya.

Lauren estava na minha casa, para nós arrumarmos juntas, assim os meninos poderiam nos pegar na minha casa e só iríamos com um carro. Mike com certeza seria o motorista da vez, não beberia, na verdade nem eu, mas como não dirigia, não serviria de nada.

Vestindo um vestido colado como uma segunda pele, eu me aproximei de Lauren, que estava passando tanto perfume, que só Deus na causa dela.

— Pronta, amiga?

— Sim, amiga. — Ela se virou para mim, estava linda, mesmo que tenha passando muita maquiagem.

— Então, vamos, eles logo chegarão e parece que meu pai quer falar com ele. — Ela torceu os lábios e então com um pincel pincelou minhas bochechas. — O que estava passando em mim?

—Um pouco de blush, está muito pálida. — Ela me entregou um gloss, passei-o e logo me arrependi, tinha uma textura grudenta e meus cabelos grudavam na minha boca.

— Amiga, você viu minha bolsa? — Eu não era muito fã de Lauren na minha casa, eu a amava, como minha irmã de outra mãe, mas sempre fazia uma bagunça e hoje não era diferente. Tinha roupas esparramadas pelo quarto, portas abertas e maquiagens jogadas.

— Não, deve ter caído no chão. Vou ver no banheiro, só para ter certeza. — Sai do quarto e fui até o banheiro, mas a bolsa não estava, peguei duas blusas que estavam jogadas no chão e voltei para o meu quarto.

Surpreendi-me ao encontrá-la com as minhas cartas, ela estava boquiaberta, olhando fixamente

para uma carta.

— O que você está fazendo? — Ela era minha amiga, mas não tinha o direito de mexer em coisas tão pessoais, ainda mais lê-las.

— O que estou fazendo? O que você está fazendo, esse tal de Luke não é seu irmão.

— Isso não é da sua conta, não é para ler essas cartas. Apressei-me para tirar as cartas de sua mão, mas ela manteve firme, eu estava muito brava com ela, me sentindo invadida.

—Você é minha amiga, meu dever é cuidar de você. Quem é esse tal de Luke?

— Não vou te contar nada, saiba que eu e Luke somos amigos.

— Amigos? Como assim amigos? Ele é um detento, você nem deve saber qual foi o delito que ele cometeu e está aí, sendo amiguinha dele. — Não esperei ela dizer mais nada, puxei as cartas de sua mão e desta vez ela liberou.

— Chega, não me venha com lição de moral, você já namorou um traficante.

— Sim e olha o que aconteceu. — Há um tempo ela namorou uma traficante, conquistou-a com um sorriso malicioso, eles namoraram por um ano, ela acabou grávida, eles estavam com planos de casar, mas por alguma reviravolta que teve com a família dele, eles acabaram separados e ela teve um aborto espontâneo. Isso não fazia muito tempo, e agora ela estava seguindo em frente.

— Eu não vou namorá-lo, na verdade eu nunca vou conhecê-lo, nem transar com ele e muito menos engravidar.

— Você nunca sabe, vai que ele se apaixone, fuja da cadeia e venha sequestrar você. — Sentei-me ao lado dela e suspirei.

— Só nos meus sonhos... É só algo para passar o tempo, no início mandei cartas para o meu irmão, só que não me respondia, então Luke respondeu, dizendo que era errado da parte dele, mas que ele estava bem, então começamos essa amizade, eu gosto dele, mas somos só amigos.

— Bom, seria muito ruim você se apaixonar pelo remente de suas cartas, você não o conhece, pode estar falando com um velho estuprador de oitenta e cinco anos.

— Acho que não, toda vez que sonho com ele o vejo como um jovem de vinte e tantos anos, cabelo escuro e olhos azuis profundos.

— Sim, um príncipe encantado. — Ela me abraçou, e passamos alguns minutos assim, até minha mãe nos chamar.

— Lauren, Maya, tem dois rapazes bonitos aqui, esperando vocês.

— Precisamos ir, ou meu pai vai aterrorizá-los. — Nós separamos com muito esforço, por mim

mandaríamos eles embora e passaríamos o resto da noite assistindo seriado coreano e paquerando Lee Min Ho.

Eu era uma grande fã de “Doramos” e ficava horas assistindo, com toda essa coisa do Luke, acabei deixando de lado.

— Ah, achei minha bolsa. — Declarou Lauren, ao sairmos do quarto.

— Onde estava?

— Onde você disse que estaria, no chão. — Descemos a escada e encontramos os meninos, pela primeira vez percebi o quanto Mike era realmente bonito, eu poderia me divertir nesta noite, fazer novas amizades e talvez deixasse que ele se aproximasse mais.

— Querida, acabei de conhecer esses dois belos rapazes, já estão cientes que sou o Xerife da cidade e que se vocês não estiverem aqui até às três da madrugada, metade da cidade estará atrás deles.

— Senhor, pode ficar tranquilo, cuidarei de sua filha com a minha vida.

— Deve respeitá-la como uma irmã também. — argumentou meu pai.

— Papai, não precisa exagerar. — Parti para intervir, senão papai o espantaria rapidamente.

— Não estou exagerando, três horas da madrugada, nem um minuto a mais.

— Pode deixar, Xerife. — Então, com o consentimento do meu pai, saímos de casa.

— Caralho, seu pai é duro. — Os meninos estavam dando risada, mas eu e Lauren sabíamos que ele não fazia promessas em vão, às três horas da madrugada era para estarmos aqui, sem falta.

— Sim, ele está acostumado a ser respeitado, é o xerife da cidade. — Mike abre a porta para mim, sentei com ele na frente, enquanto Clarke e Lauren ficaram atrás.

Mesmo não sendo fã número 1 de Clarke, ela merecia ser feliz e eu estava feliz, se ela estivesse. Peguei meu celular e olhei o horário, por um momento me perguntei o que Luke estaria fazendo agora. Estaria dormindo ou lendo? Talvez conversando com meu irmão, eles eram colegas de cela e provavelmente amigos. Eu não sabia realmente como funcionava uma prisão, tudo que sabia era da série Prison Break, na qual sou viciada, assisti a série toda umas três vezes. Quando se é uma pessoa como eu, sempre fica apegada a série de televisão e livros.

Minha mãe muitas vezes reclamava que passava tempo demais dentro do quarto, ao contrário do meu pai, ela adorava quando eu saía, fazia novos amigos e me divertia. Ela sempre ficava me perguntando se eu estava namorando ou se estava ficando, eu sempre negava, pois, mamãe chegava a ser chata, não gosto de falar abertamente de meus sentimentos.

Durante todo o percurso até a festa, Lauren monopolizou a conversa, falando do seu dia, fiquei feliz por isso, assim não tinha que falar e só escutar.

A festa era na casa de um amigo em comum, já estava lotada e nem era meia-noite, já havia jovens bêbados no jardim, namoradas brigando com os namorados na calçada e um drogado gritando da escada, uma típica festa adolescente. Imagino que não demoraria muito para meu pai aparecer, com o volume alto da música e os jovens bêbados, logo os vizinhos chamariam o Xerife.

Eu conhecia todas aquelas pessoas, quando passamos pelo jardim, vários nos cumprimentaram e algumas meninas reviraram os olhos. Eu estava na minha, não era acostumada nesse tipo de ambiente.

Mike se mantinha atrás de mim, cada passo que dava, ele me seguia. Lauren havia sumido na multidão e eu me encontrava sozinha com Mike na cozinha.

— Mike, você está me sufocando. — Ele parecia surpreso com aquela declaração, o garotão parecia envergonhado.

— Desculpa, só queria que você não se sentisse sozinha. — Meu coração pesou, eu não sabia o porquê insistia nessa tal de "amizade". Nós éramos amigos e mesmo que namorássemos, eu não me envolveria emocionante. No final deste ano ele partiria para uma grande faculdade, e logo seria um jogador da NFL.

Eu queria uma vida simples, sendo professora e vivendo em uma casa modesta nesta mesma cidade. Eu não tinha grandes sonhos e nem ganância que muitas pessoas que conheço.

Muitas querem ser ricas, vencer na vida, escalar o monte Everest ou a K2, eu só queria viver uma vida tranquila.

Eu gostava da música, gostava da vida pacata em uma cidade pequena, gostava de conhecer todos e gostaria de viver aqui até o final da minha vida.

É lógico que quero viajar, conhecer outros países, ver novas culturas, mas a minha vida é aqui:

(...)

Luke

Estava com a carta de Maya na mão, o sol queimava minhas costas nua. Eu estava com receio de reler, não compreendia o motivo, mas me sentia assim.

Já estava acabando nosso intervalo, logo teria que voltar para a cela, mas as coisas não seriam tão simples assim. Heitor, um novo presidiário, estava me encarando, ele passava horas me encarando e isso não é legal.

O sinal bateu, sinalizando o final do intervalo. Levantei meu corpo dolorido, de tanto jogar basquete, meu corpo suado estava me deixando desconfortável. Passei pelo Heitor, que me seguiu,

isso tinha que acabar, e só havia uma maneira.

Coloquei a carta no bolso da camisa e me virei, pronto para a briga.

— E aí mano, qual seu problema? — Estudei o peito e me aproximei.

— Não sei, talvez seja você o problema. — Os detentos nos cercaram, era oficialmente uma briga.

— Bom, então deixe eu resolver esse problema. — dei um sorriso falso. Eu era maior que ele, na verdade, eu era maior que muita gente, com uma grande estrutura.

Tudo começou com um soco, então eu virei outra pessoa. Já não era o Luke, um detento na sua, somente cumprindo a pena e sim Beast.

Agarrei a cabeça dele e levei de encontro com meu joelho, repetidas vezes. Ele ficou meio tonto, mas agarrou minha cintura e me empurrou para atrás, caímos no chão, eu socava as costas dele, até que consegui ficar em cima dele. Agarrei seu cabelo longo e empurrei sua cabeça no chão, tinha tanto sangue em minhas mãos, ele já havia perdido as forças, mas quando me transformo no Beast, só acaba com a pessoa morta.

Fui ensinado assim, tudo ou nada, só acaba com alguma pessoa morta.

Na última vez, empurrei com toda força que pude e ouvi ossos quebrando. Eu continuaria, mas começaram a soltar bomba de efeito moral. Sai de cima dele, e a necessidade de um cigarro ou bebida alcoólica me dominou. Eu queria terminar, ele estava vivo, estava se mexendo, ninguém o ajudou, ninguém ousaria.

Eu era um homem criado para matar, todos sabiam e não adiantava, Lúcifer poderia mandar trezentos homens para me matar e eu arranjaría um jeito de me salvar. Esse tal de Heitor devia ser coisa dele, talvez soubesse que a federal veio me pressionar para falar.

Os guardas vieram nos levar para dentro, Heitor para a enfermaria e eu para a Diretoria.

Parecia que estava na escola. Brigou, vai para Diretoria. Fiquei esperando durante uma hora, até a Diretora do presídio chegar, já era de se esperar que a ruiva gostosa e safada estava brava.

— Petkovic agora na minha sala. — Eu a segui como um cachorro, vamos ver se ela me dará um castigo ruim. Talvez duas semanas na solitária? Bom, aprecio essa ideia, mas infelizmente não receberia cartas de Maya, na qual estava esperando ansiosamente.

— Bom, eu só queria deixar claro, que ele que começou. — Ela me fitou, então suspirou.

— Que merda Luke, mantenha a cabeça fria, agora sou obrigada a te colocar na solitária. Uma semana no mínimo.

— Eu não vou fazer nenhuma objeção, como é quem manda aqui. — Sentei-me na sua cadeira de rodinhas, até mesmo dei uma girada.

— Pode parar com isso. — Ela me lembrava a uma mãe, sempre mandona, mas quem transava com a mãe? Ninguém.

— Diretora, relaxa e goza. — Ela jogou uma caneta em mim, dei uma risada profunda.

— Nada para você, está na solitária por duas semanas.

— Duas semanas? Ele que começou a briga.

— Luke, você o matou, isso poderia aumentar sua pena, mas não tem como mesmo. Então duas semanas na solitária.

— Que merda, Ruivinha. — Aproximei-me dela e a beijei. Tínhamos esse caso há muito tempo, ela era casada com um merda e eu era a diversão da diretora. Eu gostava desta imagem de sentenciou come a diretora, me dava tensão. Ela se afastou de mim e sorriu maliciosamente.

— Fora da minha sala, te vejo em duas semanas. — Ela abriu a porta e se pendurou nela, com um sorriso malvado me aproximei dela e a puxei contra mim e com a outra mão bati a porta com força.

— Não sou homem de jogos, não brinque comigo. — Abri os botões da sua camisa social.

— Não se esqueça qual é seu lugar aqui, você continua sendo um detento e eu a diretora. — minha mão subiu até sua garganta, apertando com força e a levantando.

— Eu sei o meu lugar, você até pode ser a diretora desta merda, mas quem manda sou eu. Eu não preciso de dinheiro, não preciso de homens ao meu lado, tudo que preciso é de mim mesmo. Me ameace novamente, então você se arrependerá, não tenho nada a perder. — quando a soltei, ela caiu no chão, já estava com o rosto vermelho e olhos arregalados.

Afastei-me dela e fui até sua mesa, na última gaveta peguei um preservativo e voltei, ela já estava me esperando apoiada na mesa e com a bunda para cima.

A diretora era gostosa e a única mulher que estive nos últimos cinco anos da minha vida, quando fui condenado, já sabia que viraria um monge, pois eu não era bissexual, na minha vida só tive um problema, ser mulherengo.

Nunca me casei e tive filhos — que eu saiba, é lógico. — mas mesmo assim, nunca cheguei a me pegar, mas era só um rabo de saia aparecer e eu me desconcentrava.

Levantei a saia lápis da diretora até a cintura, a safada estava sem calcinha, como eu gostava. Provavelmente quando soube que estava esperando por ela, fugiu para o banheiro, tirou sua calcinha e agora estava com ela na boca.

Puxo meu calção para baixo, com o auxílio dos dentes, rasgo o pacote do preservativo e puxo o látex para fora.

— Você é uma grande vadia, tirou a calcinha quando soube que estava te esperando? — ela não respondeu, então bati na sua bunda, ela resmungou e então respondeu:

— Sempre. — sempre fui muito possessivo, o que era meu, era meu. Mesmo que ela fosse casada com um alcoólatra que batia nela, me admirava que uma mulher como ela aguentava isso, convivia em um recinto cheio de pessoas perigosas e batia de frente com os presos.

Coloquei a camisinha e me aproximei dela, ao tocar sua cintura, para firmar seu corpo, ela choramingou.

— Ele te bateu de novo? — ela ficou em silêncio, me afastei dela e subi sua blusa. Sua pele clara estava cheia de marcas roxas, eu podia ver os dedos dele em seu quadril. — Me responde porra. Ele bateu em você? — minha voz se alterou, eu já queria matar ele.

— Não foi nada, ele só foi um pouco agressivo. — estava na cara que ele tinha forçado a transar com ele, tinha marcas roxas pelo seu corpo.

— Eu quero matar ele. — já estava indo tirar a porra da camisinha e subir minhas calças, mas a ruiva segurou minha mão.

— Não, por favor, não deixe ele nos afastar. — ela ficou reta e se virou para mim.

A minha ruivinha tinha um rosto tão lindo, apesar de ter trinta e cinco anos, ela ainda me fascinava. Tinha um espírito jovem, mesmo que às vezes fosse uma cadela.

— Já falei para se separar dele.

— Não posso, Julia ama tanto o pai e apesar de ser um marido horrível, é um excelente pai. — sua filha Julia, que tem sete anos, era a cópia da mãe. Sua foto estava no porta-retrato em cima de sua mesa. — Deixa ele para lá, só me fode e faça esquecer ele.

— Vem, você merece mais que uma foda rápida em cima da mesa. — tirei totalmente minha calça e depois a blusa. A levei até o sofá e a deitei. Abri completamente sua blusa e puxei seus seios fartos do sutiã.

Pelos próximos vinte minutos, tratei de fazê-la esquecer do seu marido. Não era muito carinhoso, muito menos na hora do sexo, mas as vezes ela trazia o homem bom em mim. Eu não podia suportar que alguém fosse estuprado, isso me faz lembrar do meu passado e de tudo que passei.

Depois da nossa foda, ela me encaminhou para o corredor das solitárias. Pelas próximas duas semanas os ratos seriam meus únicos amigos, então estava reclamando, gosto de ficar sozinho e no escuro, mas isso significava sem cartas, e Maya havia se tornado uma grande amiga.



E por incrível que pareça, estava me aproximando do filho da puta do irmão dela, dele eu conseguia informações dela. Fiquei sabendo que ela era uma rata de biblioteca, tinha dedos de anjos e podia tocar como uma deusa, também era muito alegre e bondosa.

Como alguém podia ser tão perfeita como ela? Fico triste em saber que nunca a conhecerei e nem sentirei o seu perfume.

Estava sentado na minha cela escura, ouvindo os barulhos dos ratos. Puxei a carta que guardei em meu bolso e inalei o perfume doce, muito diferente do cheiro de esgoto e mofo da cela. Durante duas semanas teria a carta para distrair a mente, ficaria pensando na dona que escreveu, a menina das poesias.



# Capítulo 6

6

---

Maya

A festa já estava ficando tediosa, Lauren sumiu com o Clarke e Mike estava sempre ao meu redor. Já era uma e meia da madrugada, quando resolvi ir embora. Eu não encontrava Lauren em lugar nenhum, Mike resolveu me levar para casa e depois voltar pra buscá-los.

Ela provavelmente estaria em algum quarto transando com seu novo namorado, e não seria eu que atrapalharia.

Eu segui Mike pela multidão de pessoas aglomeradas na sala de estar e jantar. Ele tomou minha mão na sua e me puxou, quando estávamos fora da casa, tropecei em uma garrafa de vodka e caí contra ele. Parecia cena de filme; a garota estabanada cai em cima do bonitão do time de futebol americano.

— Foda-se May. — ele sussurrou antes de colar sua boca na minha. E tinha um toque suave, sua língua de movimentava calmamente.

Eu me derreti em seus braços, que sustentava meu corpo mole. Sua mão apertou meu cabelo e seu corpo colou no meu, e que corpo. Podia sentir cada músculo em minhas mãos, ele era duro e tinha gominhos na barriga.

Quando nos separamos, estávamos ofegantes. Passamos alguns segundos com o olhar fixo, eu não queria ter um namorado esse ano, não queria me apaixonar e depois separar, mas ele era irresistível.

— Você não deveria ter me beijado. — sussurro.

— Você é sempre tão certinha, foi apenas um beijo. O problema sou eu não saber me controlar, quando estou perto de você viro outra pessoa, quero tanto você que chega a doer. E não estou falando no sentido sexual, sim no emocional.

— Eu prometi a mim mesma que não namoraria esse ano, nem me envolveria. — dei alguns passos para trás, até bater minhas costas na parede.

— Por que está se fechando assim? Eu sei que sou um bom partido. — ele dá um sorriso sedutor, desvio o olhar para não cair no seu charme.

— Eu tenho medo. — murmurei.

— Tem medo? Medo de quê? De ser feliz? De amar alguém?

— Tenho medo que as pessoas vão embora. Não posso suportar ver alguém partir e no final deste ano, você provavelmente irá para uma faculdade bem longe daqui.

— Podemos fazer inscrições na mesma escola. Eu entro com bolsa de futebol americano e você com de música. Não tenha medo, se você não arriscar, nunca vai saber o que vai acontecer no final. — Ainda continuava a olhar para o chão, incapaz de encará-lo. Ele levantou meu rosto, e aproximou seu rosto do meu.

— Podemos tentar.

— Então, vai namorar comigo? — Perguntou todo esperançoso.

— Não. — seu olhar caiu e seu sorriso se fechou. — Mas podemos tentar, nada de rótulos por enquanto. Eu sou a Maya e você é o Mike, e estamos nos conhecendo.

— Isso é melhor que nada. — ele voltou a sorrir e logo em seguida me beijou.

Eu prometo não me apaixonar este ano.

Eu dificilmente não cumpria com as minhas promessas e desta vez não seria diferente. Mike me levou até seu carro e fomos embora. Durante todo percurso ele falou animado, estava feliz com o nosso passo.

Sabia que durante as próximas semanas ele faria de tudo para me agradar e fazer nosso "relacionamento" evoluir. Faz muito tempo que não sou conquistada, tentei não ficar ansiosa, mas era impossível.

Quando paramos em frente à minha casa, ambos ficamos em silêncio. A luz da varanda estava acesa, meu pai estaria me esperando na sala, então não poderíamos ficar esperando muito tempo aqui no carro.

— Levará Lauren em segurança para casa?

— Sim, pode deixar. — o silêncio continuou, até que ele saiu do carro, deu a volta e abriu minha porta. — Por favor, saia madame.

Tirei o cinto e com o seu auxílio sai da BMW, ele me levou até a porta da minha casa e antes de

entrar, me deu um breve beijo.

— Tenha uma boa noite de sono, minha não namorada. — um sorriso surgiu em meu rosto, entrei em casa nas nuvens. Ele podia ser um verdadeiro lorde, sendo gentil e amável.

Papai estava na beira da escada me olhando.

— Foi bom o encontro?

— Não foi um encontro papai, só uma festa. — ele me fitou por um tempo, então abriu um sorriso.

— Está namorando aquele garoto? — sua voz era grossa e sempre me dava arrepios.

— Não, papai.

— Mas vocês se beijaram antes de entrar!

— Papai, você estava nos espiando. — resmunguei brava, mas parte de mim sabia que isso aconteceria.

— Não, estava admirando minha rua, quando os vi. — torci os lábios e suspirei.

— Jovens se beijam o tempo todo sem estarem namorando. — ele me olhou desconfiado e se aproximou, com passos curtos.

— Você não é qualquer jovem, não deixe que os meninos a façam de besta.

— Fica tranquilo, todos os meninos desta cidade me respeitam, como você mesmo diz: "ninguém tem peso de aço."

— Acho bom. — ele faz uma careta de malvado e caio na risada. Ele me puxa para um abraço apertado e suspira. — Você é a coisa mais preciosa pra mim.

— E a mamãe?

— Também, mas sinto amores diferentes por vocês. Eu, como pai, não posso deixar de te proteger. Tudo que faço em minha vida, cada passo que dou é por causa desta família e pode não parecer, mas o que aconteceu com seu irmão, Edmundo, me machucou profundamente. — ele não aguentou e acabou chorando, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Meu coração se apertou.

— Oh papai, tudo ficará bem.

Depois desse momento pai e filha, subo para o meu quarto. Passo os próximos dez minutos sentada na minha cama, olhando para o meu guarda-roupa e pensando em tudo que aconteceu hoje.

Minha cabeça gira em torno de Mike e Luke. Estava atraída por Mike, eu provavelmente cairia em seu charme, mas Luke, esse maldito detento me atormentava. Todas as minhas noites sonho com um

homem, ele me assombra.

Luke me despertava curiosidade e luxúria. Sentia-me encantada com todo o mistério ao seu redor e como suas cartas sempre me afetavam. Eu queria pode tirar todo o sofrimento dele, que se descreve como um homem obscuro.

Já Mike, me deixava encantada, gostava dele por perto, mas perto demais me incomodava. Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, estaria eu, ficando obcecada por um detento que nem conhecia?

Provavelmente, pois a partir do momento que ele respondeu minha carta, a minha vida mudou para sempre e sentia que isso permaneceria no futuro.



# Capítulo 7

7

---

LUKE

Durante duas semanas fiquei preso nesta cela escura, apenas os ratos como companhia e uma carta para me distrair. Quando finalmente voltei para minha cela, fui direto para a mesa, verificar se havia alguma carta para mim.

Meu companheiro estava sentado na minha cama, me olhando. Quando não achei a carta, virei para perguntar, foi então que percebi a carta em sua mão.

— Essa carta é para mim? — perguntei.

— Essa carta é para você, da minha irmã. Ele já sabia que estávamos nos falando, não sei o porquê de tanta frescura.

— Bom, então me dê. — estendi a mão, mas ele não me entregou. — O que está acontecendo?

— Minha mãe.

— O que tem sua mãe? — já estava ficando angustiado, sentei-me na cadeira da mesa e esperei a explicação.

— Ela me mandou uma carta, falando que minha irmã estava estranha, cheia de segredos.

— Ela é adolescente, já é de se esperar que tenha segredos.

— É, mas ela foi mexer nas coisas dela e achou suas cartas, ao que parece minha irmã está obcecada por você, apesar de estar namorando o otário do Mike.

— Quem é Mike? — perguntei interessado, então ela estava namorando, com um otário do seu colégio, provavelmente.

— Mike, um jogador de futebol americano, ele é um otário e mulherengo. — ele parecia chateado com isso. — Que raiva daquele filho da puta, vai conseguir a minha bolsa e também minha irmã.

— O namoro dela é sério? — eu não tinha que me meter, mas estava receoso com esse namoro. Um certo ciúmes, mas eu não podia fazer nada, eu nem tinha o direito.

— É, começaram há duas semanas, o problema não é o namoro, e sim que minha mãe descobriu e mandou uma carta, na verdade duas. Na minha carta ela manda eu me afastar de você, não se envolver com qualquer bandido e na sua, bom, você terá que ler.

Peguei a carta de sua mão e puxei o papel. Eu não precisava que alguém me mandasse fazer algo, eu não deixaria de falar com ela, a não ser que Maya quisesse isso e duvidou disso.

*Luke,*

*Provavelmente deve estar surpreso por receber minha carta, deixe-me apresentar. Sou a mãe de Maya, Ângela, recentemente reparei que minha filha estava diferente.*

*Ela sempre foi uma menina na dela, com seus livros e seriados coreanos, porém ela mudou recentemente. Não por causa do seu namorado, Mike, e sim por suas cartas. Ela passa horas em seu quarto lendo poesias e marcando quais mandará para você.*

*Ela tentou esconder de nós, seus pais, mas mentira tem perna curta.*

*Não quero lhe ofender, ou dizer o que tem que fazer, mas ela é uma boa menina e não posso deixá-la se envolver com o seu tipo de pessoa.*

*Não sei a sua idade, mas claramente é mais velho que ela, então sabe da vida.*

*Espero que estenda, mas pare de trocar correspondências. Ela merece mais do que se apaixonar por um homem que ela inventou em sua cabeça, May é jovem e boba.*

*Grata, Ângela.*

*"Pessoas como você."*

*Pessoas como eu.*

Dei um sorriso sarcástico. Só porque ela é uma mulher culta e livre, é melhor que eu?

Conheci muitas pessoas como ela, essas pessoas sempre me deram nojo. Sempre se achando melhor que os outros, mas ela estava enganada. Tudo o que queria da Maya era amizade e acredito que ela também.

Talvez ela até tenha razão, mas ao invés de me mandar cartas, ela deveria falar com a filha dela. Provavelmente o relacionamento entre elas não era dos melhores, mas eu, com certeza, não era o culpado.

Fechei meus punhos, ameaçando a carta.

— Pare de enviar cartas para ela, isso está a afetando. O que minha mãe disse é verdade, é melhor que Maya não tenha contato com nosso tipo de pessoa. — eu passei alguns segundos observando-o, ele tinha razão, mas eu não queria parar, gostava das nossas conversas e ainda mais das poesias.

— Não.

— Como assim, não?

— Eu disse não, passei vinte e cinco anos da minha vida sem ninguém dizer o que tenho que fazer e você realmente acha que sua mãe vai mudar isso. Só vou parar de falar com ela quando a mesma não quiser mais. — joguei a carta de volta nele. — Agora sai da minha cama e nunca mais venha dizer o que tenho que fazer.

Ele claramente não gostou da minha ordem, porém acatou. Deixou a carta dela no colchão e subiu para sua cama.

Eu não deixaria que ninguém dissesse o que tenho que fazer. Durante toda minha vida eu fiz o que bem entendesse, e agora isso. Minha mente só se acalmou quando deitei na minha cama e abri a carta dela.

*Querido Senhor Perigoso,*

*Por algum motivo sua carta era tudo que estava pensando, eu estava pensando em você. Assumo em falar que também o procurei no Google, mas não obtive nenhuma resposta. Eu realmente poderia perguntar para você e vou: Você se diz perigoso, qual foi o delito que te colocou aí? Preso ao lado do meu irmão e sendo obrigado a falar comigo?*

*Como você mesmo disse, sempre temos a oportunidade de fazer uma pergunta, seja qual for, mas teríamos que responder. Espero, então, sua resposta, pois eu realmente acho que podemos ter uma amizade verdadeira e aberta.*

*Eu gosto de falar com você, reconheço que em meus sonhos fico imaginando como você é. Será que é moreno? Ou Loiro? Mas provavelmente ruivo, já que tem um sobrenome russo. Aliás, você tem sotaque? Sou apaixonada em sotaque e ficaria feliz em um dia poder ouvir sua voz.*

*Estou sendo sucinta demais? Faladeira demais?*

*Não sei o que acontece, quando troco cartas com você tenho vontade de revelar cada parte de mim, os meus pensamentos mais obscuros e os meus medos. Você provavelmente deve me achar uma típica adolescente, preocupada com o cabelo e bobinha. Mas lhe garanto que sou mais interessante, posso falar sobre tudo, as séries do momento, livros de poesias, biologia e muito mais.*

*Imagino que logo não teremos tantos assuntos para falar, então para manter você focado em minhas*



*cartas, vou ter que contar alguns spoilers de série.*

*Você por acaso já assistiu Grey's Anatomy? Caso não tenha, deixa eu fazer um resumo.*

*Mer é uma recém-médica, ela dorme com o chefe dela, que só vem a descobrir no seu primeiro dia, durante quase quinze anos de série, relata a vida dos médicos. Cheio de homem bomba, avião que cai, homem que atira, entre outros. No último episódio que assisti, Mer fica viúva, confesso que chorei quando um caminhão bate no carro de Dereck, seu marido e o chefe que transou com ela no início. Infelizmente ele foi enviado para outro hospital e o operaram sem fazer um TC antes, como eles puderam fazer isso com ele?*

*Fiquei com raiva da Shonda Rhimes, ela só acaba com os casais, ninguém pode ter um final feliz naquela série. Você sabe o que ela fez com o casal April e Jackson?*

*Bom só conto na próxima carta, para ter um suspense.*

*(Risos)*

*Respondendo sua pergunta, da última carta. Sim, eu adoro documentários, de animais, Segunda Guerra Mundial. Adoro assistir filme de ação, meu preferido corrida mortal, amo o filme e o ator ( que é um gato).*

*Beijos, da garota que lhe escreve poesias.*

*Maya.*

*Após ler a carta, não conseguia parar de rir e isso era muito difícil. Ela me encantou perfeitamente nesta carta, dizendo que estava ansiosa para continuar essas trocas de cartas e agora eu tinha que descobrir o que aconteceu com o casal Jackson e April.*

*Eu conhecia a série, não completamente, mas alguns episódios no canal Sony.*

*Maya acreditava que eu era ruivo e russo, em uma coisa estava certa, eu era russo e tinha um sotaque acentuado, mas não era ruivo. Na verdade, meu cabelo é preto, como carvão e meus olhos azuis como o céu. Eu me considerava um homem bonito, eu chamava atenção das mulheres.*

*Você pode me chamar de Bear, por ser um homem grande como um urso e protetor igual. Ou de Sansão, pois eu era mulherengo pra caralho. Só nunca deixaria que uma mulher tire minhas forças, nenhuma mulher seria capaz desse feito.*

*Pelo resto do meu dia, fiquei pensando na carta, fez o tempo passar tão depressa. Como eu poderia deixar de me comunicar com ela, Maya me fazia sorrir e enchia meu coração de alegria.*

*Era final da noite, quase horário de dormir, comecei minha carta. Expliquei o porquê estava aqui, disse que fiquei interessado na série e que agora ela era obrigada a me manter informado.*

Escrevi tanto que minhas mãos doíam, duas folhas depois, um sorriso no rosto, fecho a carta. Pego o seu envelope, para anotar seu endereço, reparo que há um número escrito no interior do envelope.

**Caso você tenha mesmo um sotaque, me ligue.**

**Obs: ligue somente de manhã.**

Ah, pequena ratinha... quero realmente manter essa conexão forte e não seria eu que estragaria isso.

Fui dormir pensando no que falaria para ela, quando ela atendesse.

\*\*\*\*\*

Maya

Os meses passaram rápidos até demais, eu estava cada vez mais conectado com Luke, nossas cartas eram ativas e nossos telefonemas eram frequentes. Hoje seria o dia que receberia uma ligação sua, não nos falamos há mais de uma semana, estava viajando com meus pais e não pude atender seus telefonemas. Mas de alguma forma ele tinha celular, então as mensagens eram frequentes, porém isso não parou as cartas.

Eu não entendia o que sentia por ele, mesmo que estivesse namorando o Mike, eu sempre sonhava e ansiava por Luke, um homem que nunca vi.

Pedi para que ele me deixasse visitá-lo, mas ele me proibiu restritamente. Segundo ele, eu não era mulher de ir visitar preso no presídio.

Estava brava com isso, mas aceitei, ele estava certo, mas queria tanto conhecê-lo, que queria tomar medidas drásticas.

Estava sentada no banco da praça, com o celular na mão, esperando ansiosamente.

Um número desconhecido apareceu na tela, quase recusei a chamada, pois poderia que eu tivesse falando com esse número quando ligasse, mas eu não era o tipo de pessoa que fazia isso, minha consciência não deixava.

— Alô.

— Ratinha? — Ah meu Deus, era meu querido Luke, *Senhor Perigoso*.

— Luke? Por que está em um telefone diferente?

— Estou na sala da diretora, estou usando seu telefone.

— Ah meu Deus Luke, você não pode fazer isso, vai se encrencar! — Deus me livre de o colocarem na solitária, onde não poderei me comunicar com ele.

— Era necessário, os orelhões da penitenciária estavam quebrados e sabe que não posso te ligar com aquele celular, pois eles saberiam que tenho um, mas fique tranquila, a Diretora deixou. — suspirei aliviada, e sorri, contente em ouvir novamente sua voz e aquele sotaque maravilhoso.

— Senti saudades do seu sotaque, aquela viagem foi uma merda para mim, passei muito tempo pensando em você.

— Então a senhora certinha estava pensando em mim, o Senhor Perigoso? Não tem um namorado para ocupar sua mente. — fico receosa de responder, ele não parecia tranquilo ao falar isso, podia ver como sua voz ficou mais grossa.

— Sim, mas fazer o quê se você me mantém monopolizada. Aliás, não é você que namora a diretora? — não fazia muito tempo que ele me contou sobre a diretora, “ruiva” como ele a chamava. Eu sempre achei que ruiva era um apelido melhor do que ratinha.

— É como você acha que estou aqui, conversando com você na sala dela e tenho um celular para trocar mensagem.

— Ah, as cartas não estão vindo mais abertas.

— Sim, dei um jeito nisso também. — sorri ainda brava, tínhamos relacionamentos com outras pessoas, mas mesmo assim não nos separávamos.

— Você sabe que meu aniversário é daqui a dois dias?

— Sim, eu sei, você me lembra todos os dias. — ele deu risada e meu coração apertou.

— Não é justo Luke, você sabe o quanto eu estou animada.

— Sim, sim, vai fazer dezoito anos, o ano está acabando e logo você se formara. Então, entrará em uma faculdade e logo será uma grande professora do pré. — ele estava debochando dos meus sonhos, ele sempre fazia essas graças.

— Sim, um dia, quando você sair daí, construir uma família com a "ruiva", vou então ensinar seus filhos.

— Isso são sonhos, eu não tenho eles e se tivesse filhos não seria com ela, você sabe. Além de ser homem e ter minhas necessidades, ela me oferece muitas regalias e faria qualquer coisa para continuar a falar com você.

Segurei o suspiro, suas palavras tinham segundas intenções e entendi cada uma delas.

— Eu coloquei hoje uma carta para você no correio, novidades sobre Game Of Trones. Não esquece de responder a minha pergunta da vez. — avistei Mike caminhando na minha direção, precisava encerrar a chamada.

- Sim, estou ansioso para o resumo desta carta.
- Luke, preciso desligar, Mike está me esperando para tomarmos o café da manhã juntos.
- Eu queria um dia poder tomar café da manhã ao seu lado e ouvir sua linda voz pessoalmente.
- após isso ele desligou, senti as lágrimas arderem meus olhos.

Como alguém pode se apegar a outra, mesmo que nunca tenha visto pessoalmente. Não me importava sua aparência, ele poderia ser o homem mais feio, mas para mim, ele era lindo e era isso o que importa.



## Capítulo 8

8

O dia do meu aniversário estava soalheiro, quando desci para tomar café estavam todos me esperando na cozinha, familiares, amigos e namorado.

Abracei meus pais e agradei.

— Nossa, que surpresa.

— Só pra você, amor. — Mike se aproxima e beija meus lábios rapidamente.

— Fico feliz que seja meu aniversário, estou ansiosa para comer panquecas. — nos sentamos ao redor da mesa, havia variedade de comidas.

— Hora dos presentes. — gritou mamãe.

— Opa, tem presentes também.

— Claro, achou que não traríamos presentes. — gritou Lauren, que me entregava o seu. Uma caixa quadrada, dentro havia um lindo cardigã. — Eu sei que você gostou, quando passamos pela loja e você o viu na vitrine.

— Amei amiga. — lhe dei um abraço apertado e parti para os outros presentes, estava tudo ótimo, como uma manhã de Natal.

Papai e mamãe me deram um carro, ele era um velho Volvo, mas completamente meu. O único problema era que eu não tinha uma carteira de motorista, mas isso logo foi resolvido, pois Luiz, filho do dono da única autoescola desta cidade, me deu o curso de presente.

De Mike ganhei um lindo porta-retrato com uma foto nossa na praia, mas descobri que a noite me levaria para jantar.

Passei um dia de princesa, estava em volta das melhores pessoas, a única pessoa que não tinha me

ligado era o Luke, mas continuei na esperança.

No final da tarde, estava no meu quarto, arrumando-me para o jantar com Mike, meu querido namorado. Coloquei um vestido rosa claro e rodado, presente da Julieta, uma amiga minha. Coloquei um salto rosa escuro e arrumei meus cabelos, não estava muito animada, pois Luke ainda não havia me ligado. Fiquei olhando no espelho, meus cabelos loiros presos, com alguns fios soltos na frente. Meu lindo vestido e meu rosto sem um grande sorriso.

Eu não sabia o que estava acontecendo comigo. Primeiro que não me apaixonaria este ano, mas não contava com Luke, no momento em que ele entrou na minha vida, tudo mudou, meu coração acelerava só de pensar nele.

Fico ainda mais brava, pois passei a semana inteira lembrando-o todos os dias e agora isso? Meu coração doía e me deixava revoltada, estava a ponto de mandar mensagem para ele, quando mamãe entrou no quarto.

— Uau, eu fiz uma filha linda.

— Obrigada mamãe, mas sabem o que dizem dos elogios da mãe. — ela me abraçou forte e suspirou.

— Oh, querida, você é tão linda e está tão crescida.

— Você tem algo para falar? Está me elogiando muito. — conhecia minha mãe e quando ele elogiava demais, tinha algo por trás.

— Sua avó me ligou, teve um problema na energia elétrica, temos que ir até lá pra ajudá-la. — minha avó, Matilde, era a comédia em pessoa, ela provavelmente teve algo a ver com esse problema.

— Ela tentou arrumar alguma coisa e provocou esse problema?

— Claro, se isso não acontecesse ela não seria sua avó, que mulher terrível.

— Mãe, pode ir, vou sair com Mike e estar em casa na hora da Cinderela. — ela me abraçou de novo.

— Não vai ficar chateada?

— Não, fica tranquila. — ela deu um sorriso satisfeito e se afastou.

— Então vou ao meu quarto para arrumar uma pequena mala, vou dormir lá e volto amanhã cedo.

— Ok, mãe. — ela saiu do meu quarto e eu terminei de me arrumar, já eram sete horas quando desci as escadas, Mike estava sentado no sofá, conversando com meu pai.

Ambos se tornaram amigos, papai gostava dele incentivava nosso namoro. Era tão mais fácil com

ele, um homem todo certinho, imagino o que minha mãe falaria se eu namorasse com Luke, um presidiário e amigo do meu irmão.

Apesar de ser um sonho bem distante, fico feliz em imaginá-lo.

— Vamos, Mike? — ele acenou a cabeça e se levantou.

— Xerife, foi um prazer ter essa conversa com você. Fica tranquilo em sua viagem, a Cinderela estará em casa antes da meia-noite.

— Bom, espero que se divirtam e voltem para casa em segurança. — abraço meus pais e me despeço.

Já no carro de Mike, fico toda nervosa, mal compreendia o que ele falava. Não tirava o olho do meu celular, que não tocava com uma chamada dele.

— O que está acontecendo? — perguntou Mike, ao olhar no sinal vermelho.

— Nada. — me faço de inocente.

— Não minta para mim, desde esta manhã está estranha. É alguma coisa comigo? — ele me encarou e eu desviei o olhar, não podia revelar a verdade. Então peguei sua mão, e apertei.

— Não é nada, só queria que meu irmão estivesse aqui. — ele concordou com a cabeça e suspirou.

— Deve ser muito difícil para você, mas tenta se divertir um pouco. Não deve parar sua vida por aquele seu irmão.

— Qual o problema do meu irmão? — perguntei brava.

— Qual o problema dele? E você que tem que me falar, foi ele que matou uma pessoa a sangue frio. Isso é normal para você? — ele parecia irritado, mas o problema não era meu irmão. Tinha algo a mais?

— Não vou brigar por causa do meu irmão, eu nunca falei nada do seu pai e todos sabem que ele é corrupto. — Mike cerrou as mãos e grunhiu.

— Merda, vamos parar de falar deles. Era para ser seu grande dia, não vamos acabar com isso.

— Sim, concordo.

Durante todo o percurso até o restaurante nós mantivemos calados, quando Mike estacionou o carro, ninguém saiu.

— Amor, não fique brava comigo. Eu não deveria ter falado do seu irmão. — torço os lábios e concordo com a cabeça.

— Eu não deveria falar do seu pai, os que eles fizeram não deve refletir em nós. — aproximo-me para beijá-lo, no começo é calmo, mas logo vamos nos aprofundando. Sua mão desliza nas minhas coxas, acariciando suavemente.

Nunca passamos dos *amassos* mas logo isso mudaria. Eu pegava fogo de excitação, mas não podia liberar. Toda vez que havia um toque mais íntimo, eu lembrava do Luke. Esse homem não saía da minha cabeça, estava em mim e toda parte eu lembrava dele.

— Maya, eu te amo. — Mike sussurrou contra meus lábios.

— Eu ainda não estou pronta. — murmuro de volta.

— Para quê? Sexo ou dizer que me ama?

— Para dizer que te amo. — ele se afastou, desligou o carro e tirou o cinto.

— Eu entendo e não vou te pressionar, vamos ter um delicioso jantar. — saímos do carro e caminhamos até a porta do restaurante. Era uma casa italiana, meu estilo de cozinha favorito. Amava macarrão e qualquer tipo de massa.

Ao chegar em nossa mesa, Luke puxa a cadeira para eu sentar e logo em seguida senta na minha frente. Estava um ambiente bem romântico, ele estava feliz e eu me forcei a estar também.

— Passamos por muitos momentos durante esses meses, só queria que soubesse que eu realmente amo você, mesmo que você seja um pouco fria. Eu não entendo o porquê acontece, você é tudo para mim e eu não sou nada para você.

— Isso não é verdade, eu gosto de você e estou pronta. — ele pegou minha mão em cima da mesa e apertou.

— Pronta para que?

— Para transar, eu tive momentos lindos com você e agora eu quero que você seja meu primeiro.  
— ele abriu um largo sorriso.

— Você sabe que nunca a pressionei, não vou mentir e dizer que sou virgem ou que não pensei nisso, mas respeito sua vontade.

Nosso jantar foi muito divertido, conversamos bastante e comemos. A noite estava ótima, meu celular continuava mudo e meu coração doendo.

Tentei não pensar no Luke, mas era impossível, a cada passo que dava até o banheiro, sentia meu coração explodir. Eu ligaria para ele e acaso Luke me convencesse do contrário, eu não prosseguiria com Mike.

Entro no banheiro vazio, sentada no banco, desbloqueio meu celular e mando mensagem, sem ter



resposta, decidi ligar, mas caiu na caixa postal.

Ontem, quando conversei com ele estava feliz e me falava do meu irmão, que estava namorando um cara da prisão. É, Edmundo se assumiu gay. Para mim o importante era ser feliz, para Luke era só Ed não dar em cima dele, pois ele gostava de mulher e não aceitaria esse tipo de insinuação.

Já estava desistindo dele, eu tinha que seguir a minha vida e não podia ficar parada por um presidiário que conheço há pouco tempo. Guardei o celular na minha bolsa e sai do banheiro decidida a esquecê-lo.

Mike já estava me esperando na porta do restaurante, com uma chuva fina, corremos para o carro. A viagem para minha casa foi divertida, em um clima leve. Ao estacionar na frente de casa, eu não me controlo.

Nosso beijo de despedida virou um grande amasso no carro, quando vi estava montada nele, beijando sua boca com desejo. Ele era bom para mim, beijava bem e seria carinhoso na minha primeira vez. Nossas ações começaram a ficar mais vulgares.

Ele desceu o zíper do meu vestido, como não precisava de sutiã, meus seios estavam nus. Ele chupou meu mamilo e beliscou.

— Ah, meu Deus. — Era uma sensação maravilhosa.

— Maya, vamos entrar na sua casa. Não quero fazer isso aqui, no carro. — concordei com a cabeça, ele me ajudou a subir o zíper e descemos do carro. Meu estômago tinha borboletas e a ansiedade me tomava por inteiro assim que entramos em casa, ele voltou a me agarrar.

----

**Penitenciária Estadual de San Quentin**

Luke

Hoje era o aniversário da ratinha e passei a o dia dentro desta sala, a federal entrou na sala, estava com um sorriso no rosto.

— Eu consegui um acordo para você.

— Ótimo, desembucha. — ela se sentou e colocou uma pasta na minha frente.

— Você entrega ele e lhe concedemos suas "férias".

— Ótimo. E a minha pena?

— Continua a mesma, você fala tudo que sabe, quando ele estiver preso, então você terá suas férias. — ela era uma cadela, mas era um bom acordo. Eu só tinha que conhecê-la.

— Está bom para mim, quando começamos?

— Agora.



## Capítulo 9

9

Eu não sei quando comecei a me apaixonar por um homem que nunca havia visto. Talvez seja pelas suas belas cartas, que tocaram meu coração, ou era apenas ilusão.

Sentia-me bem quando conversava com ele, não parecia que havia roubado um banco. Eu estava louca, era isso que diria minha mãe se soubesse é por isso que mantive em segredo.

Mas agora, que estava beijando Mike loucamente, só sentia vontade de parar. Não era ele quem eu queria e machucá-lo também estava fora de questão. Mas não queria continuar virgem, eu acabara de completar dezoito anos e essa era minha chance.

Eu também não podia esperar que houvesse algo romântico entre eu e o Senhor Perigoso. Então deixei que ele me conduzisse até o meu quarto, ele até mesmo me pegou no colo e subiu a escada.

Mamãe estava viajando com meu pai, isso significava que tínhamos a casa só para nós. Entramos no meu quarto, ele me colocou no chão, mas não demorou muito para Mike voltar a me beijar.

Era tudo tão diferente, eu não sabia como reagir.

— Eu preciso ir no banheiro. — sussurrei contra seus lábios.

— Você está com medo?

— Não, eu só preciso ir ao banheiro, por um momento. — ele me deixou sair de seus braços, corri rapidamente para meu banheiro, ao fechar a porta, me encosto nela e desço até o chão.

— Oh meu Deus. — eu precisava ter certeza do que fazer.

Meu celular tocou.

Finalmente ele tocou.

Meu coração quase saiu pela boca, o peguei dentro da bolsa e atendi.

— Alô? — sussurro, com medo de ser encontrada.

— May, sou eu, Luke. — sua voz sempre trazia arrepios em meu corpo.

— Eu fiquei esperando uma ligação o dia inteiro. Essa hora já era para estar dormindo.

— Então, era sobre isso que quis ligar, eu vou sumir um tempo.

— Quê? — com o coração apertado e torcendo para ele dizer que estaria livre, esperei sua resposta:

— Eu só posso dizer isso, vou sumir por um tempo, mas não se esqueça que eu vou voltar.

— Você está mudando de presídio?

— Tudo que está acontecendo é maior que você, eu preciso que você me prometa algo.

— Prometer o que? — eu sabia que não seria algo fácil.

— Na verdade são duas, a primeira é para nunca me esquecer.

— Eu nem preciso prometer, você foi uma parte importante, gosto da sua amizade. — estava me segurando para não chorar, ninguém podia ver como nossa amizade e o quanto ela se tornou importante. Nossas conversas pelas manhãs, as cartas, os poemas, tudo que vivemos nos últimos meses.

— Bom, fico feliz. — ele faz uma pausa, ouço no fundo uma mulher chamando ele. — você precisa prometer que nunca vai falar de mim para outras pessoas.

— Ninguém sabe de você. — *menos Lauren*, mas mantive isso em segredo.

— Espero que você faça o mesmo, não quero que você entre no fogo cruzado.

— Que fogo cruzado? Por que você vai sumir?

— Eu preciso ir. — ele estava fugindo, havia mais do que ele estava falando.

— Adeus... — sussurrei, tentando não demonstrar minha decepção.

— Não é um adeus, espere por mim. — essas foram as últimas palavras que ele disse, então a linha ficou muda.

Minhas mãos tremiam e eu estava tão chateada. Podia ele apenas estar livre agora, mas não queria nem ao menos me conhecer? Se fosse isso, por que pediu que eu o esperasse?

Eram tantas perguntas ao redor dele e isso me enlouquecia.

Mike bateu na porta, levantei rapidamente e me analisei no espelho. Tinha os olhos vermelhos, com meu rosto, respirei fundo e abri a porta.

— Oi, Mike.

— Você estava falando com ele? — olhei desconfiada, Mike parecia transtornado.

— Falando com quem?

— Com quem? você vai continuar mentindo pra mim? Eu só lhe dei amor e carinho e você ainda prefere ele. — falou levantando as cartas de Luke, e segurava com força.

— Ele é meu amigo.

— Mentira. — ele gritou. — É só ler essas cartas, você está apaixonada por um detento. Você não sabe o que ele fez pra estar lá.

— Eu já disse que ele é meu amigo. — gritei de volta. Era claro que ele era enorme, então, quando tentava pegar as cartas, não conseguia.

Ele estava me encurralando no banheiro, estava muito bravo comigo e ambos sozinhos.

— Você continua a mentir para mim, mas essa palhaçada acabou.

— Tudo bem, você quer terminar? Mas saiba que nunca tive mais do que amizade com ele.

— Terminar? Eu não quero terminar, porra. — ele bateu a mão na porta, o barulho do impacto da madeira da porta com a parede. — Eu te amo.

— Não damos mais certo, acabei de perceber. Não posso mais te enganar.

— Então você prefere ele?

— Eu não prefiro ninguém, qual foi a parte que você não entendeu? Eu não tenho nenhum relacionamento com Luke.

— Você está mentindo para mim. Você escreve me enganando durante meses.

— Não é uma mentira, você não precisa saber de todos os meus amigos. — ele começou a me xingar, e saiu do banheiro. Fui atrás dele, queria minhas cartas de volta.

— Volta aqui, fala comigo, Mike. — ele parou brutalmente. Só entendi, quando ouvi a voz do meu pai.

— O que está acontecendo? — meu pai estava na porta, todo molhado e sujo.

— Nada.

— Nada? — Mike me olhou feio e depois continuo a falar. — Sua filha está trocando cartas com em detento, está até mesmo apaixonado por ele.

— O quê? — gritou meu pai.

Agora estava tudo acabado, papai estava muito bravo, mamãe estava branca como papel e Mike estava me delatando.

— Não estou apaixonada, ele é só meu amigo.

— Amigo? Você está brincando comigo? — ele entregou as cartas para meu pai, que hesitou em pegá-las. — Pegue e leia, eles estão se relacionando há muito tempo.

Eu já não conseguia segurar as lágrimas. Primeiro Luke havia me deixado, Mike estava indo embora também e agora meus pais estavam querendo me matar.

— Michael, por favor, vá para sua casa. — meu pai pegou as cartas e deu espaço para que Mike pudesse sair de casa.

— Mike.

— Não, você já disse que não quer esse relacionamento. — eu mal conseguia vê-lo com os olhos embaçados. Eu não queria decepcionar alguém que foi importante para mim, mas em nosso relacionamento nunca houve amor ou paixão.

— Amanhã vocês conversam. — grunhiu meu pai. Ele estava terrivelmente bravo e chateado. Quando a porta fechou, meu mundo caiu.

— Papai?

— Eu não vou ler. — deu passos curtos até mim e entregou as cartas, que já estavam amassados depois de passar por tantas mãos. — Eu fiquei muito decepcionado e abalado com seu irmão. Doeu no fundo do meu coração quando ele foi preso, mas nada me deixou tão abalado quanto o que você fez.

— Não é sobre falar com um detento, isso é grave, mas você mentir por todos a sua volta. Eu esperava tanto de você, uma menina linda e incrível, toca como anjo e desperdiçou tudo.

— Mas papai, ele era só meu amigo.

— Você está proibida de falar com ele novamente e arrume suas malas. — parei de chorar, eu não queria ir embora.

— Para quê?

— Arrume suas malas, você partirá o quanto antes para Londres, viverá com sua tia. Quero ver conseguir mandar carta para ele em outro continente. — ele saiu da sala sem dizer mais nada.

Eu gostava da minha cidade, morria de medo de avião e agora estava mudando de país.

— Mamãe, você tem que convencê-lo a me deixar ficar. — ela ficou muda, apenas sentou no sofá e chorou.

Eu não sabia o que estava acontecendo, me sentei ao seu lado e a abracei.

— Desculpe, sinto que errei como filha.

— Oh querida, é tudo minha culpa. Eu tentei falar para Luke se afastar. — ela havia falado com o Luke? Afasto-me dela e a encaro aguardando sua resposta.

— Eu descobri logo no início sobre ele.

— Você falou com ele? Você tentou fazê-lo se afastar?

— Foi para seu bem, mas ele não quis, não me escreveu de volta. Seu irmão mandou um recado, no dia que ele recebeu minha carta, acabara de voltar da solitária, pois quase matou um homem no pátio.

— Isso não é verdade, ele é um ladrão de banco e não um assassino.

— Você é tão jovem, não sabe sobre as coisas. Esse Luke que você imagina é uma farsa. Sua resposta foi a seguinte: Não passei os últimos vinte e cinco anos livre, para receber ordens de uma mãe que não controla a filha.

— Mamãe, ele não é assim.

— Você está iludida e apaixonada, foi minha culpa, não deveria ter chegado até esse ponto. — ela se levantou do sofá. — Não convencerei seu pai a deixá-la ficar, um tempo em Londres será bom para você.

Ela foi atrás do meu pai, e eu para o meu quarto. Coloquei suas cartas embaixo do travesseiro e me deitei. Ele não podia ser esse homem que mamãe descreveu, sempre foi amável comigo, me tratou com respeito. Será ele tão mentiroso quanto eu?

Eu nunca obtive essa resposta, pois uma semana depois eu estava em um avião para Londres, morrendo de medo. Deixando para trás todos os meus amigos e Luke, eu odiava o que meu pai fez comigo, mas talvez fosse bom me afastar de todas aquelas pessoas, já que rolou o burburinho da minha traição e as cartas que trocava com um detento.

Eu só não tinha certeza se voltaria a falar com Luke, mas ele sempre ficaria comigo e a lembrança da nossa amizade o persistirá.



# Capítulo 10

10

Sete anos depois

(...)

Como é imensa a felicidade da virgem sem culpa.  
Esquecendo o mundo, e pelo mundo sendo esquecida.  
Brilho eterno de uma mente sem lembranças!  
Cada prece é aceita, e cada desejo realizado;  
Trabalho e descanso mantidos em iguais períodos;  
Obedientes sonhos dos quais podemos acordar e chorar;  
Calmos desejos, afetos sempre furiosos.  
Deliciosas lágrimas, e suspiros que boiam no paraíso.  
Graça que brilha a seu redor com raios serenos.  
O murmúrio dos anjos arrulha seus sonhos dourados.  
Por sua eterna rosa que floresceu no Éden.  
E as asas dos serafins derramam perfumes divinos,  
Para ela, o esposo prepara o anel nupcial,  
Para ela as brancas virgens cantam a canção da boda,  
E ao som das harpas celestiais ela morre  
E se desfaz em visões do dia eterno.

(...)"

A Terra desolada- Alexander Pope

Finalmente o sinal bateu, sinalizando o final do meu expediente. Minha cabeça estava explodindo com o barulho, as crianças estavam bem agitadas hoje.

— Bom crianças, estão liberadas. — recolhi minhas coisas e sai logo após os alunos.

Encontrei a professora Dóris, ao sair da minha sala.

— Enfim, encerramos o dia.



— Sim, estou bem cansada, hoje as crianças estavam tão agitadas.

— Nós sabemos que elas adoram você, mas nesse ano, os meninos estão terríveis. Peguei uma aula sua, quando estava doente e não pôde vir.

— Bom, eles estão crescendo e deixando de ser crianças, esses dias, colocaram chiclete no cabelo de Laura. Passei quase duas horas conversando com os pais.

— Isso é normal, eles crescem e começam a aprontar. — continuamos a conversar, até chegar na sala. Coloquei os livros e meu estojo no armário e peguei minha bolsa. Pelo resto do dia, relaxaria na minha varanda, observando o movimento da rua e acompanhada de um vinho do mercado.

Meu apartamento era perto da escola, então eu ia e voltava andando. A rua estava calma, ouvi quando um carro se aproximou, olhei de relance e observei uma BMW preta.

Voltei a olhar para frente e andei mais rápido. Ao chegar em frente ao prédio, procurei a chave na minha bolsa, surpreendentemente o carro parou na frente. Respirei fundo e virei para encarar a pessoa que saía do carro.

— Senhorita Maya Johnson. — o homem, careca e alto, abriu a porta do carro. — Por favor, entre.

— Entrar? Não, não vou entrar aí.

— Por favor, senhorita Johnson.

— Já disse, não entrarei nesse carro e com licença. — dei as costas a ele, mas quando ouvi, uma voz mais grossa, que me fez arrepiar.

— Deixe, Nicolas. — eu me forcei a não virar e descobrir o dono daquela voz.

— Como você quiser. — fingi não querer conhecê-lo e abri o portão.

— Maya, só um minuto da sua atenção. — suas mãos suaves tocaram o meu braço, de certa forma, eu sabia quem era ele.

— Um minuto e mais nada. — apertei a alça da bolsa, tentando não parecer muito nervosa e me controlar. Ao me virar, fiquei sem fôlego, o homem, das minhas cartas, estava na minha frente.

— Pois não...

— Luke, Luke Petkovic. — finalmente ele tinha um rosto...

— Em que posso ajudá-lo? — Tentei me manter firme, durante anos eu fique na esperança dele voltar, só que agora, aos vinte e cinco anos eu precisava parar de cometer o mesmo erro que na adolescência.

O carro que ele acabara de sair, partiu. Deixando-nos a sós.

— Eu não me lembro de você ser tão... Grossa. — E eu não poderia imaginá-lo mais bonito. Seu rosto parecia esculpido, ele era completamente Bad Boy, tatuagens em seu corpo, sorriso safado, barba longa e cabelo grande.

Poderia ser tão clichê, uma professora, senhora certinha, ficar apaixonada pelo cara mal e Senhor Perigoso.

— Isso foi há sete anos, o tempo passou, não? — ele me olhou desconfiado, deu alguns passos para trás e sentou na mureta, com os braços cruzados no peito.

— Pois é... Pareceu uma eternidade. — não tínhamos muito o que falar, só ficávamos olhando um para o outro.

— Você quer um café? — arrisquei em perguntar.

Tínhamos uma boa amizade há anos, eu ainda gostava dele e toda vez que sentia saudades eu lia uma carta dele, ou talvez todas.

— Sim. — abri o portão do prédio e ele me seguiu. Como era um prédio pequeno, com apenas quatro apartamentos, dois em cada andar, só havia escada. Fiquei receosa de subir na frente dele, mas subi assim mesmo.

Ao chegar em frente ao meu apartamento, não conseguia abrir a porta, pois minha mão tremia, estava claro que ele me deixava nervosa.

Luke tomou as chaves da minha mão e abriu a porta, meu cachorro Marley, do filme Marley e Eu, começou a latir. Entrei primeiro para pegar o pequeno cão, que estava eufórico. Luke estava de volta, tinha saído antes do meu irmão, que tinha mais alguns anos pela frente e com quem, ainda não conseguia me comunicar.

— Oi bebê, a mamãe demorou muito? — beijei a cabeça do cachorro, fui direto ver se ele tinha comida e água, quando voltei para sala, Luke parecia bem à vontade sentado no sofá.

— Ah... Eu te ofereci café, mas eu não tenho, já que não tomo.

— Aceito água. — ele parecia estar se divertindo com meu embaraço. Ele estava aqui para me explicar o que aconteceu, se não fosse tão "curiosa" nunca teria o chamado.

Meu apartamento era pequeno, como era só eu e Marley, não precisava de nada grande. A cozinha era aberta para sala, ele podia ver cada movimento meu na cozinha. Abri a geladeira e peguei a jarra de água.

— Legal esse seu apartamento, você mora aqui faz tempo? — perguntou Luke, que agora andava pela sala.

— Não, há um ano e meio, antes eu morava em Londres.

— Morou lá por muito tempo?

— Sim, desde que meu pai descobriu que eu me envolvi com um traficante de armas. — entrego o copo para ele e me sento no sofá.

— Como seu pai descobriu?

— Descobriu o quê? Que você é traficante de armas ou que era um detento?

— Ambas. — ele se senta na minha frente, apoiando seus braços nas pernas abertas e próximo a mim.

— No dia que você me ligou, era meu aniversário, eu estava em casa sozinha com Mike, meu namorado na época, ele descobriu as cartas e deu um show, então contou pra o meu pai, que me mandou para Londres.

— E sobre o traficante?

— Ele não conseguiu achar nada, então entrou em contrato com seu amigo federal. Descobriu que era sobrinho de um traficante de armas, trabalhou um tempo com ele e depois o matou.

— Ele também te contou que eu sabia de todos os podres do meu primo e entreguei ele para poder sair, pelo menos por um tempo, só para conhecer você.

— Se queria me conhecer, não precisava ser um delator. — eu não nego que se ele voltar para minha vida, eu não me conteria. Eu tinha a minha paixão de adolescente na minha frente e ele era o pecado. — Eu já havia me candidatado a ir em uma visita.

— Não, aquilo não é lugar de mulher.

— Qual o problema? Eu não me importaria.

— Isso nunca foi uma opção, mas quando eu te liguei, estava prestes a embarcar para uma outra prisão, de segurança máxima, assim eu estaria protegido dos ataques do meu primo. — seu sotaque puxado, deixou difícil entendê-lo.

— Durante sete anos?

— Você não entenderia, quando eu resolvi delatá-lo, eu abandonei tudo. Abri mão de tudo. — eu realmente não entenderia e nem me envolveria.

— Você mentiu para mim, disse que foi preso por um assalto a banco, disse que não tinha família, salvo sua irmã, o que mais há de mentiras nessas cartas?

— A única mentira que lhe contei foi a causa da minha prisão, eu poderia contar que foi por matar

meu tio? Eu lhe disse que era perigoso. — ele tentou explicar.

— Bom, foi loucura da nossa parte. Essa amizade nunca deveria ter ocorrido.

— Amizade? Eu desisti de tudo por você! Eu não tenho nem aonde dormir.

— E o carro que veio te trazer?

— Cortesia dos Federais, mas tudo bem, entendi que você quer que eu vá embora. Eu só achei que a nossa "amizade" fosse importante, pois você disse que nunca esqueceria de mim e que me esperaria. — ele se levantou do sofá, deixou o copo na bancada e caminhou para a porta.

— Você disse que não tem mais nada, você quer dizer nada mesmo?

— Nada para recomeçar. — me respondeu sem virar, com a mão na maçaneta da porta.

— E tá disposto a viver uma vida pacata, trabalhando honestamente e dormindo em um sofá duro?

— ele demorou um pouco para responder.

— É uma ótima ideia. — Luke voltou a se sentar no sofá.

— Tudo bem, você pode ficar, mas temos regras. Primeira você precisa de um trabalho honesto.

— Tentarei encontrar um o quanto antes.

— Você dorme no sofá.

— Tudo bem. — ele estava concordando com tudo.

— E sem bagunça. — ele levou a mão até o peito e declarou:

— Eu juro solenemente a respeitar todas as regras e a dona da casa. — joguei uma almofada nele.

— É sério.

— Mas sério que um juramento impossível. — ele deu uma piscava e sorriu.

— Bom, agora que você está aqui. Sinta-se em casa. Eu preciso sair. — eu estava arranjando uma desculpa para conseguir me afastar dele um pouco, o que seria completamente mentira, já que havia convidado para morar comigo. — Vou ao mercado.

— Posso te acompanhar, se quiser.

— Não precisa...

— Eu insisto, assim aproveito e conheço a cidade. — ele já estava me esperando na porta, pego

minha bolsa e o acompanho para fora.

O mercado não era muito longe, então fomos a pé. Durante todo percurso mostro alguns lugares para ele. Em pouco tempo, estávamos no mercado. Pego uma lista que havia deixado na bolsa, eu viria no mercado só amanhã, mas era bom estar em volta de outras pessoas, e não sozinha com ele.

— Está organizado por sessão, tome essa lista. — entrego uma parte da lista, em que está descrito o produto e a marca.

— Você é bem organizada. Vou pegar essas coisas e te encontro depois. — ele saiu andando, com o papel na mão, mas havia esquecido de pegar uma cesta.

— Luke? — gritei seu nome, logo de virou.

— Esqueceu a cesta. — levantei a cesta, em passos largos ele veio buscá-la.

— Obrigado, Ratinha. — ele piscou antes de se virar e pegar os produtos da lista.

Andando pelo corredor de molhos, encontro Lauren.

— Oi, amiga. — ela vem me beijar, mas sua enorme barriga quase não deixa.

— Oi, Lauren. Como vai esse bebê? — acariciei a sua barriga, o bebê chutou em resposta.

— Me deixando muito cansada, até fazer compras hoje em dia é difícil. — Lauren havia sido feliz, casou com Clarke, logo depois da faculdade e agora era uma dona de casa do veterinário da cidade.

— Sabe que podia me chamar, eu lhe ajudaria.

— Ah querida, não vou aceitar ajuda de ninguém, me recuso a ficar presa dentro de casa. — ela parecia um pouco abatida, mas mesmo assim estava linda.

— Se você diz, então tudo bem.

— Vou fazer um jantar na minha casa, hoje à noite, Clarke convidou Ralph e Mike, como ele está na cidade.

— Lauren, eu não posso ir neste jantar. Mike deve me odiar ainda. — ela se apoiou no seu carrinho e respirou fundo.

— Isso foi há muito tempo, talvez vocês mereçam uma segunda chance. — eu até poderia aceitar, mas Luke estava morando comigo agora e não queria deixá-lo sozinho ou levá-lo.

— Desculpe...

— Maya, finalmente achei você... — Luke me interrompeu, ele vinha com uma cesta cheia e o papel na mão. — O que faço quando não tem a marca que você quer?

— Oie. — disse Lauren.

— Desculpe, fui mal-educado. Olá, sou Luke. — ele estendeu a mão para ela, que estava pálida.

— Luke? Aquele das cartas? — ela fechou o rosto. — Sou Lauren. — se apresentou grosseiramente.

Ela não era muito fã dele, pois quando papai descobriu e me mandou embora, acabou nos afastando.

— Se não tem a marca que está escrito, não vamos comprar. Não consigo usar nada de marca diferente.

— Tudo bem, então terminei.

— Tchau amiga, depois nos falamos. — Peguei o braço de Luke e praticamente o afastei para outro corredor.

— Ela não parecia gostar de mim.

— Pois é... Queria ter o mesmo sentimento — sussurro a última parte.

— O que você disse? — questionou curioso.

— Nada, venha, vamos terminar a minha lista.



## Capítulo 11

11

— Você precisa me seguir para todo lugar? — perguntei.

— Você só diz isso, pois estamos no corredor das mulheres. Está envergonhada por que você vai comprar absorvente? — ele estava rindo da minha cara, era só que me faltava, passaria todos os momentos perto dele envergonhada.

— Não é isso. — minto. — Nem estou achando a marca que quero.

Voltei a olhar os absorventes, uma mão grande e tatuada passa ao lado da minha cabeça e pega um pacote.

— Seria esse? — perguntou.

— Sim, é esse. — eu só podia estar ficando cega, ou era o efeito Luke.

— Terminou a lista?

— Sim, vamos para o caixa. — ele me acompanhou até o caixa, enquanto eu embalava as compras, Luke colocava os produtos na esteira.

— CPF na nota, senhor?

— Senhor me faz sentir velho, não, não quero CPF na nota. — Luke passava dos trinta, mas ainda continuava tão bonito, a caixa percebeu isso, tanto que estava flertando com ele.

— Ok...

— Luke. — completou.

Após ela registrar todos os produtos, dou-lhe meu cartão.

— Me sinto horrível. —comentou Luke ao sair do mercado.

— Por que se sente horrível?

— Você ter que pagar a conta, sem contar que vou ficar na sua casa por um tempo.

— Não sou feminista, mas não tenho problema em pagar, quando tiver empregado, poderá me ajudar. — pisquei para ele.

Eu morava em uma cidade pequena, então conhecia quase todos, conforme andávamos na rua cumprimentava os moradores. Quando chegamos no meu prédio, Luke sobe com todas as compras e eu fico na entrada falando com o senhorio.

— Esse homem por acaso é seu namorado? — perguntou o velho homem.

— Não, é meu primo, ele veio para a América e não tem onde ficar, vai ficar comigo por um tempo. — se não falasse que ele era da minha família, logo a cidade inteira estaria comentando sobre isso.

— Oh, você sabe, precisava saber quem era, não posso deixar qualquer um residir nos meus apartamentos.

— Te compreendo perfeitamente, e também prezo pela segurança. — após terminarmos de falar, subo para o meu apartamento. As compras já estavam na bancada.

— Eu ia guardar, mas não sei onde é nada. — ele estava sentado no meu sofá, acariciando meu cachorro que não é muito amigo de outras pessoas.

— Tudo bem, obrigada. — fui para a cozinha guardar as compras.

— Você falou com o senhorio? Ele não pareceu gostar de mim.

— Falei que você era meu primo e ficaria um tempo. Ele é velho e sistemático, mas concordou.

— Acho que com essa barba e o cabelo grande eu pareço um homem mal, motoqueiro selvagem. Talvez eu devesse cortar...

— Não. — falei antes que pudesse me conter. — Quero dizer, corte o cabelo, mas deixe a barba. Aliás, ela é ruiva. — me inclinei sob o balcão para olhá-lo mais de perto.

— Sim, não sei como, mas sim.

— Se você quiser mesmo cortar o cabelo, posso te ajudar.

— Senhorita Maya sabe cortar o cabelo?

— Sim e muito bem. Trabalhei no salão da minha tia por anos, tenho até máquina para o pezinho.



— Tudo bem, eu vou encontrar um amigo, que vai deixar algumas roupas para mim. Ele está voltando hoje para o Colorado e não poderei mais ficar na casa dele. — Luke se levantou do sofá, colocou Marley no chão e saiu do apartamento.

Fiquei feliz que ele estivesse saindo, não estava confiando em mim mesma. Qualquer um poderia perceber o quanto estou caidinha por ele, tínhamos tanta coisa, as cartas que trocamos há sete anos ainda mexiam comigo.

Ele passou um dia ao meu lado e eu já estava mexida com aquilo, ele parecia uma boa pessoa, estava também disposto a ser um bom menino. Ter um trabalho honesto e me ajudar nas coisas de casa. Eu só esperava que pudesse resistir a ele, mas parecia quase impossível.

Quando imaginei ele, nunca tinha chegado aos pés de Luke. Ele era muito mais bonito, forte e grande, duvido que dormiria confortavelmente no meu sofá.

Minha campainha tocou, fechei as portas dos armários, todos os mantimentos já haviam sido guardados. Ao abrir a porta, me deparei com a minha vizinha, Melody.

— Oi vizinha, será que você tem um pouco de açúcar? — ela levantou a xícara e balançou, toda sorridente.

— Pode entrar Melody. — abri mais a porta e dei espaço para que ela passasse.

— Estou fazendo um delicioso pudim, vou trazer um pedaço para você mais tarde, já que vou usar seu açúcar. — fui até o armário pegar o açucareiro. Após derramar o açúcar, ela fica um tempo batendo papo comigo. Falou do seu namorado, que agora era ex, pois ele havia trocado ela por outra mulher.

— Tudo bem, volte sempre. — disse ao fechar a porta, ela finalmente tinha ido embora, minha vizinha podia ficar horas conversando. Eu queria ir para a cama, mas lembrei que ela tinha um colchão de solteiro sobrando, logo que mudei para o apartamento, estava usando, enquanto não comprava uma cama.

Desta vez fui eu a bater na sua porta.

— Olá vizinha.

— Olha eu aqui de novo. Eu queria saber se você ainda tem aquele colchão para me emprestar? É que meu primo está na cidade e vai passar um tempo comigo.

— Tenho sim, está no meu quarto.

— Ótimo, posso ficar com ele por um tempo?

— Claro. — ouvi passos no corredor, ao olhar para trás avistei Luke.

— Luke, venha aqui. — ele estava trazendo uma mala, pendurada em seu ombro.

— Oi.

— Melody vai nos emprestar um colchão. — ele coçou a cabeça e olhou para Melody.

— Nem precisa incomodar a moça.

— Não é incômodo. — respondeu ela, que já estava flertando com ele. Mexendo em seu cabelo e dando sorrisos.

— Você não vai dormir confortável no sofá, é muito pequeno para você.

— Sim, deve ser muito pequeno para você. — ela estava catatônica, olhando para seus olhos azuis, sem dar conta de suas palavras.

— Sendo assim, fico agradecido. — ele era tão gentil, as pessoas que encontramos até agora, foram muito bem cumprimentadas, pois Luke era cortês e educado.

— Ele está no meu quarto, venha pegar. — ela abriu mais a porta, Luke passou por mim e a seguiu.

— Hum... Que cheiro bom... — ouço ele comentar, antes de entrar no quarto. Algum tempo depois, com risadas, os dois voltaram.

— Fico agradecido pelo colchão, acho que não ficarei muito tempo. — agradeceu olhando para mim.

— Pode ficar o tempo que quiser, já vou levar um pedaço de pudim para você, Luke. — ela piscou antes de fechar a porta.

— Você não precisa ficar todo agradecido para Melody. — resmungo quando entramos no meu apartamento.

— Devo sim, ela foi muito gentil. — Luke colocou o colchão de solteiro encostado na parede. Marley estava latindo e só parou quando Luke o pegou.

— Ela tem namorado. — soltei, sem poder conter as palavras.

— Melody me disse que é solteira.

— Não, ela tem um namorado, estão dando um tempo, mas eles sempre voltam. — ele começou a rir, não entendi o motivo.

— Você parece que está com ciúmes.

— Ciúmes? Eu? Não mesmo, mal te conheço. — em passos largos, ele se aproxima, sua cabeça

inclina para sussurrar em meus ouvidos:

— Mentira, você é a pessoa que mais me conhece. — então se afastou, colocou a mala no sofá e sentou.

— Acho que já me esqueci, sete anos são muito tempo. — Rebato sarcasticamente.

Isso não era verdade, eu lembrava de cada palavra, e isso sempre me aterrorizava. Eu não conseguia esquecê-lo, eu nunca conseguiria.

— Duvido, mas deixa isso de lado. Eu preciso tomar banho.

— Vou pegar algumas toalhas para você. — fugi para o meu quarto, esse era o primeiro dia e já estava voltando a minha adolescência, frio na barriga e arrepio ao ouvir sua voz.

Peguei a toalha, e voltei para a sala.

— Lave o cabelo pra podermos cortar. — ele concordou e foi tomar banho. Estava tentando não pensar no homem nu no meu banheiro, isso nunca aconteceu, estava tão mortificada e nervosa, que quando Melody tocou a campainha não ouvi, ela já estava dentro do meu apartamento.

— Oi, ele está tomando banho?

— Sim. — ela dá um grande sorriso, joga seu cabelo escuro para trás e entrega um prato com um pedaço de pudim.

— Você não me disse que seu primo era tão gato.

— É, sabe como é a família, nunca achamos nossos irmãos e primos bonitos.

— Impossível não o achar bonito, mas preciso saber se ele está solteiro? — eu não queria responder, estava com receio.

— Não, ele namora, na verdade é gay. — acabei mentindo para ela, pois não queria problemas no futuro se ele se envolve com ela e depois terminasse.

— Ah que pena, mas se virar hetero me fala. — a porta do banheiro se abriu e Luke saiu, somente com um short de basquete, a toalha secando o cabelo longo. — Oie, trouxe o seu pedaço.

— Muito obrigado, você é um amor. — ela estava radiante com aquele elogio.

— Bom, tenho que ir. — ela saiu da minha casa, Luke sentou em uma das banquetas, para comer um pedaço do pudim.

— Nada de pudim agora, precisamos jantar primeiro. — ele me olhou surpreendido, então levantou as mãos em rendição.

— Ok, mamãe. — preparei o jantar rapidamente, ele observava cada movimento meu e isso me deixou nervosa, quase me cortei com a pressão que sentia. — Está tudo bem com você?

— Não, você precisa colocar uma camisa. — como estava de frente para ele, podia ver seu lindo peitoral pintado.

— Desculpe, é que não gosto muito de roupa.

— Quer dizer que você ficava sem camisa na casa do seu amigo? — cortei a cebola no meio e comecei a picá-la.

— Na verdade, não, eu ficava como vim ao mundo, pelado. — foi com essas palavras, que me desconcentrei e cortei o dedo. Logo Luke veio ao meu socorro, puxou minha mão até a torneira e molhou.

— Arde. — tentei puxar a minha mão, mas ele não deixou.

— Deixe-me ver? — ele analisou o corte. — Tem caixa de primeiros socorros?

— Sim, no armário debaixo da pia. — ele pegou a pequena caixa e tirou um curativo. Após fechar minha ferida, me puxou para fora da cozinha.

— Eu vou terminar o jantar. — Luke agarrou meu braço e me levantou, colocando sentada no seu antigo lugar, que ainda estava quente.

Eu o observei fazer o jantar como um profissional, era uma visão agradável e desejei que ela se tornasse frequente.

Ele me trazia paz de certa forma e o resultado da janta foi sensacional. Ele cozinhava tão bem como eu, acabamos deixando o corte de cabelo para amanhã. Fiquei feliz por isso, uma por que estava cansada e outra, pois precisava me afastar dele.

Arrumei seu colchão no chão, após tê-lo acomodado, peguei Marley e fui para cama. Eu não conseguia dormir, meu pensamento rondava Luke, ao fechar meus olhos imaginava ele, estava ficando atormentada.

No meio da noite, ainda sem dormir, levantei para pegar um copo d' água, encontrei-o acordado, assistindo televisão baixinho.

— Sabe, faz muito tempo que não posso dormir sem problemas. — revelou ao perceber minha presença.

— Fico feliz que agora esteja em paz.

— Sim, por enquanto. — murmura. — Venha se sentar aqui, está passando reprise de Grey's Anatomy.

Aceitei o convite, me deitei no sofá, ele estava no chão, ao meu lado, não demorou muito para cair no sono, a última coisa que lembro era da sua mão pegando a minha e assim dormimos.

---

Acordo com o sol no meu rosto, pisco os olhos e bocejo.

— Bom dia, vizinha. — Ouço Luke falando, ao olhar em sua direção, o vejo só de toalha na porta, conversando com Melody. Tinha uma xícara de café em sua mão e um lindo sorriso em seu rosto.

— E obrigado pelo café.

Sentada no sofá, encarando o lindo homem quase nu, falando com a vizinha.

— Obrigada você, por essa visão ilustre. — Ela poderia ser mais oferecida.

Quando ele percebeu que eu já havia acordado, despediu de Melody e fechou a porta.

— Ratinha, já são quase sete e meia da manhã, talvez fosse bom você se apressar para poder trabalhar. — dei um pulo do sofá, as oito da manhã era para estar lá, eu não podia me atrasar, eu nunca me atrasava.

— Ah, eu preciso ir trabalhar. — sai correndo para o meu quarto, quando cheguei na porta, parei e falei:

— Já disse para não ficar pelado na minha casa, ainda mais vagando pelo prédio de toalha, o senhorio pode não gostar.

— Ele que não gosta ou é você que sente ciúmes ao me ver só de toalha. — retrucou.

— Só coloque uma roupa. — debati frustrada, entrei no meu quarto e me arrumei.

Quando sai para trabalhar, ele já havia saído, praticamente corri para chegar a tempo na escola.



## Capítulo 12

12

Maya

Há uma semana Luke apareceu na minha porta.

Há uma semana minha vida mudou completamente.

Há uma semana eu já estava me apaixonando de novo.

-----

Ceguei em casa depois do trabalho, Luke já estava em casa, o almoço pronto e a casa limpa. Ele era de grande ajuda.

—Olá, Ratinha.

— Oi, como vai a vida de dono de casa? — coloquei minha bolsa pesada no sofá e fui pegar meu cachorro.

— Vai bem, mas a partir de amanhã, só voltarei para casa depois das 18horas.

— Ah, conseguiu um trabalho. — Luke estava apoiado na bancada, ainda não tínhamos cortado seu cabelo, pois ele sempre passava o dia fora e chegava de noite, então fomos empurrando com a barriga.

— Sim, na verdade dois.

— Nossa, que bom. Onde vai trabalhar? — estava feliz por ele, que agora tinha um trabalho, na verdade, dois.

— O primeiro é em uma oficina, o senhor que cuida, já está ficando velho e precisa de ajuda e o segundo é só de sábado, duas horas ao dia, como treinador de basquete.

— Treinador de basquete aonde?

— Na escola, para os alunos do ensino médio. — arregalei os olhos, ele trabalharia na minha escola?

— Como você conseguiu esse emprego?

— Hoje de manhã, quando fui levar um dos seus diários, que você esqueceu, conversei com a diretora e ela sugeriu esse trabalho.

— Você contou que era um ex-detento?

— Claro, mas ela disse que não teria problema, eu serviria de exemplo para as crianças. — ele sentou ao meu lado, Marley pulou para o colo dele. O cachorro não era bobo, eu também adoraria estar nos braços musculosos de Luke.

— Fico feliz.

— Ótimo, pois preparei o almoço para você.

— Pude sentir o cheiro quando entrei. — ele colocou dois pratos na mesa, para nos servimos.

Era macarrão com camarão, ao molho branco. Ele cozinha muito bem, e eu adorava comer. Eu que limpei a cozinha, quando terminei ele já estava com o cabelo molhado.

— No meu guarda-roupa, na última prateleira tem uma caixa, lá tem as coisas para cortar seu cabelo. — ele sumiu no meu quarto, enquanto eu colocava comida para Marley. — Olha, filho, coloquei comida para você. — carreguei o cão até o pote de comida.

Quando Luke voltou para cortar seu cabelo, estava no banheiro esperando ele.

— Sente no vaso. — ele sentou de costas para mim, estava somente de short, sucumbi o desejo de acariciar suas costas, sentir sua pele. — Tem certeza que quer cortar seu cabelo?

— Sim, fiquei com ele por sete anos. — passei meus dedos em seu cabelo sedoso.

— Você tem um cabelo maravilhoso. — murmurei, ele deu uma risada profunda, meu coração se apertou perante o som.

Comecei a cortar seu cabelo, me lembrou do tempo que trabalhava com a minha tia em seu salão de beleza, com ela aprendi como cortar, pintar e escovar. Os cinco anos que passei em Londres foram muito bons para mim, esfriei minha cabeça e coloquei minha vida no lugar, mas nunca esqueci da promessa que fiz ao Luke e isso me atormentou até o dia que eu finalmente o conheci.

— Você ainda guarda as cartas? — perguntou Luke, tentando puxar conversa.

— Cada uma delas, às vezes, eu as leio. —

— Você não vai perguntar se tenho as suas?

— Não preciso, duvido que as tenha. — era difícil acreditar que ele pôde ter sentido a mesma coisa que eu, na época era uma adolescente nova, achava que ele ia sair da cadeia e me buscar em um cavalo branco. Ele mesmo já se dizia perigoso, o Senhor Perigoso da minha vida, mas estava disposta a enfrentar tudo para ficar ao lado dele.

— Eu as tenho também, estão na minha bolsa.

— Vire de frente. — precisava agora cortar a frente, mas não foi uma boa ideia, seu rosto ficava perto dos meus seios, sua respiração quente contra minha pele causou tremores.

— Não sei se isso vai dar certo. — comenta.

— O quê? — eu sentia a mesma coisa.

— Nós dois, morando na mesma casa. — sussurrou, abaixou minhas mãos e me olhou.

— Só estou tentando te ajudar, você é livre para ir.

— Eu sei, o problema é que não quero ir. — seu sotaque ficou tão pesado, que quase não entendi suas palavras.

— Por quê?

— Porque eu a desejo muito. — foram suas últimas palavras, então sua boca estava na minha, me beijando loucamente.

Eu nunca vou me esquecer do nosso primeiro beijo, tinha tanta paixão envolvida. Eu não conseguia ficar mais longe dele, suas mãos envolveram minha cintura me puxou para seu colo. Ele era tão grande e confortável, me sentia plena em seus braços. Sua boca foi gentil, me beijando calmamente. Eu estava aproveitando aquele prazer, nenhum homem me beijou como ele. Suas mãos passeavam pelo meu corpo, acariciando cada parte. Já as minhas estavam em seu rosto, segurando-o perto de mim.

— Luke... — murmurei contra sua boca.

— Essa foi a primeira coisa que quis fazer, quando te conheci pessoalmente. Durante oito anos, eu tenho sonhando com você e sinto muito se não pude vir antes, mas fiz o que era necessário para sua segurança. — eu entendi o que ele estava dizendo e de certa forma fiquei grata que pensou na minha segurança, Luke no passado pôde ter sido um homem ruim e feito coisas ruins, mas queria confiar no novo Luke, aquele que fazia o jantar, brincava com meu cachorro e era gentil com as mulheres ao seu redor.

— Eu tenho medo. — revelei meu segredo.



— Medo do quê?

— Da gente, do que podemos nos tornar.

— Maya, eu sei do que passei e não quero que você passe por isso. Mas você precisa prometer não se apaixonar por mim.

— Você está citando Nicholas Sparks? Do livro e filme, Um Amor para Recordar? — eu não sei se poderei prometer isso a ele, também não poderia revelar que já estava apaixonada por ele, desde os dezessete anos.

— Não, realmente você não pode se apaixonar por mim, vamos ver no que vai dar. — eu concordei com a cabeça.

— Tudo bem, mas vamos com calma, Senhor Perigoso. — ele abriu um sorriso e me deu outro beijo.

Terminei de cortar o cabelo dele, que ficou falando toda hora, sobre o trabalho de treinador e o quanto estava ansioso. Luke gostava de crianças e isso encheu meu coração, eu também gostava, apesar de querer só ter um filho, mas com ele eu teria vários.

Quando ele estava pronto, não pude deixar de notar seu lindo cabelo, agora sem os longos cabelos que escondiam seu rosto, ele se tornara ainda mais bonito.

— Nossa, que gato.

— Fazer o quê. — ele piscou e então roubou um beijo.

— Se comporte. — bati em seu ombro, quando a campainha tocou.

— Deixa que eu atendo. — ele foi para a porta.

— Deve ser a sua vizinha, Melody. — comento sarcástica.

— Ela é sua vizinha, eu sou só seu primo distante, que gosta de comer doce. — ele foi atender a porta, fiquei no banheiro, varrendo os cabelos no chão.

— Quem é você? — ouço a voz grossa do meu pai, largo a vassoura e corro para a sala.

— Bom, quem é você? — retrucou Luke.

— Papai, mamãe, o que estão fazendo aqui? — ambos estavam do lado de fora, com uma mala na mão e um olhar severo.

— Eu me aposentei mais cedo e resolvi voltar para minha cidade natal. — responde meu pai.

— Ah, vocês são o senhor e a senhora Johnson? Desculpe, sou Luke Petkovic. — meu pai ficou branco.

— Entre, não fiquem aí fora. — papai passou direto, colocou a mala no sofá e se virou, para me encarar.

— Vocês estão namorando?

— Não.

— Sim. — respondemos em uníssono.

— Vocês estão ou não? — eu queria negar para o meu pai, mas Luke queria assumir um relacionamento que nem começamos.

— Na verdade, eu estou de favor na casa dela. — esclarece Luke.

— Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Não há nada acontecendo, Luke precisava de um lugar para ficar, está aqui há uma semana, como meu amigo.

— Mas ele disse que vocês estavam em um relacionamento? — resmungou minha mãe.

— Em um relacionamento amigável.

— Luke está trabalhando na escola, como treinador. — tento melhorar a imagem dele, mamãe abre um sorriso e cumprimenta Luke.

— Muito legal, tomara que dê certo. — ela apertou sua mão e se sentou no sofá.

— Nosso apartamento só libera na próxima segunda, revolvemos vir antes e ficar com você, mas como você tem visita.

Antes que pudéssemos responder, a campainha tocou.

— Ah, agora sim é a vizinha. — Luke abre a porta e Melody entra com um belo prato cheio de biscoitos caseiros.

— Olha o que fiz para você, Luke. — ela empurra o prato em seus braços e então percebe a presença dos restantes. — Ah, me desculpe, sou Melody, a vizinha.

Ela beijou meus pais.

— Bom, mamãe, pode ficar. Eu vou dormir no sofá, vocês ficam com meu quarto.

— E Luke dorme aonde? — retruca meu pai.

— Ele tem o colchão.

— Mas se ficar muito apertado, o Luke sabe que ele pode dormir uns dias no meu apartamento.  
— sugere Melody, só por cima do meu cadáver Luke dormiria na casa dela, que estava muito oferecida.

— Não precisa, minha casa é igual coração de mãe, sempre cabe mais um e ele dormira no sofá.  
— Luke tinha um sorriso no rosto, eu tento esconder meu ciúme inevitável.

— Então tudo resolvido, vocês ficam aqui até o apartamento de vocês liberarem. — Luke me entrega o prato de biscoito, para pegar as malas e vai para o quarto.

— Vocês alugaram um apartamento aonde?

— No andar de baixo, os antigos inquilinos estão se mudando.

— Vocês irão morar aqui? — isso só podia ser carma, quando meu pai mudou de cidade, por causa do trabalho, nunca imaginei que ele voltaria para sua cidade natal.

— Sim, pensei que você ficaria feliz.

— Não mãe, estou feliz. — eu a abracei apertado. — Vocês não estão com fome?

— Sim, pensei em sairmos para almoçar. — comenta papai.

— Nem precisa, tem almoço pronto. — Luke voltou.

— Vou correr, até mais. — ele estava com moleto, Melody logo se levantou.

— Vou com você. — quando os dois saíram, eu quis "morrer". Ela estava fazendo de propósito, mesmo dizendo que era gay e comprometido.

— Você tem algum problema com os dois saindo, juntos e sozinhos? — questiona minha mãe.

— Não.

— Hum... Parece, mas se eu fosse você eu ficaria, a moça é bonita e ele é homem. — não consegui fingir, fui direto para o sofá e abri a janela, espioná-lo, eles não saíram em seguida, demorou alguns minutos, quando apareceram na rua e correram lado a lado, meu coração se apertou, até sumirem na esquina.

— Ele é só meu amigo. — tentei disfarçar, papai estava sério, mas mamãe estava dando gargalhadas de bruxa.

— Oh, querida, está caidinha por ele. — meu pai não gostava de Luke, mamãe por um certo tempo, se culpou pelo nosso envolvimento, porém estava claro que ela torcia para que ficássemos juntos e assim eu poderia ficar feliz.

— Não fique incentivando essa menina a namorar o delinquente.

— Papai, você me machuca quando o ofende. Ele saiu faz tempo, tem dois empregos honesto e é muito gentil.

— Não quero saber de nada, mas já sabe minha opinião e não tem minha bênção. — resmungou, antes de voltar a comer. — Aliás, está uma delícia, parabéns filha.

— Obrigada pai, mas foi Luke que fez... — assim que disse o nome do detento, ele soltou os talheres e afastou o prato.

— Que merda.

— Papai, vai se acostumando, vai ficar até segunda e também vai morar no andar inferior, então terá que se acostumar com a presença dele.

— Vocês estão ou não envolvidos.

— Não mamãe, mas eu sinto algo por ele desde os dezessete anos de idade. — ela acenou com a cabeça e veio me abraçar.

— Só Deus sabe do nosso destino, se você gosta dele e quer tentar, quem será nós para impedir.

— Eu não aprovo, como já havia dito, porém você não tem mais dezessete anos e não sou eu que mandarei em sua vida. Faça o que te faz feliz. — papai vem me abraçar, fazendo um abraço em família.

— Eu amo vocês.

— Nós te amamos. — responderam em uníssono.



## Capítulo 13

13

Fecho os olhos, mesmo diante de um mundo decadente, corrupto e começo a visualizar um novo mundo... uma realidade totalmente diferente que se delineia dentro de mim. Já a antevejo, com os olhos de fé, desfrutando de todos os seus benesses.

*Quando estou me sentindo cansada, fraquejada, e as minhas mãos estão trêmulas, pesadas; tenho a companhia de amigos(a), comungam a mesma fé, com as mãos diligentes e amorosas sustentam as minhas mãos, como se elas fossem levar plumas a esvoaçarem. Recobro minhas forças e me sinto amada e amparada por eles(as). Êxodo 17:12*  
(Aimara Shinfler)

---

No final da noite, estavam todos na sala, assistindo televisão. Meu apartamento não era dos maiores, mas acomodava todos facilmente, Luke sentava no meu extremo, papai no meio, com olhar de gavião e mamãe concentrada na televisão.

— Papa e mama, não é querendo expulsá-los, mas trabalho amanhã é preciso dormir.

— Sim, esqueci que estávamos na sua "cama". — papai se levantou, mas então retornou a sentar.

— Vocês dois, quero só ver, dormirei de porta aberta, nada passa batido por mim. — com essa ameaça, papai e mamãe vão pra o quarto, eu os sigo, para pegar os lençóis de cama, enquanto Luke pega o seu colchão.

Após arrumar a cama de Luke e a minha, nos deitamos, como já era de praxe, assistimos Grey's Anatomy.

— O que seu pai disse sobre nós? — questiona baixinho.

— Ele não aprova, mas também não me proibirá, já não tenho dezessete anos e sei o que fazer da minha vida.

— O que você quer? Não sei se posso te oferecer um futuro. — minha mão escorrega do sofá, batendo em seu peito, ele a pega e acaricia.

— Eu imagino que não posso mesmo, mas fico contente de viver o presente.

— Eu já disse que não pode se apaixonar.

— Isso é uma merda. — resmungo

— Por quê?

— Porque você se apaixonara por mim, primeiro. — ele deu risada, então beijou meus dedos.

— Eu não sei, mas de qualquer forma, saiba que não posso garantir um futuro e nem o passado, mas o presente, eu quero estar com você aqui, morando nesse apartamento, sendo "pai" do Marley e trabalhando na escola. — Luke fez uma pausa. — Uma vida normal.

— Você pode ter tudo isso, basta ficar aqui comigo e tentar.

— Eu gostaria disso. — após suas últimas palavras, pega minha mão novamente, então a coloca no meu estômago.

\*\*\*\*\*

Acordei atrasada novamente, todos já haviam saído, um bilhete em cima da bancada de Luke, informando que fora para seu primeiro dia de trabalho. Arrumei-me rapidamente e peguei um táxi para chegar mais rápido na escola.

Entrei na minha sala de aula, todas as crianças sentaram em seus devidos lugares.

— Bom dia, crianças.

— Bom dia, professora Johnson. — coloquei minha pesada bolsa em cima da mesa.

— Hoje faremos algo diferente. Peguem uma folha e escrevam uma mensagem para alguém ao seu lado, pode ter poemas, partes de uma música, ou o que vocês quiserem.

— Mas professora, não tem ninguém do meu lado — comenta Luíza, sentada na última fileira.

— Então escreva para mim e eu escreverei outra para você. — todos da sala começaram a fazer carta, isso me deixou contente.

A manhã passou rápido, no final do meu expediente, revolvi ir até a casa de Lauren, como ela é o bebê estavam. A sua casa não era muito longe da minha, então passaria no centro e compraria um presente.

Peguei um táxi a alguns metros da escola e parei em frente a uma grande loja de bebês. Eu nunca

tive realmente a vontade de ter filhos, como sempre fora o sonho dela, mas as roupas eram tão bonitas, principalmente para meninas. Comprei um lindo macacão, que Lauren adoraria.

Ao passear na calçada, avisto Luke, ele estava na oficina do senhor Drake, sem camisa tomando um "sol" na calçada. Ele chamava atenção de todos, principalmente das mulheres, andei em passos largos até sua direção, quando me viu, abriu um sorriso sugestivo.

— Oi, Ratinha. — ele beijou minha bochecha.

— Oi, por que não disse que na oficina do Senhor Drake. — o chefe de Luke era o ex-Xerife da cidade, quando se aposentou, papai assumiu e hoje o cargo era de Connor.

— Não sei, só falei o mais importante, que estava empregado.

— Olha quem está aqui, a pequena Maya. — Senhor Drake veio beijar minha bochecha, ele cheirava a graxa e óleos

— Oi senhor Drake, fico feliz que tenha dado uma chance a Luke. — ele bateu nas costas de Luke e sorriu:

— É um bom garoto, na verdade, ele já é um homem. Já estou velho e toda ajuda é bem-vinda.

— Obrigado mais uma vez, pela oportunidade. — ele acenou com a cabeça e voltou para dentro.

— Como está indo até agora?

— Tudo bem, ele tinha uma velha moto, que meu deu, eu só preciso restaurá-la. — o segui para dentro, assim poderia ver a sua nova aquisição. A sua Harley Davidson estava velha e suja. — Ela está feia agora, mas vou deixá-la ótima para eu poder levá-la trabalhar todos os dias.

— Não faça por mim, eu gosto de andar até a escola, mas se você quer começar a restaurá-la, boa sorte, vai precisar. — ele sorriu contente, então me puxou contra seu corpo e me beijou.

— O que está fazendo? — pergunto ao me afastar.

— Te beijando, é claro.

— Luke, provavelmente nunca morou em cidade pequena, os rumores correm rápidos e ainda não decidimos o que fazer.

— Não decidimos o quê? Maya, moramos juntos, imagina o que já devem estar falando. E outra, nunca me importei com a opinião alheia, e não será agora. — Luke me puxou novamente para seu braço, desta vez fui eu que o beijei, tomando sua boca na minha. Nossas línguas se encontraram, saboreando o gosto de menta da boca de Luke.

— Eu preciso ir. — sussurro contra sua boca, minha testa encostada na sua.

— Vai aonde?

— Vou para casa de Lauren, comprei um presente para o neném nela. — levantei a sacola, mostrando-o.

— Adoraria ver, mas estou com a mão suja e preciso trabalhar.

— Se o seu trabalhar é ficar na calçada, sem camisa, tomando sol e servindo de escultura para as mulheres, então vá trabalhar. — Luke começa a gargalhar, fecho a "cara" em resposta e me afasto.

— Vou trabalhar mesmo, beijos Ratinha brava. — impossível ficar brava com alguém como ele, que era sempre divertido e sabia lidar com o meu ciúme.

Eu nunca senti essa possessão com outras pessoas, mas ficava louca de ciúmes só de olharem para ele. Isso era algo novo para mim, eu deixei de namorar, desde Mike, que foi uma pessoa especial na minha vida, um grande amigo e nosso relacionamento acabou da forma errada.

Ele queria continuar, mas só se deixasse Luke para trás e isso era impossível. Um homem como o meu correspondente, era diferente dos meninos a minha volta. Ele soube me fazer ficar fascinada por ele, desejando que tivéssemos um relacionamento e agora isso pode acontecer.

Eu queria me entregar de corpo e alma àquele homem, mas meu coração deveria ser mantido a sete chaves, onde ele não pudesse me fazer apaixonar por ele. Infelizmente eu já era, nesta semana, tudo que aconteceu conosco mexeu comigo.

----////

Luke

Ao ver a mulher da minha vida partir, meu coração se apertou. Ela era tão linda e inteligente, me fazia sentir especial.

Tudo que lutei para chegar até aqui valeu a pena, ao delatar Lúcifer, acabei criando uma guerra, fui mantido em uma prisão de segurança máxima, para minha própria segurança. Todo o acordo que fiz com a Federal, valeu a pena, conhecer Maya pessoalmente, poder beijar sua boca e futuramente cada parte do seu corpo, valia cada "baque" que a vida me deu.

Passei o resto do meu dia trabalhando em um velho Volvo, quando andava para casa, encontrei Melody, que não perdia a chance de me ter por perto. Isso causava um enorme ciúme em Maya, mas eu não podia fazer nada, só conseguia desejar minha linda Ratinha, loira dos olhos azuis.

— Está indo para casa? — questionou Melody.

— Sim, já está bem tarde, provavelmente já até perdi o jantar. — ela começa a caminhar do meu lado.



— Qualquer coisa, pode comer lá em casa, hoje a minha mãe passou lá e deixou comida pronta.  
— isso não era uma má ideia, depois de alguns anos na cadeia, você dava o verdadeiro valor para comida. Já passava das dez, Maya dormia cedo, pois acordava cedo e seus pais, são velhos, já deviam estar dormindo.

— Pode ser. — Melody ficou muito contente.

— E como anda seu namorado?

— Meu o quê? — parei brutalmente de andar, como assim meu namorado?

— Seu namorado, Maya, sua prima, disse que você tem um namorado. — minha querida companheira de quarto havia espalhado que eu era gay, logo eu? Só podia ser um dos seus ciúmes e isso me deixa contente, quer dizer que ela se importava cada vez mais.

— Bom, eu não tenho mais namorado, aliás, sou heterossexual. — voltamos a andar, em um ritmo mais apressado, estava ficando tarde.

— Ela disse que você era gay! Mas deve ser ciúmes de prima — comenta.

— Eu nunca fui gay.

— E também é solteiro. — se ela estava dando em cima antes, quando pensava que era comprometido e gay, imagina agora. Talvez ao final das contas, não fosse uma boa ideia.

Eu era um homem mulherengo, sempre atrás de um rabo de saia, porém não me sentia atraído por outras mulheres, não conseguia desejar outra mulher, a não ser, Maya. Com ela eu fantasiava cada coisa, que naquela mente erudita nem acreditava.

Eu estava acostumando com mentiras, traições e morte, tudo que passei pela minha vida, estava enterrado, eu tinha um certo tempo com ela e aproveitaria ao máximo.

Quando chegamos em frente ao prédio, olhei a janela do apartamento que compartilhávamos, a luz estava acesa, isso significava que estava acordada.

Melody abriu o portão e subimos para o nosso andar.

— Vai entrar? — perguntou, na frente da sua casa.

— Eu acho que vou deixar para a próxima. — com meu olhar fixo na porta.

— Tem certeza? Mamãe é uma grande cozinheira.

Voltei minha atenção até ela e respondi:

— Outro dia, agora preciso ir para casa. Obrigado pela companhia, nos vemos amanhã, vizinha.  
— ela estava cada vez mais perto, andando em passos curtos.

— Não tem problemas, boa noite. — ficou nas pontas dos pés e tomou minha boca na sua, que estava faminta. Seu beijo era duro e áspero, pura sexualidade. Há algum tempo, eu já estaria com ela contra parede, levantando sua saia e mostrando o quanto sou heterossexual, mas as coisas agora eram diferentes, nesta cena só conseguia desejar que fosse Maya.

Então empurrei sua cintura para trás e arregalei os olhos.

— Venha para o meu apartamento. — ela piscos seus grandes olhos verdes, que fazia contraste com seu cabelo escuro.

— Não posso, preciso entrar. — soltei sua mão e fui até "meu" apartamento. Peguei a chave no vaso de planta ao lado e abri a porta, quando entrei em casa, Maya estava sentada no sofá, com a expressão ilegível:

— Boa noite.

— Boa noite, querida. — fechei a porta e a tranquei, meu colchão já estava arrumado, o silêncio na casa significava que meus futuros sogros já estavam dormindo. — Vou tomar banho, estou fedendo a óleo e graxa.

Fui direto para o banheiro, após uma longa ducha quente, retornei para a sala, somente de toalha, pois não havia pego roupa no quarto da Maya, onde seus pais dormiam.

— Maya, pega uma muda de roupa no quarto dos seus pais, esqueci de pegar. — ela parecia estar brava comigo, mal olhou em meus olhos, quando passou por mim, indo até o quarto.

Eu não tinha muito desse tipo de relacionamento, não entendia as mulheres perfeitamente. Quando passou do meu lado, agarrei sua cintura e a puxei contra mim.

— Você está brava!

— Estou, por sua causa. — ela já foi direta, mas não podia resistir a mim mesmo com o corpo duro e o rosto fechado, comecei a beijar sua garganta. — Luke me solta. — sua boca falava uma coisa e seu corpo outra.

— Por que está brava? — perguntei contra sua pele, meus dentes batiam conforme falava, deixando-a arrepiada.

— Não me pergunte o porquê. Você sabe muito bem. — desta vez beijei sua boca, suas mãos me agarraram com força, minha toalha caiu, me deixando nu e com o pau duro. Sua mão desceu até meu membro, agarrando com força e movimentando.

— Que pouca vergonha é essa? — gritou seu pai, ela se afastou brutalmente e eu peguei a toalha, para cobrir minha nudez.

— Papai...

Que merda, pegos pelo seu pai.



## Capítulo 14

14

Eu nunca estive tão envergonhada na minha vida, meu pai estava tão vermelho, que parecia um tomate. Eu não sabia se ria na nossa situação, ou chorava por ser pega no flagra.

— Papai.

— Maya Johnson, se recomponha. Posso até estar em sua casa, mas enquanto estivermos na mesma casa, você terá que me respeitar. — Luke se enrolou na toalha, escondendo sua nudez.

— Me desculpe.

—Você olhou em meus olhos e jurou ser só amiga deste homem, não só para mim, mas para sua mãe também. — abaixei meu olhar, estava me sentindo uma adolescente, pega pelo pai.

— Eu sinto muito. — ela já não sabia como me desculpar, mal conseguia olhá-lo nos olhos.

— Chega de pedir desculpa. — Luke estava mudo, apenas olhando para o meu pai. — E você? Só vai ficar me olhando?

—Não tenho muito o que falar. Só que decidimos, hoje de manhã, que vamos ficar juntos, ver no que dá. — eu estava mais do que surpreendida com essa resposta, Luke estava afirmando ao meu pai que estávamos agora em uma relação.

—E você acha que ficar dando amassos na minha filha fará eu vê-lo com bons olhos? Já tenho uma má impressão, você já foi preso e tem um passado bem sujo, devo acreditar que encontrou a rendição? Vai começar a ir à igreja também.

—O problema de pessoas como você...

—Pessoas como eu? — interrompeu papai.

—Sim policiais, que acham que qualquer um é melhor que um detento, eu fui preso, cometi crimes,

fui condenado, estou pagando minha sentença e não preciso de homem como você para dizer que sou um merda. — Luke estava começando a se exaltar, eu nunca tinha visto ele desta forma, sempre foi educado e gentil. — Sou tão merda assim, então por que sua filha gosta de mim?

—Você está certo, eu te acho um merda mesmo. Eu nunca vou conceder minha bênção, por mim ela virará freira. — Ambos já estavam gritando, mamãe saiu do quarto cambaleando.

—O que está acontecendo? — eu não sabia como apartar aquela briga.

—Nada, sinto ter causado incomodo. — Luke soltou a toalha e pegou a roupa, se vestindo na frente de todos.

—Luke. — gritei seu nome, mamãe estava vermelha e papai pronto para matá-lo.

—Ele não me quer perto dela e nem de você, então vou dormir em outro lugar, por enquanto. — Luke não olhou para mim, apenas pegou suas coisas, antes de sair do apartamento, disse: — Não adianta, querendo ou não, vou ficar com a sua filha.

Eu estava muito nervosa para pensar direito, queria matar meu pai e Luke, e eu estava a ponto de chorar, nunca fui tão humilhada.

— Papai, eu já tenho vinte e cinco anos e não preciso das suas ordens, é melhor achar uma forma de lidar com Luke, pois é dele que eu gosto e vou namorá-lo sim. — fugi para dentro do banheiro, chorar um pouco. Aonde Luke dormiria, ele não conhece ninguém na cidade. Dormiria na rua ou na casa de Melody, a mulher que era o motivo do meu ciúme, eu queria gritar com todos, principalmente com meu pai. Mamãe já estava fazendo por mim, eu podia ouvir, através da porta, ela gritava com ele e dizia o quanto estava decepcionada.

Quando a casa ficou em silêncio, fui dormir no colchão de Luke, o travesseiro ainda tinha o cheiro do seu perfume. Dormi com o coração apertado, imaginado quanto Luke deve estar chateado, papai passou dos limites, não era justo julgá-lo pelos pecados do passando, o que aconteceu em seu passado, deveria ficar enterrado.

Eu não conseguia imaginá-lo como um assassino, não o homem que é tão carinhoso comigo, faz o jantar, cuida do cachorro e até ajuda nas tarefas domésticas, desde que falei que tinha que arranjar um emprego, levantara cedo todas as manhãs atrás de um.

Ainda podia ver o seu rosto de felicidade em revelar que finalmente havia conseguido um, imagino o quanto de discriminação deve ter recebido, não culpava as pessoas, mas acreditava que ele era uma nova pessoa e cada minuto que passo ao seu lado vou me apaixonando mais.

Marley deitou ao meu lado, o abracei apertado, ultimamente ele me trocara por Luke, dormindo com ele, o seguindo e até mesmo latindo quando chegava do trabalho.

Ainda estava morta de vergonha, pega no flagra, com a mão na massa. Nunca pensei que nossos beijos poderiam virar carícias tão rápido, de repente me vi acariciando seu corpo e principalmente

seu membro, e que membro! Era grosso e grande, fiquei imaginado como seria transar com ele, provavelmente me levaria nas nuvens e isso me deixava ainda mais curiosa. Eu só precisava resolver as coisas com ele, papai ir para seu apartamento, então finalmente poderíamos dormir juntos.

(...)

Luke

Quando sai do apartamento estava pegando fogo, seu pai havia falado muitas coisas ao meu respeito. Não precisava dele me lembrando, pois, meu passado nunca seria apagado completamente, tudo que fiz eu seria punido.

Odiava que ele estava certo em algumas coisas, como no fato de não ser a melhor coisa para ela, mas não podia ficar longe da minha princesa, cada parte de mim me puxava de volta a ela.

Eu não tinha onde dormir, acabei tento que bater na porta da vizinha, esperando que ela não tomasse aquilo como uma oferta. Melody abriu a porta com uma camisola sexy, eu era homem, então aquilo teve um efeito em mim.

— Bom, mudou de ideia?

— Quanto ao sexo não, mas eu adoraria se eu pudesse ficar esta noite aqui. — esta noite e mais algumas, não voltaria para aquele apartamento, não enquanto ele estiver lá. Como só se mudaria na segunda, então esperaria até o fatídico dia.

— Vem, pode entrar. — deu um passo para trás, dando espaço para passar. — Não tem outro colchão, a não ser aquele que está no outro apartamento, mas pode dormir no sofá. Ou na minha cama. — ela levantou as sobrancelhas e deu um sorriso sexy.

— Posso dormir no sofá mesmo. — Melody me puxou até a cozinha, onde eu poderia jantar. Estava cansando, não fazia um trabalho tão pesado há anos e agora tinha que me acostumar com a nova vida. — Sua mãe cozinha muito bem — comento ao experimentar a comida.

— Sim, ela tem um restaurante no centro. Às vezes, ela traz comida, por achar que não estou me alimentando bem.

— Mas você também cozinha coisas deliciosas, como os doces que você vive me dando. — ela sempre estava na porta do apartamento com um prato de delícias, seja bolo, biscoitos, pudim.

— É que moro sozinha, gosto de dividir as comidas que faço. — recolhi os pratos após termos comido. — É bom ter alguém pra jantar, para variar. — comento ao sair da cozinha.

Tentei não pensar na minha pequena loira, que há poucos minutos estava me masturbando, sua mão era pequena ao redor do meu pau. Nem em minha adolescência havia passado por isso, nunca um pai pegou a filha comigo em uma cena comprometedor. Maya estava tão envergonhada na hora,

eu não sabia se dava risada ou me mantinha quieto.

Seu pai estava quase dando pulos, sua mãe também envergonhada. Estava tudo certo, até que ele começou a falar de mim, me chamando de merda e me rebaixando por ser um detento.

Cresci em uma vida de luxo, mas nunca foi dinheiro limpo e meu tio um grande mafioso, que fez da minha vida um inferno. Desde os doze anos me colocou na vida do crime, já lutei até a morte, torturei homens e matei. Meu tio, mereceu sua morte, Ainda posso lembrar da cena, em meio a um famoso restaurante, logo após descobrir que o mesmo matou meus pais. Sangue tinha que ser pago com sangue. Como diz o ditado: "olho por olho, dente por dente".

Esse foi o motivo de ser preso e condenado, eu cometi vários crimes e só seria condenado por minha sede de vingança. Eu estava tranquilo quanto a isso, eu nunca achei que não merecia.

Também não podia esquecer o trato que fiz com os federais, sentia que meu tempo estava acabando e que logo teria que abrir mão da minha nova vida.

Pela primeira vez, em anos, eu estava feliz, sem nenhuma raiva, medo ou anseio. Nada de sangue ou lutas, estava limpo, nem bebia ou cigarro. Merda, me tornei até celibatário, mas hoje Maya me despertou. Não queria perder mais tempo, ela era quase minha namorada e querendo ou não, tinha que ser amigo de seu pai.

-----

MAYA

Acordei com papai me chamando, meu coração estava pesado no peito, sentindo a falta dele. Quando estávamos tomando café da manhã, Luke entrou junto com Melody.

— Bom dia pessoal. — cumprimentou Melody, alegremente.

— Oie.

— Pensei que você não viria mais, enquanto eu estivesse aqui. — argumenta papai.

— Pois é... Mas percebi que quero namorar sua filha. Então, sogro, decidi mostrar que não sou um merda, sou um homem digno da sua filha. — dito isso, Luke se aproxima de mim e me dá um casto beijo.

Ficamos todos estáticos, surpreendido com ele, que logo se retirou para tomar banho.

—Mas vocês não eram primos? — Melody foi a primeira a falar, estava branca igual papel.

— Não, eu menti para não pensarem besteira sobre ele. Ele dormiu na sua casa?

—Sim, no sofá. Tchau pessoal, preciso ir me conformar que Luke nunca vai transar comigo. — eu não sabia se dava risada dela, ou chorava pela expressão furiosa de papai.

Nunca um homem o enfrentou em um dia e no outro declarou que ele era parte da família, e que mostraria o quanto ele era bom para mim. Mamãe estava contente, assim como eu, me troquei com um sorriso bobo no rosto. Eu tinha um namorado, não um qualquer namorado e sim Luke, o homem que me assombrava desde os dezessete anos. Em meus sonhos, quando imaginava nosso primeiro beijo, nosso primeiro encontro, não o imaginava tão amável.

Não era para esperar um homem frio e arrogante? Ele era um ex-detento, com um passado sujo, mas ainda assim um “Lorde”. Eu já queria começar a preparar nosso casamento, os nomes dos nossos filhos e nossa casa, esperava que pudéssemos dar certo, aos vinte e cinco anos, eu queria ter um marido, uma casa para cuidar, com filhos no futuro. Imagino que nossa casa devesse ter um grande quintal, assim Luke poderia jogar futebol com nossos filhos.

De repente percebi, estava fazendo planos para o futuro, se tudo isso acontecesse eu seria uma mulher feliz, mas será que se realizará? Ficaremos juntos? Não sei, meu coração se apertava com a hipótese de ter um futuro sem ele.

Ele estava em casa há poucos dias, mas em minha vida há quase oito anos, nenhum dia, após sua carta fiquei sem pensar no homem que escrevia lindas palavras. Nossos telefonemas de manhã, falando besteiras e as cartas, que eu passava noites olhando livros de poesia, vendo qual poderia se encaixar na próxima carta.

Quando sai do quarto, meus pais já haviam saído, Luke me esperava na sala.

—Está me esperando? — questionou com a sobrancelha levantada.

—Sim, apesar de não ter um carro, vou te levar para o trabalho. — se levantou do sofá, colocou Marley no chão.

—Parece que conquistou meu cachorro! — Luke observou Marley em seus pés, passava entre suas pernas, como um gato.

—Sim, eu gosto de animais. — me aproximei dele e o abracei, foi um ato impossível. Seus braços me rodearam, apertando contra seu peito.

— Há muito tempo não me sinto assim.

—Assim como? — pergunta, curioso.

— Feliz, muito feliz. — levanto a cabeça, para que pudesse me beijar.

— Eu também me sinto assim. — revelou Luke, após afastar sua boca da minha.





# Capítulo 15

15

Querido Senhor Perigoso,

*Hoje faz dois meses que trocamos cartas, eu não sei muito ao seu respeito. Nada além do seu suposto primeiro nome e sobrenome, que reside na San Quentin, você também gosta de comida japonesa, mas gostaria que soubesse, eu estou adorando nossa amizade.*

*Como já escrevi outras vezes, queria muito conhecê-lo pessoalmente, mas acho difícil já que você me proibiu restritamente de visitá-lo*

*Tão impossível de conhecê-lo pessoalmente, também persiste em colocar um rosto, no homem que assombra meus sonhos. Não sei, se é estupidez da minha parte, mas recentemente imaginei que você seria alto, com o corpo magro definido, tatuagens pelo corpo. Também penso que deve haver cicatrizes em seu corpo, seus olhos devem ser escuros, como sua alma descrita em suas cartas.*

*Bom, eu fico só com as ilusões, enquanto você já tem uma foto minha. Você que não disse muita coisa da minha foto, apenas que a viu entre as coisas de meu irmão, mas gostaria de deixar claro, que nem sempre o que está por fora é tão bonito quanto o que está por dentro. Digo isso, pois eu não o conheço fisicamente, mas o pouco emocionalmente, já me dá uma ideia que seja um homem confiante, de palavra e muito sexy.*

*Espero que nossa amizade continue a progredir.*

*Desta vez, não mandarei um poema e sim uma música, que após minhas pesquisas do presídio San Quentin, descobri que foi gravada no presídio, com a participação dos presos.*

*St. Anger, Metallica*

**St. Anger**

*Saint Anger 'round my neck*

Saint Anger 'round my neck  
He never gets respect  
Saint Anger 'round my neck

(You flush it out, you flush it out)  
Saint Anger 'round my neck  
(You flush it out, you flush it out)  
He never gets respect  
(You flush it out, you flush it out)  
Saint Anger 'round my neck  
(You flush it out, you flush it out)  
He never gets respect  
Fuck it all and no regrets,  
I hit the lights on these dark sets.  
I need a voice to let myself  
To let myself go free.  
Fuck it all and fuckin' no regrets,  
I hit the lights on these dark sets.  
Medallion noose, I hang myself.  
Saint Anger 'round my neck  
I feel my world shake  
Like an earthquake  
Hard to see clear  
Is it me? Is it fear?

I'm madly in anger with you (x4)  
Saint Anger 'round my neck  
Saint Anger 'round my neck  
He never gets respect  
Saint Anger 'round my neck

(You flush it out, you flush it out)  
Saint Anger 'round my neck  
(You flush it out, you flush it out)  
He never gets respect  
(You flush it out, you flush it out)  
Saint Anger 'round my neck  
(You flush it out, you flush it out)  
He never gets respect

Fuck it all and no regrets,  
I hit the lights on these dark sets.  
I need a voice to let myself

To let myself go free.  
Fuck it all and fuckin' no regrets,  
I hit the lights on these dark sets.  
Medallion noose, I hang myself.  
Saint Anger 'round my neck  
I feel my world shake  
Like an earthquake  
Hard to see clear  
Is it me? Is it fear?

I'm madly in anger with you (x4)  
...and I want my anger to be healthy  
...and I want my anger just for me  
...and I need my anger not to control  
...and I want my anger to be me

...and I need to set my anger free  
...and I need to set my anger free  
...and I need to set my anger free  
...and I need to set my anger free  
SET IT FREE

Fuck it all and no regrets,  
I hit the lights on these dark sets.  
I need a voice to let myself  
To let myself go free.  
Fuck it all and fuckin' no regrets,  
I hit the lights on these dark sets.  
Medallion noose, I hang myself.  
Saint Anger 'round my neck  
I feel my world shake  
Like an earthquake  
Hard to see clear  
Is it me? Is it fear?

I'm madly in anger with you (x4)

Para todas as almas que coloquei por San Quentin, seu espírito é uma parte do Metallica.

Estava segurando algumas cartas nossas, relê-las era bom, ver como fomos um dia e que hoje estávamos juntos. Pego outra carta, desta vez é uma minha, no dia anterior ele me deu minhas cartas, assim eu poderia ler todas. Eu tinha nossa história escrita em minhas mãos, tantas cartas,

lágrimas e amor.

Querida Maya,

Mal percebi que faz dois meses, aqui na prisão, o tempo passa lentamente, mas gosto de imaginar você. Não comentei pela sua foto, pois não há palavras para descrever tal beleza, uma beleza que vem de dentro e fora.

Suas descrições sobre minhas características físicas, quase que foram certas.

Meus olhos não são escuros, como minha alma. Tenho olhos tão claros quanto o mar do Caribe. Sou alto, meu corpo é torneado, já que tenho bastante tempo para malhar. Meu cabelo foi raspando, mas para matar sua súbita curiosidade, ele tem uma cor escura, como carvão.

Não pude prolongar esta carta, pois estou com a mão machucada.

Agradeço imensamente, a companhia que me faz. Também quero que saiba, ainda não enlouqueci, por conta de suas cartas e palavras de incentivo.

Um detento muito agradecido, Luke.

Verdade

"Depois de algum tempo você percebe a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não para que você o conserte.

E você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança.

E começa a aprender que beijos não são contratos e presentes não são promessas.

Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que pode ser.

E aprende que não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam...

Começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança.

Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias.

E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida.

E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher.

Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendemos que os amigos mudam, percebe que seu amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos.

Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que quer ser, e que o tempo é curto.

Aprende que, ou você controla seus atos, ou eles o controlarão, e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem dois lados.

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as consequências.

Aprende que paciência requer muita prática.

Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute quando você cai é uma das

*poucas que o ajudam a levantar-se.*

*Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.*

*Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, algumas vezes você tem que aprender a perdoar a si mesmo.*

*Aprende que com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado.*

*Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás."*

*-Autor Desconhecido.*

Eu já estava com lágrimas nos olhos, o seu poema foi bonito, com lindas palavras que tocaram meu coração, ah, como queria que fosse tão fácil a vida. Ouvi a voz dele, acabara de chegar em casa, coloco as cartas na caixa e as guardo.

— Maya, está em casa? — fui até a sala, mas ele não estava a vista, quando fui chamar seu nome, senti suas mãos ao redor da minha cintura.

— Oi, Senhor Perigoso. — sua mão desceu até minha bunda e apertou.

— Já está pronta? Sei que cheguei tarde, mas tive um problema na oficina.

— Estou sim, vá se arrumar, preciso só corrigir algumas provas. — hoje era um dia especial, o dia dos namorados, eu nunca passei com uma pessoa no qual eu estava apaixonada. Tínhamos uma reserva em um restaurante e logo depois um convite para minha cama.

— Ok. — beijou minha cabeça e se afastou, ao partir senti falta de suas mãos no meu corpo.

Sucumbi o desejo de ir atrás dele, fui me sentar para corrigir as poucas provas que faltavam. Alguns minutos depois, eu tinha um lindo namorado, com uma bela roupa e perfumado.

— Nossa...

— Impressionada? É, eu sei, sou muito gato.

— A modéstia passou longe. — recolhi todas as folhas e guardei na minha pasta, corri para o quarto, passando por ele. Coloquei meu salto, arrumei meu cabelo e voltei para a sala.

— Vamos, ou nunca sairemos deste quarto. — Luke abre a porta para sairmos, antes de fechar a porta, ele fala com o cachorro: — Daqui a pouco voltamos, garotão.

O cachorro latiu em resposta, quando trancamos a porta, Melody sai do apartamento. Hoje de

manhã, me contou que ela e o namorado fizeram as pazes e sairiam hoje para comemorar.

— Nossa, que lindo seu vestido.

— Pelo menos alguém percebeu. — joga uma indireta para Luke, que me olha com um sorriso no rosto. Meu vestido preto, era simples, mas marcava os lugares certo. O meu sapato era lindo, uma sandália vermelha com alguns strass.

— Você está linda, Ratinha.

— Obrigado Luke, agora precisamos ir.

— Não vou atrapalhar vocês, até depois. — ela voltou para dentro do apartamento e descemos a escada, eu com muito cuidado, pois meus saltos eram altos. Os coloquei com o propósito de ficar na altura de Luke, quase impossível, mas seria mais confortável para beijá-lo.

Luke me surpreendeu, pois ele estava com um carro, que o seu chefe o emprestou por uma noite. Abriu a porta para eu entrar, como um perfeito cavaleiro. A caminho do restaurante recebo uma ligação, meu coração acelera ao ver o nome de Mike na tela. Há algum tempo, Lauren havia me dado o número dele, para entrar em contato e "relembrar" velhas amizades.

— Está tudo bem? — pergunta Luke, ao parar no sinal vermelho.

— Sim, só uma ligação. — ele levantou as sobrancelhas e riu.

— Pode atender.

— Não, hoje é o nosso momento. — ignorei a chamada e guardei o celular na bolsa.

Não havia motivo para ele estar entrando em contato, depois de anos, só podia ser coisa da Lauren, que sabia do meu encontro.

— Tem certeza? Se for seus pais? — Luke estava tentando se tornar o melhor genro possível.

— Era só um amigo, falei com a minha mãe mais cedo, disse que estaríamos indo jantar.

O resto do caminho até o restaurante foi silencioso, eu estava feliz jantando com Luke, meus sonhos estavam virando realidade, em pouco tempo já namorando e morando junto, já que ele não tinha para onde ir. Todos na cidade descobriram do nosso relacionamento, as poucas pessoas que acharam que éramos primos ficaram sabendo que menti... estava tudo indo como o planejado, cada vez mais papai e ele se tornando "amigos".

Fizemos nossos pedidos e o jantar progrediu sem problemas, uma conversa casual sobre a oficina em que trabalhava e como andava o time de basquete da escola. Antes de irmos embora, encontramos Holly, uma amiga da escola. Ela era dona da floricultura da cidade, me aproximei para cumprimentá-la. Sua doce filha estava no colo, com os cabelos escuros, como os da mãe,

presos em Maria Chiquinhas. A pequena Bethany, de apenas três anos, se jogou para o meu colo.

— Oi princesa.

— Oi, Maya – cumprimentou a menina, que brincava com meus brincos.

— Como você cresceu, da última vez que a vi, estava tão pequena. – e mais leve, pois já doía meu braço de segurá-la.

— Agora já estou quase uma adulta.

— Acho que para ser adulta falta um pouco, querida. – Devolvi a menina para a mãe.

— Foi um prazer te reencontrar, Holly. — Despedi-me dela e partimos para casa.





## Capítulo 16

16

Estávamos pegando fogo, subimos a escada do prédio o mais rápido que podíamos, quando chegamos na ponta, Luke agarrou minha cintura e me empurro contra a parede. Sua boca beijava meu pescoço e tirava gemidos da minha boca, eu não queria esperar mais nenhum minuto, já havia esperado sete anos para estar em seus braços e agora eu finalmente estava. Ele me preenchia de todas as formas, eu sentia sua paixão e desejo.

Sua mão passeava pelo meu corpo, explorando cada parte dele. Eu já estava pronta, queria-o agora, aqui mesmo, no corredor.

— Eu não quero mais esperar.

— Nem eu — respondi afobada. Com um sorriso no rosto, ele me puxou para cima, assim poderia enrolar minhas pernas na sua cintura. Meu vestido subiu, deixando minha virilha coberta por uma fina calcinha.

Luke nos levou para dentro do apartamento, não esperamos muito, fomos até meu quarto. Colocou-me na cama com delicadeza, ficou de pé, na minha frente e começou a tirar a camisa.

Cada botão que ele abria da sua camisa social, me levava a loucura. Estava ansiosa para tocar e examinar cada parte do corpo dele, um homem tão sexual devia ser proibido de tirar as roupas.

Sua pele era perfeita, destacava com as tatuagens coloridas, que estavam espalhadas por todo seu corpo, tinha até mesmo no pescoço e uma arma desenhado em cima da sobrancelha. Luke parecia totalmente um presidiário e isso me dava ainda mais fogo.

— Você está pronta?

— Estou pronta desde que tinha dezoito anos. — estava esperando ansiosamente por ele, como havia me pedido no último telefonema.

— Ótimo. — a próxima peça, foi sua calça. Ele definitivamente estava fazendo um *strip* para mim,

que estava adorando.

— Você está me torturando — comento, quase desesperada.

— Isso é só o começo. — Luke estava na minha frente, somente de cueca. Eu não queria esperar nem mais um minuto, queria literalmente cair de boca. Sentei-me na cama e me aproximei dele, subi minha mão pela sua barriga musculosa, sentindo sua pele dura contra meus dedos. — Você não parece nem um pouco com uma professora.

— Isso é algo bom?!

— Não sei, eu me sinto atraído por qualquer Maya. A doce professora e a provocante que está pronta pra chupar meu pau. — essas últimas palavras eram sujas, mas eu estava pronta para fazer o que ele dissesse.

Desci meus lábios por sua barriga, até chegar na cueca boxer. Com o dente puxei o elástico para baixo, até que seu membro estivesse livre. Lembro das inúmeras vezes que passei pela as preliminares e nunca fui até a terceira base, ou melhor, nunca consegui.

— Você não precisa fazer isso. — resmungo.

— Mas eu quero. — salivava para poder saborear cada parte dele. Agarrei o seu pau, firme em minha mão, ele era grosso e não cabia na minha mão. Meus lábios rodearam seu membro, tentando abocanhá-lo por inteiro.

Eu queria fazê-lo gozar na minha boca e tentar engolir pela primeira vez.

Luke agarrou meus cabelos, pressionou sua pélvis contra meu rosto, para que levasse seu pau mais fundo na minha boca. Infelizmente, ou melhor, felizmente, ele era grosso e se tornou quase impossível de chupá-lo por inteiro, porém, eu não era conhecida por desistir. Onde minha boca não alcançava, minha mão fazia o trabalho, subindo e descendo, chupando com força a sua cabeça.

Ao ouvir seus gemidos, me deixou ainda mais motivada e comecei a fazer os movimentos mais rápido. Tirei seu membro da minha boca e olhei para seus olhos, enquanto minha mão trabalhava em seu comprimento.

— Você quer gozar na minha boca? — sussurro o mais sedutoramente que podia.

— Porra, quero gozar dentro de você. — eu não tomava pílula, ou seja, precisávamos de preservativos.

— Eu não tomo pílula contraceptiva, precisamos de preservativos. — eu logicamente não tinha nenhum e me recusava a não transar hoje.

— Você pode tomar a pílula do dia seguinte. — sugeri.

— Não sei... É só 75% confiável e se eu ficar grávida?

— Se você ficar grávida, então nós criaremos, não há outra solução. — um filho com ele não era uma má ideia, entretanto não agora, tínhamos poucos meses de relacionamento e não queria logo de cara engravidar. — Agora, volta a chupar o meu pau.

Fiz exatamente o que me pediu, ele voltou a gemer e apertar meus cabelos. Um tempo depois, ele estava prestes a gozar, comecei a bombear com rapidez e coloquei a língua para fora, assim poderia gozar nela. Luke tirou minha mão do seu membro e se masturbou até que gozou em meu rosto, engoli o máximo que pude.

Meu amado, estava satisfeito, porém ainda precisava retribuir o favor. Ainda completamente vestida, me puxou para fora da cama e se sentou. Fiquei entre suas pernas, enquanto ele tirava meu vestido, quando o tecido caiu no chão, ao redor dos meus pés, Luke ficou impressionado com a falta da minha roupa debaixo.

— Sem calcinhas?

— Sim. — sussurro.

— Merda, Maya. Esteve sem calcinha esse tempo todo.

— Decepcionado? — questionei, insegura.

— Sim, muito. — sua mão alisou minha bunda e deu um tapa. — Eu poderia ter "brincando" com você durante o jantar.

— Brincado como?

— Poderia tê-la acariciado debaixo da mesa, fazendo-a gozar na frente de todos.

— Eu não conseguiria me manter em silêncio... — o monto, sentando em seu colo, com os joelhos em cada lado de suas coxas.

— Imagino que sim, mas mesmo assim eu continuaria a masturbá-la. — suas mãos acariciam meu corpo, sua pele contra a minha e seu pau, meio ereto contra minha boceta.

— Então, Senhor Perigoso, digo que me arrependo profundamente. Confesso que gostaria da ideia de ser acariciada, enquanto outras pessoas não imaginando o que seus dedos mágicos podiam fazer.

Queria levá-lo à loucura, como faz comigo. Mas estava ocupada demais, sentindo prazer em cada toque da sua mão calejada contra meu corpo. Arrepiava-me com seus movimentos, maravilhada com o homem que me mantinha em seus braços.

Maya Johnson, estava muito feliz, pronta para os próximos passos e com o Luke, o homem que eu

acreditava ser o amor da minha vida.

Conforme nos beijávamos, eu me esfregava nele, como uma cadela no cio. Eu queria pular as preliminares e partir para o ato sexual, mas Luke não, parecia adorar cada segundo.

— Luke, eu não aguento mais. Te quero. — murmurei contra seus lábios.

— Calma, “Moyà Lyubov<sup>[2]</sup>”. — seu idioma era tão sexy, quanto o sotaque, me arrepiava inteira.

— Não quero esperar, te quero agora e para sempre. — eu não conseguia deixar de esconder meus sentimentos, mesmo que ele houvesse me pedido para não se apaixonar. Eu não tinha como cumprir a promessa, mesmo sendo uma mulher de palavra. Já o amava, mesmo antes de conhecê-lo pessoalmente.

— Você é preciosa demais, para não ser apreciada como deve ser. — Luke nos levantou da cama, em seguida me colocou deitada, de barriga para cima. Minha bunda estava na beira da cama, assim ficaria mais fácil para que ele pudesse me comer.

Ajoelhado na minha frente, Luke puxa minhas pernas ao redor do seu pescoço, quando sua boca chupa meu clitóris, meu corpo estremece. Como um homem pode ser tão perfeito? Ele era bonito, gostoso, gente boa, tinha um pau grande e ainda sabe como fazer uma mulher gozar. Era tão clichê, porém eu amava os clichês, nunca me cansei disso. Seus únicos defeitos eram os do passado, eu nunca consegui acreditar que o mesmo homem que morava comigo, já foi um o homem descrito no dossiê que meu pai conseguiu.

Seus dedos separaram os grandes lábios, para dar espaço para sua língua, que mergulhou entre minhas carnes, meu clitóris foi chupado e acariciado, mas as coisas só começaram a melhorar, quando deslizou seu dedo grosso pela minha entrada apertada.

Eu esperei sete anos para estar aqui, com ele. Mesmo que Mike não tivesse descoberto do meu envolvimento com Luke, nunca teria prosseguido até o final com ele. Com todos os homens que já estive, nunca consegui passar para a terceira base, cada carícia recebida, minha mente repetia suas palavras: — *Prometa que me esperará.*

Eu havia prometido a ele, e hoje me entregaria por completo para o homem que aquece meu coração.

— Luke. — murmurei, ao enterrar meus dedos em seu cabelo.

Seu dedo começou a se mexer rapidamente, em total ritmo com sua língua. Podia sentir meu orgasmo se formando, eu indo à beira do abismo. Apertei meus dedos e puxei seus cabelos.

— Ah, meu Deus, Luke. — não faltava muito para gozar, estava quase lá, quando ele para.

Quase chorei de frustração, antes estava em total ritmo, agora havia parado.

— Isso não é justo. Eu te fiz gozar e agora você me nega? — apoiada em meus cotovelos, ergo meu corpo, para olhar em seus olhos.

— Você quer gozar? — perguntou surpreso.

— Nem comece com esses jogos, não vale me torturar.

— Não estou te torturando, só quero fazer amor com você. — ele cobre meu corpo com o seu, com o braço ao redor do meu corpo, me coloca mais para cima na cama e me beija. — Querida, eu já tive muitas mulheres diferentes e nenhuma delas foi como você, que hoje, farei amor.

— Ah Luke, mesmo não sendo tão romântico essa frase, eu me sinto da mesma forma. — não estava muito interessada em saber das outras mulheres que já teve em sua vida, Luke era mais velho e mais experiente.

— Eu quero casar com você. — quase não consegui compreender suas palavras, meu coração já dizia "Sim", mas meu cérebro dizia: "Não"

Estávamos namorando há pouco tempo e agora ele queria casar.

— Eu juro que não te entendo. No começo disse que não podia me apaixonar por você, agora quer que eu case contigo?

— Eu pensei que quando passasse um tempo com você, eu não me envolveria tão afetivamente. Eu não quero amarrá-la comigo e com a minha vida, mas de alguma forma não consigo ficar longe de você. — sua voz era baixa. — Eu já tentei ir embora.

— Eu não quero que você vá. — confessei.

— Eu não quero ir, mas foi egoísta da minha parte ter voltado. — ele acariciava meu cabelo com ternura, sua boca estava contra meu pescoço, de forma que sentia sua respiração quente contra minha pele.

— Não fala isso, você foi a melhor coisa que já me aconteceu. — queria abraçá-lo e nunca mais soltar. Meu coração estava apertado com suas palavras, engolia às lágrimas.

— Eu também me sinto desta mesma forma. — voltamos a nos beijar, Luke se encaixa entre minhas pernas, seu membro contra minha entrada, a poucos segundos de me preencher.

— Eu esperei por você. — sussurro.

— Eu sei. — após essas palavras, Luke empurrou seu quadril para frente me preenchendo, não houve a dor que muitas vezes eu li em livros, mas sabia que era perfeitamente normal. — Está doendo?

— Não, querido. — nunca me senti tão completa, nunca mais queria sair de seus braços e quando

começou a movimentar os quadris, a coisa começou a ficar boa.

Espalhei minhas pernas mais abertas, dando mais espaço para seu corpo se movimentar.

Comecei a murmurar seu nome, cada vez mais alto, conforme seu ritmo aumentava. Ele tirou seu pau e me mandou virar, seguindo suas ordens, fiquei de quatro. Luke que estava de pé, na beira da cama, puxou meu quadril, até que estivesse ao seu alcance.

— Você é muito gostosa. — comenta, a voltar me foder. Desta vez foi mais cru, agarrou meu quadril e começou a se movimentar, batendo duro na minha bunda, que estalava. Parecia uma sinfonia, meus gemidos, as batidas e os poucos grunhidos dele.

Comecei a estimular meu clitóris, para finalmente gozar. Não demorou muito para o êxtase me alcançar, joguei minha cabeça para trás e gritei seu nome. Isso deu ainda mais ânimo para o homem, que se movimentava mais rápidos possível. Nunca imaginei que poderia ser assim, tão gostoso, tão prazeroso.

Luke puxou seu membro antes de gozar, esparramando sua semente em minhas costas. Deixei meu corpo cair para frente, completamente satisfeita.

— Luke, se isso é fazer amor, mal posso esperar para quando for me foder. — ele bate na minha bunda, antes de cair ao meu lado.

— Fiz amor, pois foi com sentimento.



# Capítulo 17

17

Acordei com alguém tocando a campainha, meio sonolenta deslizei para o lado, que se encontrava vazio e frio. Luke havia saído há algum tempo. Joguei minhas cobertas para o lado e sai da cama, peguei sua camisa no chão e a coloquei.

Segui para a sala, encontrei Luke na frente da porta fechada, só de cueca. Aproximei-me e o agarrei por trás.

— Amor, quem era?

— Eu. — era uma voz familiar. Luke me puxou para frente, quando vi Mike, rapidamente puxei as duas extremidades da camisa aberta.

— Aconteceu alguma coisa? — ele havia me ligado e eu recusei a chamada, esperava que não fosse nada sério, mas para ele vir a minha casa tarde da noite, algo deve ter acontecido.

— Sim, Lauren entrou em trabalho de parto, mas recusa a parir sem sua presença. — arregalei os olhos, minha afilhada estava nascendo.

— Ah, meu Deus. — não esperei mais nada, corri para o quarto, tinha que me trocar e ir para a maternidade.

Luke veio atrás de mim, precisava se trocar para me acompanhar.

— Por que mentiu para mim? — perguntou bravo, encostado contra a porta fechada.

— Eu não menti.

— Ele te ligou, você recusou a chamada e disse que era seus pais.

— Eu não disse isso, você que concluiu. — Rebatí, enquanto procurava uma roupa para ir ao hospital.

— Mesmo assim, poderia ter me falado. — peguei uma calça jeans e uma blusa simples, após colocá-las, fui procurar minhas sapatilhas.

— Por que você está parado? — perguntei, pois ele estava me encarando, ainda de cueca.

— Você ainda tem sentimentos por ele? — Luke parecia uma mulher ciumenta e insegura. Aproximei-me dele, nas pontas dos pés, me ergui e o beijei.

— Tenho sentimentos por você — respondi ao me afastar. — Agora vá se trocar, temos que estar a tempo para ver nossa afilhada nascendo. — dei um tapa na sua bunda, antes de sair do quarto.

Achei minhas sapatilhas embaixo do sofá.

— Está pronta?

— Sim, precisamos esperar Luke, já está terminando de se arrumar. — sentei-me ao seu lado.

Mike estava melhor do que nunca, estava mais forte e sua voz mais grossa, diferente do menino que conheci um dia.

— Você está bem? — ele me olhou desconfiado. — Quer dizer, sua lesão está bem?

— Sim, mas não vou mais voltar a jogar. — suas palavras eram tristes, ele era um ótimo jogador e agora estava tudo acabado.

— Já tem planos?

— Sim, vou começar a exercer minha profissão, não fiz faculdade de Direito à toa. — isso era uma boa notícia, fiquei feliz que estava recomeçando sua vida.

— Isso é uma ótima notícia, fico feliz por você. Vai volta a morar aqui?

— Sim, vou me casar no ano que vem, Helen e eu vamos morar aqui.

— Vai se casar? — perguntei surpresa.

— Sim, nos conhecemos em uns dos meus jogos. — ele tirou o celular do bolso e me mostrou a foto de uma loira sorridente.

— Vamos? — Luke está parado, nos olhando.

— Sim, vamos, antes que perdemos o nascimento. — Levantei-me e fui para perto do meu namorado. — Sua noiva é linda, desejo felicidades.

Saímos do prédio, e seguimos Mike com o carro até o hospital, Luke estava silencioso.



— Está tudo bem, querido? — peguei sua mão, em cima do câmbio.

— Sim, só estou pensativo. — me inclinei e beijei sua bochecha.

— Vamos, tenho que estar lá, segurando a mão de Lauren, como eu prometi há anos.

Quando ia sair do carro, ele agarrou meu braço e puxou-me contra seu corpo, seus lábios atacaram os meus. No começo, foi um beijo duro e cru, mas logo ele suavizou.

— Luke?

— Maya. — saímos do carro, Luke agarrou minha mão e entramos juntos ao lado de Mike. Eu estava me sentindo um pouco estranha, com meu namorado e ex-namorado ao meu lado.

Mike nos levou a uma sala de espera, a enfermeira nos avisou que ela já havia entrado em trabalho de parto e não tinha como eu vê-la. Sentei-me ao lado de Luke, estava cansada e com muito sono. Encostei no ombro dele e acabei adormecendo.

-----

Luke

Eu definitivamente não gostava de Mike.

Ele estava sentando na minha frente me encarando. Eu odiava quando as pessoas me encaravam, talvez não fosse um bom menino como eles, livre de tatuagens, com um diploma e de uma família normal. Como a mãe dela havia dito, pessoas como eu era diferente de pessoas como eles.

Talvez o meu problema fosse que ele era tudo o que Maya precisava, um bom garoto e que seria um pai e um marido decente. Mas depois da noite que passamos juntos, eu me senti ainda mais conectado a ela, que fazia meu coração acelerar e cada vez mais afeiçoado.

Eu estava quebrando minha própria promessa, não era para me apaixonar, mas o coração dizia outra coisa. Minha mão estava entrelaçada na dela, segurando com força, com medo que um dia eu tivesse que me afastar dela.

— Vai continuar me encarando? — questionei saturado de tanto ser encarado.

— Não sei, talvez o quanto eu precisar. Você não me engana. — dei um sorriso forçado.

— Cuidado com o que você fala, pode acabar sem os dentes. — durante todo o tempo, após encontrar Maya, mantive o lado obscuro escondido, mas nunca fui conhecido por ser paciente. Se me pressionar muito, eu poderia explodir e não era uma pessoa fácil de se lidar.

A enfermeira apareceu, acordei Maya delicadamente, e ela se espreguiçou e levantou.

— Vamos conhecer a filha de Lauren. — acompanhamos a enfermeira, até o berçário, que nos

indicou um pequeno bebê enrolando em uma manta rosa.

— Essa é Lara, filha de Lauren e Clarke. — era um bebê lindo, até mesmo quis ter um. Eu não podia engravidar Maya, não queria deixá-la com um filho, mas meu coração se aqueceu com a imagem dela grávida e sorridente. Puxei ela contra meu corpo e beijei o topo da sua cabeça.

— Ela é linda, Luke. — sussurrou minha garota.

— Sim, um anjinho. — nunca pensei em ter filhos, a não ser com Maya, mas eu não seria capaz.

— Nós teremos um lindo bebê, também. — eu não queria quebrar seu coração, mas precisaríamos evitar o risco de ela engravidar.

— Vocês poderão ver a mamãe só após amanhecer, ela está descansando agora. — informou à enfermaria.

— Certo, mais tarde voltaremos. — fomos embora, assim ao amanhecer retornaríamos para ver como Lauren estava, apesar de não gostar muito de mim. O caminho até em casa foi rápido, estacionei o carro na frente do prédio e entramos. Eu logo teria que ir trabalhar e já eram 3 horas da madrugada, tirei minha roupa e cai na cama.

Essa seria a primeira vez que dormiríamos juntos oficialmente como um casal. Maya colocou seu habitual pijama e se juntou a mim na cama.

(...)

Maya

Já passava das 9 horas da manhã, quando acordei, sozinha novamente, porém hoje havia uma nota na cama.

*Ratinha, fui trabalhar, vá ver sua amiga, depois nos falamos.*

— *Ficar longe só tem me mostrado o quanto eu quero (e preciso) de você por perto. Acho que amor é isso mesmo. Uma necessidade urgente e intensa de estar junto, nem que seja por um só segundo.*  
(Desconhecido)

Levantei da cama contente pelo meu bilhete, o guardei junto com as nossas cartas. Precisava visitar Lauren e ver como estava, depois de parir um ser tão lindo.

Arrumei meu quarto e tirei o lençol que continha algumas gotas de sangue. A noite passada foi quase indolor, mas cheia de aventuras. Ao sair do apartamento, dei de cara com Melody, estava chegando da sua habitual corrida.

— Oi Maya.

— Oi Melody. — acenei de volta.

— Sabe que horas Luke chega? Ele combinou de arrumar meu chuveiro.

— Ele vai chegar só de noite, foi trabalhar avisarei a ele. — me despedi dela e segui meu caminho, hoje não tinha aula, então estava de folga.

Cheguei no hospital e dei de cara com Mike, aproximei-me dele e o beijei no rosto.

— Bom dia.

— Bom dia, já a viu?

— Sim, está ótima é muito contente com a bebê. — ele me ofereceu um pouco de café, mas recusei.

— Então, vou ao quarto, para vê-la. — nos despedimos e seguimos caminhos separados.

Ao entrar no quarto de Lauren, fiquei feliz ao ver que estava acordada e bem.

— Oi amiga.

— Oi. — Lauren parecia cansada, ao me aproximar vi seu olhar feliz, ao aninhar sua filha em seus braços. Pela primeira vez, senti ciúmes dela, tínhamos a mesma idade e ela já havia construído uma família.

— Eu a vi ontem, muito linda sua filha. — sentada na beira da cama, pude ver a bebê branquinha e careca.

— Foi um trabalhão para parir essa coisa linda, queria que estivesse aqui, do meu lado.

— Desculpa, quando soube já era tarde demais. — Lauren me entregou sua filha, ela tão pequena e leve, tive até mesmo medo de machucá-la.

— Tudo bem, você está aqui agora. — conversamos por um tempo, Lara dormiu em meus braços.

— Eu sei que já havia dito antes, mas queria fazer um pedido formal. Você quer ser a madrinha da Lara? — eu já estava quase chorando, como eu era melosa.

— Claro, não precisa nem pedir. Eu adoraria amadrinhá-la.

— Sabe que não sou a fã número 1 de Luke, mas ele é seu namorado e vocês estão saindo sério.

— Morando juntos. — interrompo-a.

— Sim, morando juntos e você vai ser a madrinha, consequentemente, ele também. — fiquei feliz por isso, assim meu amor não seria mantido de fora, acho que até ficaria estranho de fazer par com Mike, que provavelmente seria a escolha perfeita de Clarke.

— Fico muito feliz por isso, pensei que você quisesse que o padrinho fosse Mike.

— Confesso que pensei nele, porém eu não queria colocar você em uma posição difícil e acredito que Luke seja uma boa pessoa, caso contrário você não o colocaria dentro da sua casa.

— Não esquece que ele é trabalhador, trabalha em dois empregos e ainda limpa a casa.

— Luke é praticamente o homem perfeito. — começamos a rir.

— Sim, eu gosto dele, mas as coisas aconteceram rápido demais.

— Então, verdade, mas foi você que o colocou dentro de casa. — a enfermeira entrou para levar Lara dos meus braços, até o berçário. Quando ela saiu, tornei a responder Lauren.

— Sim, mas ele não tinha onde morar, fui solidária e o resto foi porque a paixão foi mais forte. — fecho os olhos, por um momento, nos imaginando, juntos na nossa noite perfeita e dou um leve sorriso.

— Você já está até sonhando acordada, isso é muito grave. — ela fez cara de surpresa. — Maya está apaixonada. — gritou espantada e ao mesmo tempo contente.

— Não precisa avisar isso para o hospital inteiro, não posso me envolver, Luke me proibiu de me apaixonar.

— E alguém pode mandar no coração? — balancei a cabeça, negativamente e suspirei.

— Pois é... Mas só sei, que curto cada momento ao lado dele, que é muito divertido e amigável.

— Ele é o tipo de homem perfeito, bonito, sexy, trabalhador e ainda limpa a casa.

— Quase perfeito, não se esqueça que ele tem meio que um lado obscuro.

— Não me diga, isso é muito sexy. — ela bateu palmas contente, mal parecia que havia parido na noite anterior.

— Não é nada sexy, mas ele nunca se alterou perto de mim, apenas ficou meio receoso com o Mike.

— Ciúmes, meu amor. Você cercada de homens gatos.

— Mas o Mike vai casar.

— Eu sabia, acabei nem te contando, a mulher é bem legal.

— Bem legal? Não me convenceu, o que ela fez para você?

— Para mim? nada. Mas é uma mulher muito chata, não posso comer isso, pois tem glúten e nem

aquilo, pois não posso comer massa. — ela começou a imitar a voz da moça, não me aguentei e cai na gargalhada.

— Ah, meu Deus, você é amiga da onça.

Depois de algum tempo conversando, me despedi dela e segui meu rumo, logo Luke estaria em casa e eu queria um pouco de "atenção" especial dele.



## Capítulo 18

18

Luke

— Amor. — chamei Maya, ao entrar no apartamento.

— Estou no quarto — respondeu. Segui até o cômodo e fiquei surpreso e encontrar o quarto todo bagunçado, roupas para todos os lados e Maya, somente de calcinha e sutiã, provavelmente tentando escolher uma roupa.

— Está tudo bem?

— Sim, só estou procurando uma roupa para o batismo, você acredita que vou ter que comprar?

— ela parecia brava, por ter que comprar roupas.

— Então, compre, mas você tem muita roupa.

— É, mas eu não quero gastar dinheiro. Já comprei a roupa dela, com sapatinho, tiarinha e tudo mais. — não fazia muito tempo que o bebê nasceu, hoje estava completando dois meses e seria batizado no próximo final de semana.

— Eu odeio esse negócio de não poder gastar dinheiro. — eu estava bravo comigo mesmo, queria dar tudo para ela e não podia, mesmo trabalhando em dois empregos.

— Relaxa, vou dar um jeito, posso pedir uma roupa emprestada com alguém. — a verdade era que Maya tinha gastado além da conta, nesse último mês. Com o meu salário eu pagava o aluguel, contas de água, luz e para comprar alimentos.

— Eu vou vender a moto, podemos fazer algum dinheiro. — eu não sabia viver nesta situação, da minha mulher não ter dinheiro para comprar o que quisesse. Durante toda minha vida, dinheiro não foi o problema e hoje estou aqui, tendo que contar moedas.

— Não quero que venda a moto, preciso me controlar e parar de gastar. — eu tinha acabado de reformar a moto, ela ficou linda e Maya ficou toda orgulhosa.

— Sei que quer uma roupa nova, mas pode muito bem, usar uma dessas. — apontei para as peças espalhadas na cama.

— Eu vou me virar. — Maya se aproximou para me beijar, mas me afastei.

— Amor, estou sujo e fedido, trabalhei o dia inteiro.

— Eu só quero um beijo. — nunca era só um beijo.

Maya se aproximou e beijou meus lábios, agarrei a sua cabeça e corpo, trazendo-a para mais perto.

— Você é perfeita. — estava contra a parede, uma mulher gostosa em meus braços, um pau duro é um homem enlouquecido.

Dito e feito, não era só um beijo. Coloquei ela contra a parede e descii sua calcinha, enquanto tirava o sutiã.

— Vem, quero tomar banho juntos. — ela puxou minha mão e me fez segui-la até o banheiro. Dentro do banheiro, retirei minha roupa e joguei no cesto.

Entrei primeiro do chuveiro e logo em seguida foi a vez de Maya. Ela agarrou meu corpo por trás, me abraçando apertado, com sua cabeça apoiada nas minhas costas.

— Amor? — sussurro.

— Oi. — ela falou baixinho, me apertando forte.

— Está tudo bem? — perguntei ao me virar.

— Sim, acho que fiquei um pouco sentimental. — com a água caindo sobre nossas cabeça, me abaixo um pouco e a pego em meu colo. Suas pernas ao redor da minha cintura, sua boca na minha e nossos corpos colados.

— Eu queria poder parar no tempo, e ficar aqui, com você, juntos. — era uma grande revelação da minha parte, mas meu tempo estava acabado e ficava cada vez mais difícil.

— Você está falando melancolicamente. Eu estou aqui com você. — nos beijamos freneticamente, agarrei sua bunda e a ergui, de modo que poderia colocar meu pau dentro dela.

— Você sabe que estamos brincando com o destino? — pergunto após deslizar pra dentro.

— Só porque não usávamos nenhum método contraceptivo? Eu fiquei menstruada nos últimos dois meses. — isso era um risco, mas eu não usava camisinha e ela não tomava remédio, no final,

ninguém se protegia. Claro, que gozava fora todas as vezes, mas não era 100% garantido.

Coloquei-a contra a parede, agarrei sua bunda, com ambas as mãos e a ajudei subir e descer. Eu não me cansava de fodê-la, tudo nela me interessava, cada parte do seu dia.

Eu não sabia na enrascada que estava me metendo, ao conhecê-la, ela era a mulher que eu queria ter conhecido antes de matar meu tio. Tudo seria diferente, nossa vida seria diferente e o futuro também.

Tentava apreciar cada minuto ao seu lado, isso era difícil, pois me fazia lembrar constantemente do futuro.

— Luke. — murmurou Maya, quando a coloquei no chão.

— Vire. — ela se virou, escorada e com as mãos na parede.

Maya era pequena, eu gostava da forma que se enrolava no meu corpo de madrugada e odiava como seus pés eram frios.

Agarrei meu pau e o introduzi dentro da sua boceta apertada e molhada. Com as mãos em sua cintura, voltei a transar com ela.

O som dos nossos corpos se batendo encheu o banheiro, Maya gemia alto e eu adorava. O sexo nunca foi tão bom, chegar em casa e ter sua mulher te esperado, na maioria das vezes disposta, e em outras, nem tanto. Mas valia a pena, Maya enchia minha cama e meu coração, parte de mim, odiava que ela, em tão pouco tempo, se tornou tão importante na minha vida.

(...)

Maya

Estávamos deitados na cama, eu lia um livro e Luke assistia o canal de esporte. Nossos pés estavam entrelaçados e tudo estava calmo. Parecíamos um casal normal, eu amava isso.

— Na sexta, vai ter o jogo dos meninos. — Comenta Luke, esse será seu primeiro jogo como treinador.

— Você está nervoso?

— Não, confio no meu time, só Caleb que está dando trabalho. Um bom jogador, mas se sua nota cair mais um pouco, então serei obrigado a dispensá-lo do time.

— Conheço a mãe de Caleb, seu irmão mais novo é meu aluno, uma graça de menino. — ele abaixa o volume da televisão e voltou sua atenção a mim.

— Conheci a sua mãe, no último treino que teve. Keyla é uma mulher muito interessante, preocupada com o futuro do filho, quando contei que suas notas caíram e isso interferia no time,



ficou muito chateada.

— Uma mulher muito interessante?

— Sim, muito interessante e também casada e com três filhos. — começou a rir do meu ciúme. — Você é a única para mim. — puxou-me contra seu peito e beijou meus lábios.

— Sei... Eu fui lá no ginásio ver você, já tem até uma plateia de mães.

— Todas preocupadas com seus filhos.

— Com o treinador deles. — isso não era uma mentira, ao chegar no ginásio, havia muitas mães sentadas nas arquibancadas, olhando atentamente o treinador dos filhos delas, eu não conseguia disfarçar o meu ciúme.

— Bom, fazer o que, se você está namorando um gostosão como eu. — ele tinha razão, era mesmo um homem gostoso e muito convencido.

— Convencido. — fingi ficar brava com ele, que começou a dar gargalhadas.

— Quando foi que você ficou assim?

— Assim como?

— Rabugenta? Pensei que eu fosse o "coroa" aqui. — ele não era muito mais velho, dez anos não é uma grande diferença.

— Velhinho. — dei um rápido beijo em seus lábios e me ajeitei para deitar em seu peito.

— Hoje, enquanto estávamos transando, decidi parar com essa imprudência.

— Está falando das pílulas?

— Sim, eu vou ver o meu ginecologista o mais rápido possível, não podemos ficar brincando com o destino e se não tenho dinheiro para comprar roupa, quem dirá para criar um filho.

— Você não tem dinheiro para comprar roupa, pois gasta bastante em livros, parafernália ou qualquer coisa que se interesse. — Luke estava me chamando de compradora compulsiva, antes eu ficava preocupado com as despesas domésticas que não gastava com outras coisas, mas agora tinha um parceiro para me ajudar.

— É por isso que tenho você.

— Pensei que era porque sou um ótimo cozinheiro e trepo gostoso. — gemi em pensar nas nossas noites selvagens e em sua comida maravilhosa.

— Sim, por isso também. — ficamos em silêncio, Luke voltou a assistir televisão e eu pressionei

contra seu corpo.

— Maya?

— Sim, querido. — respondi meio sonolenta.

— Casa comigo? — todas as noites era a mesma pergunta e sempre teve a mesma resposta.

— Não precisamos casar, já moramos juntos. — não entendia muito bem, dizia para não se apaixonar, mas quer casamento. Diz para não levar a sério, mas corria o risco de me engravidar. Insiste em dizer que não é o melhor para mim, mas sempre foi gentil, educado e bom comigo.

Ele era cheio de controvérsias.

— Mas eu quero um papel.

— Não precisamos de um papel, por enquanto, minha resposta é “não”.

— Tudo bem, amanhã será um novo dia. — Luke não desistia jamais, gostava nisso nele e quando estivesse pronta, o "não" será um "sim".

Erguia a cabeça para beijá-lo, um simples beijo passou a ser algo a mais. Tudo nele era perfeito para mim, eu definitivamente era uma noiva apaixonada. Minha fina camisola, não podia nos separar. Luke dormia nu ou de cueca, desta vez estava como veio ao mundo, então senti seu membro ereto contra minha vagina, me atíçando.

— Me chupa. — pediu Luke, que murmurava. Seu pedido era uma ordem e eu, estava mais do que feliz em acatá-la.

Joguei as cobertas para o lado e desci até seu membro. Agarrei a base, enquanto mergulhava minha boca pelo comprimento. Luke era um homem grande e grosso, como na maioria dos livros, mas além de ser bem-dotado, sabia me enlouquecer como ninguém e eu apreciava isso.

(...)

Era mais um dia letivo, minha cabeça estava explodindo, ainda bem que logo teríamos férias de verão, o que ajudava muito.

Sentada na sala dos professores, olhando alguns desenhos e atividades feitos pelos meus alunos. Ouvi uma batida na porta, mas continuei focada nas folhas.

— Maya. — ao ouvir a voz de Luke, me chamando, levanto da cadeira apressada, fazendo que a cadeira caísse para trás.

— Luke? O que está fazendo aqui? — ele deveria estar na oficina, mas estava aqui, nem um pouco sujo de graxa e muito sexy.

— Vim falar com alguns professores dos meus atletas.

— A sala dos professores do ensino médio, é do outro lado, no outro prédio. — aproximei-me dele e dei um rápido beijo em sua bochecha. Esse era meu ambiente de trabalho, tinha alguns professores ao meu redor e não podia beijá-lo nos lábios, mesmo que fosse meu maior desejo, no momento.

— Sim, mas eu queria vê-la antes. — voltei a minha mesa e recolhi minhas coisas, coloquei a cadeira no lugar e sai, acompanhado do meu querido namorado.

— Deixa que eu levo. — pegou minhas coisas e levou, enquanto andávamos até o refeitório.

— E a oficina? Foi demitido?

— Não, estávamos sem trabalho, então me dispensou mais cedo.

— Bem que vi, está todo limpo e cheiroso. — diferente das vezes que ele chegou em casa, depois do trabalho.

— Sim, passei em casa, mas nosso chuveiro queimou, tomei banho na Melody.

— Tudo quebra nesses apartamentos, inúmeras vezes você teve que ir arrumar as coisas dela também. — eu amava meu apartamento antes de Luke, mas agora, para nós dois, ficava até pequeno o espaço, sem contar que sempre tínhamos problemas como esse. Chuveiro quebrou, cano vazando, entre outros problemas.

— Verdade, mas já falei com o senhorio, toda vez arrumo e toda vez quebra.

— Ainda vou comprar aquela casa em que cresci.

— Por que seus pais não moram mais lá?

— Papai recebeu uma promoção, logo depois que fui morar em Londres, como estava saturado com os problemas dos filhos e as fofocas, decidiu se mudar, vendeu a casa, hoje mora um casal de idosos. — chegamos ao refeitório, que estava vazio.

— Ah, agora entendi. Quer dizer, que ao trocar cartas comigo, acabou afetando a família inteira?

— De certa forma, sim. Eu, no entanto, afetou para melhor, pois tudo que passei há anos, estou sendo recompensado agora. — pedi um café na cantina, tinha mais algumas aulas pela frente.

— Eu adoraria continuar a conversar com você, mas passei só para dar um "oi". Tenho que encontrar os professores.

— Tudo bem, amor. — nos despedimos com um beijo rápido e ele partiu.

Passei o resto do expediente ansiosa para chegar em casa e curtir meu namorado, que estava de

folga. Na saída, encontrei ele me esperando, escorado em sua moto que o próprio havia reformado.

— Pronta para ir, Ratinha? — perguntou, ao me oferecer o capacete.

— Depende para onde vai me levar!

— Vou te levar a um lugar molhado.



# Capítulo 19

19

Luke

Quinze anos antes

Um;

Dois;

Três;

Indiozinhos.

Quatro;

Cinco;

Seis:

Indiozinhos

Nove;

Dez;

Indiozinhos no pequeno bote.

Minha voz grossa e estridente, não estava acalmando Edgar, que continuava a chorar o mais alto que podia.

—Luke, você não leva jeito para a coisa. — Liza se aproximou e pegou o bebê do meu colo.

—Eu tentei ao máximo, mas ele não para de chorar. — a mãe de Edgar, uma loira muito bonita, com grandes olhos azuis, suspirou.

—Ele está com cólica. — ela parecia muito pacífica tentando acalmar o seu filho, que logo parara de chorar.

— Não sei como você aguenta, ouço chorar a noite inteira. Lúcifer me disse que não aguenta mais.

— Lúcifer não quer saber do seu próprio filho. — ele nunca quis um filho, mas teve que aceitar Liza em nossa casa, abrigá-la com seu suposto filho. O menino era muito parecido com a mãe, não tinha muita característica na nossa família, mas Lúcifer, mesmo odiando-a, decidiu assumir seu filho e ficar noivo dela.

— Bom, vou te deixar sozinho com ele, para poder acalmá-lo. — sai do quarto rapidamente e fui para o meu.

Ao chegar no meu quarto, encontrei Carmen na minha cama, estava me esperando.

— O que você quer aqui?

— Tenho algumas coisas para você. — ela levantou uma caixa.

— Deixe em cima da cama e pode sair. — faz exatamente o que pedi, ao se aproximar, seu perfume doce e extravagante, chegava a me dar náuseas.

— Quero o dinheiro.

— Não tenho nada para você.

— Você prometeu. — Deslizo minha mão pelo seu cabelo enrolado.

— Você vai ter sorte se eu deixar você chupar meu pau. Agora saia. — a empregada saiu do quarto, então fui até a cama para ver as provas que ela trouxera para mim.

Abri a caixa de madeira, tinha muitas fotos, uma carta e um envelope, peguei a carta, e logo reconheci a letra do envelope.

**Para meu filho.**

Eu estava tremendo, não tinha certeza se eu queria descobrir a verdade.

*Luke,*

*Eu fiquei com medo de escrever, mas vai ser o meio mais fácil. Hoje você tem dez anos e eu não estou perto, você perdeu sua mãe, sua irmã está longe e está sozinho, eu sinto muito.*

*Vivemos em um mundo difícil, mas eu não posso deixar de lhe dizer o que esta acontecendo.*

*Hoje você não entende, mas no futuro sim. Tudo que faço é por você, não posso desistir de tudo, pois se eu quiser sair, então outro assumirá o meu lugar e não confio em seu tio, Lúcifer e nem em seu primo, Lúcifer segundo.*

*Hoje eu soube a verdade, sobre sua mãe. Eu queria que a história boba que lhe contei, que minha esposa, sua mãe, tinha morrido no parto da sua irmã mais nova, mas é mentira.*

*Ela fugiu;*

*Ela te deixou;*

*Ela me deixou;*

*Ela, no final, não nos ama;*

*Silmara não aguentou a pressão, não aguentou ser a "primeira-dama" do tráfico de armas.*

*Quando alguém carrega nosso sobrenome, está marcado, para sempre. Infelizmente a vida nos prega peças e hoje finalmente eu assumi os meus erros.*

*Queria poder voltar no tempo, deixar vocês longe desta vez, mas eu o amei, na primeira vez em que o vi, o peguei no colo e senti seu peso pena.*

*Fui egoísta;*

*Estou sendo egoísta;*

*Quero mandá-lo para longe, porém não posso, já está concretizado, você assumirá meu posto. Um dia vai estar no meu lugar, tenho que escrever cartas, pois não posso revelar tudo ainda. Eu o amo, quero protegê-lo, mas não posso.*

*Não cometa o mesmo erro que eu, por favor, seja forte.*

*De seu pai, Valdir Petkovic.*

*Numa meia-noite cava, quando, exausto, eu meditava  
Nuns estranhos, velhos livros de doutrinas ancestrais  
E já quase adormecia, percebi que alguém batia  
Num soar que mal se ouvia, leve e lento, em meus portais.  
Disse a mim: "É um visitante que ora bate em meus portais"-  
É só isto, e nada mais."*

*Ah! tão claro que eu me lembro! Era um frio e atroz dezembro  
E as chamas no chão, morrendo, davam sombras fantasmais,  
E eu sonhava logo o alvor e pra acabar com a minha dor  
Lia em vão, lembrando o amor desta de dons angelicais*

A qual chamam Leonora as legiões angelicais,  
Mas que aqui não chamam mais.

E um sussurro triste e languê nas cortinas cor de sangue  
Assustou-me com tremores nunca vistos tão reais,  
E ao meu peito que batia eu mesmo em pé me repetia:  
"É somente, em noite fria, um visitante aos meus portais  
Que, tardio, pede entrada assim batendo aos meus portais.  
É só isto, e nada mais.

Neste instante a minha alma fez-se forte e ganhou calma  
E "Senhor" disse, ou "Senhora, perdoai se me aguardais,  
Que eu já ia adormecendo quando viestes cá batendo,  
Tão de leve assim fazendo, assim fazendo em meus portais  
Que eu pensei que não ouvira" - e abri bem largo os meus portais: -  
Treva intensa, e nada mais.

Longamente a noite olhei e estarecido me encontrei,  
E assustado, tive sonhos que ninguém sonhou iguais,  
Mas total era o deserto e ser nenhum havia perto  
Quando um nome, único e certo, sussurrei entre meus ais -  
- "Leonora" - esta palavra - e o eco a repôs entre meus ais.  
E isto é tudo, e nada mais.

**Trecho de "O Corvo", de Edgar Allan Poe.**  
**Tradução de Alexei Bueno.**

Eu não sabia como reagir a sua carta, me mandar poemas, era sua forma de se expressar, ele sabia que só eu poderia entender através das palavras do poema, ainda mais quando era de Edgar Allan, o homem também foi homenageado pelo meu primo de segundo grau.

Coloquei a carta de lado e tentei seguir em frente, papai estava morto e nesta caixa tinha os motivos.

As fotos, mostravam minha infância, tinha até mesmo uma foto dela, comigo no colo. Seu longo cabelo castanho, corpo magro e sorriso infeliz no rosto. Deixei todas as fotos de lado e me concentrei no envelope, dentro havia um CD. Rapidamente o peguei, para colocar no DVD player, quando o vídeo começou a rodar, vi meu tio, ao lado de seu filho.

— Vy zapisyvayete? — Está gravando?

—Da. — Sim.

— Zatem, voz'mite v plen. — Então, traz o prisioneiro. Pediu meu tio, impaciente.

—Papa, mozhët ubit' Valdir? — Papai, posso matar Valdir?

— Eto ne vasha bor'ba, Lyutsifer, vy poluchite svoy shans, kogda vam nuzhno zanyat' tron. — Esta



não é sua luta, Lúcifer, você vai ter sua chance, quando precisar tomar o trono.

Meu sangue subiu, estava pronto para me vingar, nem precisava terminar de assistir. Meu tio estava mostrando para seu filho, que para poder controlar a Máfia russa, precisava muito mais do que ser um herdeiro de sangue, precisava matar. Um homem morto não fala. Não revela segredos.

—Lord, Valdir gotov. —Senhor, Valdir está pronto.

O capanga trouxe meu pai, arrastado. Eu podia ver seu corpo todo ensanguentado, quando o capuz foi tirado, revelou um homem completamente diferente do meu pai, o homem que me criou. Mesmo que fosse um homem cruel, e nada carinhoso, eu sabia que estava me preparando para o futuro.

— Kakovy vashi posledniye slova? — Quais são suas últimas palavras? Perguntou meu tio, ao meu pai, que eu duvidasse que ainda tivesse língua, pois cortaram uma orelha, tiraram um olho e seus dedos.

— Zdes', zdes' vy platite. Luka odin den' budet znat' eto i budet vash posledniy den' na zemle, vashe der'mo. Tak chto ya budu smeyat'sya i zhdai' vas v ad. — Aqui se faz, aqui se paga. Um dia Luke saberá disso e será seu último dia na Terra, seu merda. Então, eu estarei rindo e esperando você no inferno.

Meu tio rio alto e acertou um soco no olho do meu pai, sua cabeça foi para trás e voltou com força.

— Vy slaby i poetomu umirayut. —Você é fraco e por isso, morrerá.

—No vo-pervykh, u menya yest' dlya vas syurpriz. — Mas antes, tenho uma surpresa para você.

—YA Traz ato — Posso trazê-la?

— Da. — Sim

Por vinte minutos eu assisti todos os homens do meu tio, estuprarem minha mãe, que havia sumido há muito tempo, tudo isso na frente do meu pai. Eu podia sentir sua dor, que só acabou quando eles o esfaquearam até que morreu. Minha mãe, eles a deixaram viva, mas o meu primo, sacou uma arma e atirou na sua cabeça.

—Pochemu eto? — Por que fez isso? — Questionou seu pai, bravo pelo atrevimento do filho.

— Dlya Lukoy ne mat' i ne otets. — Para que Luke não tenha mãe e nem pai.

Então o vídeo acabou, fechei meus olhos e respirei fundo. Lúcifer era um homem morto. Seu filho também. Lucrécia, também sofreria. Recolhi tudo que estava na caixa e o guardei na minha bolsa. Eu não tinha um plano, era um homem de ações e agora eu estava pronto para vingar meu pai. Passei no quarto de Liza, o bebê jazia na cama, dormindo, enquanto ela estava saindo no banho,

de toalha.

— Você precisa sair desta casa.

— Por quê?

— Sai desta casa, isso vai virar uma guerra. — Aproximei-me dela e entreguei meu cartão. — Pode usar, ninguém vai te rastrear por ele, cuide de Edgar.

A verdade era que, eu nutria algum sentimento por ela, mas como era mulher do meu tio, então eu me mantive afastado.

— Me diga o que está acontecendo! — insisti em saber a verdade.

— Não posso, leve Edgar para longe. — puxei contra meu corpo e a beijei. — Eu tinha que beijá-la.

Não esperei uma resposta, fui para o escritório do meu tio, o atual chefe, mas o encontrei vazio. Peguei sua agenda e conferi onde ele estaria agora, em um jantar com os Capos.

Sai da mansão, era de madrugada, sabia onde Lucrécia morava e começaria por ela. Nunca fui homem bom e hoje não seria diferente. Eu era perigoso e não adiantava correr, sempre ia atrás.

Cheguei na casa dela, arrotei o seu portão e entrei na sua casa simples, ela agora vivia como se fosse uma suburbana qualquer e não tivesse um passado sujo de sangue. Lembrei-me das vezes em que ela matou as mulheres que dormiam com seu ex-marido, meu tio, a sangue frio.

A encontrei no seu quarto, ainda acordada, se olhando no espelho. Pelo reflexo, pode me ver na porta, com uma faca na mão.

— Então, você finalmente soube? — ela era tão manipuladora quanto os outros.

— Sim. Você sabe que tenho que vingar a morte da minha mãe.

— Por quê? — se fez de desentendida.

— Porque quero deixar Lúcifer sem pai e nem mãe. — aproximei-me rapidamente dela, que já esperava sua morte.

— Tenho que gravar e mandar para seu filho de presente. — retirei uma câmera da minha mochila e a coloquei na sua frente, em cima da sua penteadeira.

— Quero que Lúcifer apodreça no inferno.

— Ele irá, ao seu lado. — agarrei seu cabelo e puxei para trás, de modo que sua garganta ficou livre para minha faca.

— Para sua alegria, será rápido. — após minhas palavras, cortei sua garganta de orelha a orelha. O sangue começou a espirrar por todo móvel, sujando inclusive a câmera.

Após terminar meu trabalho, recolhi a câmera e a faca saindo da sua casa. No dia seguinte, quando a sua empregada a encontrasse, ficaria surpresa pelo grande sorriso que ela deu.

Fui direto para o restaurante, minha roupa preta não aparentava o sangue de Lucrecia em minhas mãos. Ao entrar no restaurante vazio, segui até os fundos, tinha bastante gente, sentadas nas mesas de jogos.

Meu primo não estava no país, então seria a chance de matar meu tio. Perto da mesa do meu tio, chamei uma garçonete.

— Por favor, grave para mim. — Entreguei a câmera em sua mão: — Se você fugir, vou atrás de você.

Ao chegar na mesa, os Capos se levantaram para me saudar. O jantar havia acabado, agora seria a sobremesa.

— Olá tio.

— Querido Luke. — Fiquei ao seu lado, com a mão em seu ombro e a outra peguei uma faca, quando cravei em sua mão, a faca sem ponta, seu grito assustou todos.

— Querido o caralho — sussurro em seu ouvido, girando a faca. — Eu sei que matou meu pai e agora vou te matar.

Empurro seu corpo para trás, a sua mão atravessou toda a faca, ele já começou a gritar de dor. Ninguém se meteu, ninguém se moveu.

— Filho da Puta.

— Puta mesmo é Lucrecia, tomara que a encontre no inferno. — Voltei a mesa e peguei a faca cravada nela, durante os próximos cinco minutos, o esfaqueei com a faca sem ponta, que dificultava, mas tornava mais doloroso.

Após todo o acontecimento, peguei minha câmera com a moça e gritei antes de sair:

— Agora, eu sou o novo Chefe, o lugar que é por direito meu.

.



## Capítulo 20

20

Luke

Tinha programado levá-la a uma cachoeira, para podermos desfrutar de um momento a dois. Passei em casa e peguei tudo que necessitávamos, um biquíni, outra troca de roupa, toalha, entre outras.

Paramos em frente à rua de terra e pedra que dava na cachoeira.

— Você vai me levar em uma cachoeira?

— Sim. — peguei sua mão e a levei pela estrada.

— Mas não peguei nada.

— Esta tudo dentro da mochila. — ao chegar na cachoeira vazia, sentamos na beirada. — Vamos entrar.

— Luke, não tenho onde me trocar. — disse, olhando ao redor.

— Não tem ninguém, coloca o biquíni aqui mesmo. — após muito insistir, ela concorda, pega seu biquíni e coloca primeiro a parte de cima e depois a de baixo.

— Por que não pegou meu maiô? — perguntou incomodada com a peça minúscula cobrindo seu corpo.

— Porque achei que ficaria gostosa nessa peça de banho e acertei. — Tirei minha roupa para entrar junto, ficando só de cueca.

— Está muito gelada. — Mal havia verificado a temperatura da água e deu um passo para trás.

— Relaxa, vai passar. — Peguei-a no colo e corri para a cachoeira, mergulhando na água fria.

Ela estava muito brava quando voltamos para superfície, jogou água em mim e gritou. — não pude deixar de rir, ela com raiva era ainda mais bonita, aos meus olhos. Não podia entender como pude viver sete anos longe dela, desta moça tão formosa e bondosa.

Gostava da minha nova vida, não vivia no luxo, nem tinha milhares de mulher ao meu redor — talvez eu tenha muitas admiradoras — mas tinha uma vida tranquila, trabalhava e ia para casa, onde tinha uma única mulher para aquecer minha cama e coração.

Depois da morte do meu tio, me tornei chefe e a vida ficou difícil, eu mal dormia e quando acontecia era coisa de três horas no máximo, um homem como eu era constantemente ameaçado por morte. Tudo desmoronou quando conheci a Federal, como já havia relatado outras vezes, sempre tive um grande problema com mulheres, sempre queria uma ou duas ao meu lado.

Hoje era um novo homem e gostava disso, não queria mais ser associado com a minha família é logo mudaria meu sobrenome. Queria casar com Maya e fazê-la minha herdeira e caso ela tivesse um filho meu, ele também receberia uma grande quantidade em dinheiro ao atingir a maior idade.

Hoje de manhã, antes de ser liberado do serviço, recebi uma ligação do meu primo.

*Estava sentado olhando para a parede, hoje não havia nada que eu pudesse fazer, os carros estavam prontos e o ambiente calmo. Meu celular tocou, no mesmo instante peguei o aparelho no meu bolso, pronto para atender Maya.*

— Oi amor.

— Amor? Nossa, quem diria que algum dia Luke estado chamando alguém de amor. — era uma voz bem conhecida e eu o odiava.

— Bom, talvez eu devesse terminar te chamando de Amor, Lúcifer. — ele suspirou.

— Convenhamos, você sempre preferiu as mulheres.

— Pelo menos tenho um padrão de qualidade, tudo é buraco para você. O que você quer? Não estou de brincadeiras.

— Queria dizer que estou livre, as coisas mudaram.

— Eu tive que contar algumas coisas. — entregar Lúcifer era um acordo que fiz com os federais, nunca me responsabilizei por ele fugir.

— Estou nas ruas já, imagino que esteja pensando que fugi, mas não fugi. Estou liberado, ao contrário de você.

— Não adianta ficar de joguinhos, só não te matei ainda, pois você sumiu como fumaça, está com medo? — comecei a irritá-lo, ainda não cumpri toda minha vingança, ele era o último, porém eu não estava usando meu tempo para procurá-lo e matá-lo, só queria curtir a vida ao lado do meu anjo

*louro recentemente, safado.*

*— Você não veio atrás, por que não quis, mas estou de olho em você e na sua namorada. Fico feliz que arranjou uma loira para aquecer sua cama.*

*— Não comece a me provocar.*

*— Você pode e eu não?*

*— Você é um filho da puta e se me irritar muito vou correr atrás de você até o inferno. — começou a dar gargalhadas.*

*— Essa rocha não deve acertar nossas mulheres, se começar a me irritar muito, vou ficar bravo e ter que me defender.*

*— Você está sozinho.*

*— Eu não preciso de ninguém, sou um homem que vale por dez. — não queria ser prepotente e exibido, a verdade era a verdade.*

*— Só estou observando.*

*— Cuida da sua vida, então.*

*— Ótimo? Melhor que não haverá guerra, nem vou me dar ao trabalho de matá-lo. — não respondi, só encerrei a chamada, nervoso com toda essa merda.*

*Maya colocou seu corpo no meu, tremendo de frio.*

*— Amor, essa água é muito gelada, não vou aguentar. — Arrastei ela para fora da cachoeira.*

*— Não está tão frio assim. — Era uma puta mentira, estava frio, porém não insuportável.*

*— Mentira, até você estava tremendo. — Enrolei ela ao redor da toalha, para aquecê-la.*

*— Estava tremendo, por que você estava em uma água, com esse biquíni minúsculo, muito perto de mim.*

*— Eu te causei calafrio? — Olhei em seus olhos, após beijá-la.*

*— Sim e como causa.*

*Passamos um tempo juntos, sentados conversando, outras pessoas chegaram e quando deu fome, decidimos ir embora.*

*O resto do dia passou calmo e tranquilo, meu amor e eu. Assistimos uma série na nossa cama, e antes de dormir, fiz amor com ela.*

(...)

— Maya Johnson, você está se escondendo de mim? Sua mãe? — eu havia avistado minha mãe no corredor de bolachas, no mercado e fugi, mas fui pega.

— Claro que não, mamãe. — virei meu carrinho e fui ao seu encontro.

— Você não me engana, está fugindo de mim. — Ela me olhou de cima a baixo e completou: — Está diferente?

— Diferente?

— Sim, diferente. — mamãe continuava a me analisar, então estalou os dedos e desse: — Sim, definitivamente sim.

— O quê? — perguntei, assustada.

— Você está apaixonada. — deu um grande sorriso e me abraçou.

— Sim... Sim, mamãe. — ela morava no mesmo prédio que eu e sempre nos encontrávamos na entrada.

— Luke e você estão convidados para jantar em nosso apartamento, vou fazer seu prato preferido.

— Hoje será o primeiro jogo de Luke como treinador, podemos comemorar na sua casa, mamãe.

— Ótimo, vou agora mesmo comprar tudo que preciso. — bateu palmas e me deu mais um apressado abraço. — Desejo sorte ao Luke, que seu time hoje seja campeão.

Ela saiu do corredor toda contente e eu voltei as minhas compras, eu tinha prometido comprar preservativos, porém estava receosa que mamãe aparecesse e me pegasse no pulo.

Mesmo que não tivesse mais dezesseis anos, não queria correr esse risco.

Peguei um táxi para chegar em casa com as compras, então subi a escada com várias sacolas, na frente da minha porta, já estava quase morta.

Deixe as sacolas no chão, de modo que estava livre para procurar minhas chaves na bolsa. Ao entrar em casa, vejo que Luke estava pronto para seu jogo, parecia até mesmo nervoso.

— Amor, me ajude com as sacolas. — Com sua ajuda, coloquei tudo em cima do balcão.

— Você vai?

— Vou. — ao lhe responder, ele torceu os lábios. — Por quê? Você não quer que eu vá ver o jogo?

— Não é isso... Só não quero perder.

— Pensei que fosse mais convencido.

— Eu sou, ou melhor, eu era. — Luke me ajudou a guardar as compras, quando revelei que jantaríamos com meus pais após o jogo, ficou contente.

Uma hora antes do jogo, estávamos saindo de casa, encontramos a Melody saindo para o jogo, junto com seu namorado. Enquanto fomos de moto, eles de carro, nos seguindo. Eu não gostava de andar de moto, mas meu namorado era um amante das duas rodas, andava em alta velocidade, com o vento forte contra o rosto.

Chegamos em frente à escola, logo que estacionamos a moto, os atletas de Luke se aproximaram.

— E aí treinador — cumprimentou Caleb.

— Estão preparados, rapazes?

— Sim. — gritaram todos em uníssono.

— Luke, vou ficar com a Melody. Estamos indo para a arquibancada, com um cachorro quente. — ele beijou meus lábios e confirmou.

— Ok.

Na próxima vez que nos vimos, estava na arquibancada e o jogo já tinha começado. Na maioria das cidades pequenas, quando tinha um jogo na escola era como se fosse um da Liga. As mães e os familiares lotaram as arquibancadas e foram ao delírio quando nossa escola ganhou.

O time se juntou e comemoraram a vitória. Passei pelas pessoas até chegar nele, que estava muito feliz. Na hora que me viu, pegou-me pela cintura e me levantou.

— Ganhamos — gritou.

— Sim, treinador. — Dei-lhe um beijo longo.

— Treinador... — os meninos se amontoaram ao nosso redor.

— Queríamos te convidar para comemorar conosco. — Luke me colocou no chão e se virou para responder.

— Obrigado, mas hoje tenho um jantar na sogra.

— Ah, sim. Nos vemos a semana que vem?

— No treino, mas já conversei com sua professora de línguas e ela me disse que se suas notas não melhorarem, então teremos que tirar você do time. — o menino passou a mão no cabelo e suspirou.



— Por favor, treinador, não me tira.

— Então, melhores suas notas. Agora, preciso ir. — ele se despediu do pessoal e fomos embora, como já era final da tarde, estava frio, Luke me emprestou sua blusa.

Ao chegar na porta do prédio, encontramos meu pai na entrada.

— Pai. — Acenei ao sair da moto, primeiramente não me reconheceu pelo capacete, ao tirá-lo, veio em minha direção e me abraçou.

— Querida.

— Estávamos indo para sua casa, mamãe nos convidou para jantar.

— Estava aqui fora, observando. — Papai estava sentindo falta de trabalhar, entediado o dia inteiro em casa, queria voltar à ativa.

— E eu estou com fome.

— Senhor Johnson. — Luke estendeu a mão a papai, de modo formal.

— Luke. — Conversamos um pouquinho e depois entramos.

Ao entrar no apartamento do papai, encontramos uma mesa posta de comida.

— Enfim chegaram, vamos comer meu povo. — Luke foi cumprimentar mamãe, ambos já se sentiam à vontade na presença um do outro. Até mesmo colocou a comida em seu prato e lhe entregou uma cerveja.

— Nossa, eu que sou filha recebo o prato vazio e o genro um prato feito e até mesmo uma cerveja.

— Sou o novo filho da sua mãe, não é mesmo, "mãe" — brincou Luke e mamãe concordou.

— Verdade, ele pelo menos vem me visitar.

— Está brincando comigo?

— Não, ele vem toda vez depois do trabalho me ver, toma um café e come bolo. — Eu não estava acreditando que Luke era um filho melhor que eu, vinha ver mamãe todos os dias depois do trabalho.

— Bem que vi, Luke está mais gordinho. — Ele concorda com a cabeça, não podendo falar com a boca cheia e bate na barriga.

— Pois é... Muito íntimos vocês dois — comenta papai.

— Deixa de ser ciumento. — O resto da noite, passou tranquilo, entramos em casa já passava das nove da noite, queria tomar um banho e deitar, amanhã seria domingo e passaria um dia preguiçoso com meu amor.

— Hoje vai ter sobremesa? — questiona Luke, após eu sair do banho.

— Que sobremesa, homem? Já comeu demais. — Mamãe fez torta de maçã, a minha preferida.

— Estava pensando em algo loiro, com olhos azuis e um belo par de pernas. — Então entendi, que ele estava falando de mim.

— Ah, acho que estou com dor de cabeça. — Então me virei, antes de andar soltei a toalha que estava ao redor do meu corpo, provocando-o. Ele me seguiu até o quarto e antes que conseguisse me esquivar, me pegou no colo e me levou para a cama.



# Capítulo 21

21

Acordei atrasada, como sempre nos últimos dias, isso era culpa de Luke, que me mantinha acordada a noite inteira e no dia seguinte não conseguia sentar.

Ele já havia saído para trabalhar, tinha café pronto na cafeteira e um dos seus bilhetes de amor. Pulei da cama e fui direto tomar um banho rápido, depois de uma noite daquelas eu tinha que passar o dia na cama.

Ao retirar minha calcinha, noto o corrimento avermelhado, avisando minha menstruação. Já estava pronta para sair, só faltava escovar os dentes, segui para o banheiro e quando abri a torneira, litros de água jorraram em meu rosto. Gritei o nome de Luke e peguei meu celular, ele havia prometido arrumar a torneira.

— Oi amor.

— Oi amor? Merda Luke, seu amor aqui está todo molhado. — gritei furiosa.

— Então de seque, você está atrasada.

— Sim, mais uma coisa que é sua culpa.

— Tudo é minha culpa... — rebateu sarcástico.

— Sim e vou me atrasar, entrarei na segunda aula, por que você não consertou a merda da torneira e agora estou toda molhada.

— Eu só dei um jeito para parar de pingar, não consegui arrumar pois precisa de uma peça que compraria hoje.

— Ótimo, poderia ter me avisado.

— Desculpa, esqueci. — Não falei nada, apenas desliguei na sua cara. Nervosa tive que me arrumar tudo de novo.

(...)

— O que está acontecendo com você hoje? Nossa, qualquer coisa é motivo de briga. Já é a segunda vez que briga comigo. — reclama Luke, começando a ficar bravo. Estávamos na sala, discutindo mais uma vez sobre a torneira, ele acabara de chegar do serviço.

— Porque você faz tudo errado. — gritei de volta.

— Eu arrumei a merda da torneira, mas parece que tudo quebra nesta porra de prédio. — o problema foi, recentemente havia consertado a torneira do banheiro e hoje de manhã, atrasada para ir trabalhar, fiquei toda molhada. A torneira havia estourado no meu rosto, me molhando inteira e fazendo perder a primeira aula.

— Arrumou igual o seu cu. — joguei uma almofada nele, que desviou.

— Então contratasse um serviço de manutenção, não sou obrigado a ficar arrumando sua casa inteira.

— Agora a casa é minha? Você não mora aqui?

— Não foi isso que quis dizer. — tentei consertar.

— Foi exatamente o que quis dizer. Na hora que não tinha onde morar, fui gentil em deixar você morar aqui.

— Merda Maya, eu sempre tive onde morar, quer saber mesmo? — arregalei os olhos, estava descobrindo uma mentira do meu namorado.

— Você me enganou!?

— Não, eu quis ficar perto de você e nem que eu tivesse que dizer aquelas coisas. Eu só queria uma chance.

— Você mentiu para mim. O que mais você me esconde?

— Nada. — talvez fosse a minha menstruação, mas meus nervos estão fritando.

— Não posso mais acreditar em você.

— Eu não acredito, há uns dias, pensei que namorar, morar juntos, fosse bom, mas não é. Tenho que aguentar você toda hora me criticando e me irritando. — ele pegou sua carteira e chave no balcão. — Vou dar uma volta.

— Pode ir, já que sempre teve onde ficar, aproveita e fica por lá. — Luke saiu do apartamento,

batendo a porta com força. Eu fui para minha cama, pois estava morrendo de cólica, tomei um remédio que estava no criado-mudo e dormi por algumas horas. Estava chateada com Luke e a nossa briga.

Quando acordei mais tarde, um pouco mais calma e disposta a conversar. Mas meu amado não estava em casa e nem atendia o telefone.

Na manhã seguinte, acordei com Luke sentado no sofá, queria passar direto e não o encarar, mas a curiosidade era maior que eu.

—Onde você dormiu? — encostei no batente da porta esperando sua resposta.

— Entre seus pais. — respondeu seco.

— Estou falando sério! Dormiu na Melody? — eu não queria saber a resposta, mas precisava saber, eu odiava que ele ficasse na casa dela, ela dava em cima dele, mesmo sabendo que estava comprometido comigo e morarmos juntos.

— Estou falando sério, dormi no seus pais, no sofá mais precisamente. — bufei irritada.

— Não foi na Melody?

— Você já me perguntou isso, eu já te respondi que dormi na casa dos seus pais e você continua a duvidar. — Luke estava bravo e estressado, possivelmente pela nossa briga sem motivo no dia anterior, mas ele tinha que entender meus ataques da TPM.

— Não sei o porquê está bravo. — cruzei os braços, levantando meus seios.

— Por que você gosta de insistir nas coisas, já te disse que não dormi na Melody, mas continua a me pressionar como se eu tivesse mentindo. Nós nunca brigamos, só entrar na porra da menstruação você briga comigo por nada. — ele levantou do sofá e gesticulava como um louco.

— Você sabe o que penso a respeito dela, sabe que namoramos, que você mora comigo e mesmo assim fica se jogando em cima de você. O chuveiro dela quebra toda semana e você, o super encanador, que piorou nossa pia, vai lá, ajudar. — Dei alguns passos para frente, assim poderia encará-lo.

— Mas você tem que confiar em mim, nunca dei motivos para esse ciúme com Melody.

— Mas ela sim, homem é homem, pensa com a cabeça debaixo.

— Quer saber uma coisa? — pergunta sarcástico.

— Sei que é uma pergunta retórica, mas quero saber sim.

— Se eu pensasse tanto assim com a cabeça debaixo, não pensaria em você, eu não faria nada para machucá-la, nem fisicamente ou emocionalmente. — após essas palavras, sabia que só terminaríamos essa briga de um jeito, na cama. Fiquei nas pontas dos pés e o beijei com força.

Luke agarrou minha cintura, me aliciando para enrolar minhas pernas ao seu redor.

— Luke, não podemos. Estou menstruada.

— Eu não ligo, amor. — sussurrou contra meus lábios, como era o segundo dia, minha menstruação estava forte e não o deixaria me foder assim.

— Luke...

— No banho. — ele não esperou minha resposta, voltou a beijar, assim ficaria de boca calada e não negaria. Ao entrar no banheiro, colocou-me de pé na sua frente e tirou sua roupa.

Tirei minha roupa e depois a calcinha, descartei meu OB e entrei primeiro no chuveiro, desta vez usaríamos a banheira, normalmente eu usava a ducha. Lavei meu corpo, com ele me observando, não tive vergonha, já estávamos quase casados e me via todos os dias nua.

Ao entrar, o vento bateu contra meu corpo já quente, enviando um arrepio.

— Luke, estou com frio.

— Eu vou te esquentar. — Abraçou-me por trás, mas seu intuito não era me aquecer e sim me bolinar. Passando a mão por todo meu corpo, apertando meus seios e nádegas.

— Amor... — murmurei, quando senti seus dedos em minha entrada, nunca tínhamos transando em minha menstruação, estava mais sensível e parecia mais gostoso.

— Você é tão gostosa. — seu dedo entra pelas minhas dobras, escorregando com sutileza para dentro. — Finalmente poderei gozar na sua boceta. — eu já havia visitando meu ginecologista, meu controle de natalidade seria as pílulas contraceptivas e tomaria após essa minha menstruação. Então, livre de crianças por um tempo.

— A partir de hoje, poderá gozar em minha boceta quantas vezes quiser. — nada nele parecia ruim, tudo que fazia me agradava.

A água da banheira estava enchendo, já em nossas panturrilhas. Escorei-me na parede, apoiando ambas as mãos nela e empinando minha bunda.

— Maya — sussurrou, Luke.

Seus dedos trabalharam rápidos em minha vagina, me masturbando com força. Arqueei minhas costas enquanto gemia de prazer, eu adorava o sexo, poderia ter começando antes, mas os outros

homens não eram Luke, imaginei que era tão bom pelos sentimentos que nutria em relação a ele.

Poderia passar minha vida em seus braços, dando e recebendo um prazer inimaginável, um ótimo companheiro para assistir série, cozinheiro e ainda me ajudava a limpar a casa. Éramos o complemento, eu já não conseguia imaginar minha vida sem ele e isso me deu medo.

Medo do futuro;

Medo dele cansar desta vida;

Medo de estar me enganando profundamente;

Medo de amá-lo;

Medo com tudo que poderia acontecer em relação a nós.

Isso poderia realmente estar acontecendo? Não sabia ao certo, a única sensação verdadeira, era do prazer de ter suas mãos em meu corpo. Desci uma das mãos até meu clitóris, pressionei o dedo e me estimei, juntando com seus dedos ágeis e rápidos e minha estimulação, estava indo ao delírio. A única mão que me sustentava na parede, escorregou e caiu ao lado do meu corpo, meu rosto ficou pressionado contra a parede fria.

Não demorou muito para finalmente gozar, Luke passou seu braço ao meu redor, me segurando.

— Aguenta firme. — Balancei a cabeça e voltei a sã consciência. Com minhas mãos postas, novamente, nas paredes. Luke puxou minha cintura, batendo minha bunda em sua virilha dura. — Está pronta?

— Sempre. — essa foi minha única palavra, mordi meus lábios para não gritar alto e quando ele empurrou seu pau, dentro da minha vagina, percebi que foi um erro.

Cravei meus dentes na pele sensível dos lábios, cortando e tirando sangue. O gosto metálico do sangue encheu minha boca, mas isso não atrapalhou. Apesar da dor, o prazer era maior, mal percebia meu lábio machucando, enquanto ele empurrava fundo, com estocadas rápidas e ágeis.

— Fala meu nome — mandou, Luke. — como não o respondi, puxou meus cabelos molhados e repetiu: — Fala. A. Porra. Do. Meu. Nome.

Tentei ficar calada, mas ele tirou seu pênis completamente e então, empurrou com força, arrancando seu nome da minha boca, em um grito tão alto, que até meus pais poderiam escutar, no andar de baixo.

Seus dedos gravaram na minha cintura, provavelmente deixariam marcas em minha pele clara, mas não me importava.

Após muitas estocadas, Luke e eu gozamos em sintonia. Meu corpo mole novamente, ele me sustentou e abaixamos para sentar na banheira e poder relaxar.

— Você é perfeita. — sussurrou em meu ouvido.

Minha mão estava contra seu peitoral definido, podia sentir seus músculos e seu coração batendo.

— Só você me acha perfeita. — puxei seus braços, para fora do meu corpo.

— Casa comigo? — era sempre a mesma pergunta após o sexo e desta vez a resposta seria diferente.

— Sim...





## Capítulo 22

?? 22

Quando é que começamos a duvidar de nós mesmos? Nosso emprego, companheiro e vida? Essa era uma pergunta que não queria calar.

Olhando para o teto, imaginei os últimos cinco meses ao lado de Luke. Cinco longos meses. Os melhores. Agora ele estava diferente, agindo diferente comigo. Hoje era o dia do meu casamento, estávamos só nós dois, com uma civil qualquer de testemunha e o juiz de paz.

Sai do banheiro e encontrei meu futuro marido, diferente dos outros casais, ele aderirá o meu nome, ao invés de eu aderir o dele.

Começou a cerimônia, comigo muito emotiva, cinco meses juntos e o resto da vida pela frente. Poderia achar que foi rápido, mas não era assim. Ao segurar sua mão, em frente ao juiz e jurar amar e respeitar, na saúde e na doença, até que a morte nos separe. Amém.

Sai do cartório casada e ninguém sabia, Luke me beijou na porta, entre a outras pessoas. Vesti um vestido simples branco de renda e Luke estava de terno.

— Até que a morte nos separe, querida. — sussurrou.

— Nem mesmo ela, poderá me manter longe de você. — o abracei apertado e quase cai em lágrimas. Luke me levou para nossa casa, já que estávamos sem dinheiro para uma verdadeira Lua de Mel.

Eu mal podia acreditar que estava casada, tinha uma aliança de prata no dedo e um anel de noivado com um diamante.

— Esse anel foi da minha mãe.

— É um anel bonito e grande. — analisava a pedra de diamante brilhante, era tudo um sonho.

— Agora você não pode se livrar de mim.

— Nem quero. — volto minha atenção a ele, que estava feliz.

— Sabe que contei para sua mãe. — revela, meio receoso.

— Mas combinamos de esperar um tempo, não contar.

— Então, não consigo mentir para dona Ângela, ela me pegou no pulo e agora tem uma recepção de pessoas na casa de Lauren, nos esperando. — recentemente tínhamos batizando a Lara, éramos seus padrinhos pela igreja católica e eu não poderia estar mais feliz. Algumas vezes, quando estava de folga, eu ficava com a pequena, para Lauren poder sair e respirar.

Luke era muito bom com crianças e o bebê adorava o padrinho.

— Ela não quis ver o casamento?

— Não, se recusa a ver a filha casando no cartório, precisa ser perante aos olhos de Deus. — ele se jogou no sofá, fui até a geladeira pegar uma cerveja para ele e um pouco de água para mim.

— É cada uma... O importante é que já estamos juntos e casados. — lhe entreguei a cerveja e sentei em seu colo.

— Sim, sou oficialmente o senhor Johnson. — dei-lhe um beijo rápido.

— Por que colocou meu nome?

— Não quero você associada com a meu nome e queria me casar com você, então esse era o jeito mais seguro. — voltei a beijá-lo.

Percebi que ele era diferente dos outros homens, que tinha nos livros. Sempre machos alfas, ciumentos, possessivos e explosivos. Eu sentia que Luke não era tudo isso, um homem bom, que me ajudava em tudo que podia.

Nunca teve essas crises de ciúmes, salvo pela vez, em que ficou receoso por eu sentir algo por Mike, ainda. Era eu a ciumenta da relação, não podia nem sonhar em Melody muito perto do meu marido, mas agora estava sossegada, confiava nele e também ela estava morando com o namorado e grávida.

Sim, ela estava grávida.

Minha mãe, ao saber desta notícia, já foi logo me pressionando para dar netos. Aos vinte e cinco anos, não era uma má ideia e nem uma idade ruim para ter filhos.

— Luke, o que acha de filhos? — ficou branco e demorou a me responder.

— Maya, eu adoro crianças, porém não quero uma criança agora, salvo se você engravidar acidentalmente.

— Amor, ninguém engravida acidentalmente. Não é como se eu escorregasse e caísse na sua *pica dura*.

— *Pica dura?* — arqueou as sobrancelhas, esperando minha defesa.

— Sim, ela já está dura. — remexo minha bunda na sua virilha, sentindo seu pênis ereto.

— Em vez de cair em cima, por que não "cai de boca"? — Luke estava ficando cada vez mais safado, deixei meu copo vazio de água de lado e sai do seu colo.

— O que eu ganharia com isso?

— Um marido contente por receber um agrado da esposa. — eu queria deixá-lo feliz e não me importava em chupar seu pau. — Ah, lembra que toda manhã chupo sua boceta antes de ir trabalhar.

Desde que começamos esse ritual, eu trabalhava contente o resto do dia, os alunos agradeciam e quando Luke chegava em casa, eu o chupava para relaxar, uma troca de favores. A nossa noite, era sempre picante, experimentando novas coisas e posições. Um dia desses, Lauren me deu um tal de gel que aquece, *me lambuzei toda dele e comecei a pegar fogo*. Lógico que não consegui terminar a transa, paramos para eu tirar o gel, que ardia meu corpo.

Descobri ser alérgica a este gel e como deixou minha pele irritada, ainda tive que passar no dermatologista, que me indicou uma pomada para acalmar a pele.

Sempre que podia, ele me lembrava dessa ocasião e caíamos na gargalhada. Tudo estava indo muito bem, nosso relacionamento, empregos... só não esperava que quando tudo estivesse dando certo, algo viesse para acabar tudo.

Será que no final eu terei meu final feliz?

Muitos casais se separam no primeiro ano de casamento, e outros, anos mais tarde.

Queria um casamento como os de meus pais. Forte e que durasse até a morte.

Eu tinha a sensação que seria “até que a morte nos separe”, pois eu não o abandonaria nunca, a não ser, que ele me traísse, isso eu nunca perdoaria. Sempre tive em mente que se não houver uma confiança, nunca daria certo.

Confiava no meu marido.

Esperava que fosse um sentimento mútuo.

Esperava que nosso casamento desse certo.

Esperava que ele sentisse a mesma coisa que eu.

Eu esperava tanta coisa, que no final acabaria desiludida e despedaçada.

(...)

LUKE

Maya estava sentada no meu colo, rebolando sua bunda no meu pau, já ereto. Estávamos oficialmente casados e agora eu levava seu sobrenome, assim ela estaria ligada a mim, porém sem um sobrenome. Não gostaria de deixá-la carregar o peso de um Petkovic.

Ela estava linda ao pronunciar seus votos, olhou em meus olhos e disse "sim". Estava nítido que era realmente isso que ela queria dizer, queria realmente se casar comigo.

Cinco meses.

Cinco meses juntos.

E foram os melhores da minha vida, estava curtindo ser o Luke, namorado da professora primária, mecânico em tempo integral e o treinador nas horas vagas.

Sai do trabalho, visitava minha sogra, que sempre tinha um café quente e fresco. Um sogro rabugento, porém, um bom homem.

Uma vizinha engraçada e que fazia biscoitos.

Ainda bem que corria todas as manhãs antes do trabalho, caso contrário estaria fora de forma. Maya também era uma excelente companheira de quarto e vida, maravilhosa na cama e minha amiga de seriado.

— Precisamos ir para casa da Lauren. — Ela escondeu seu rosto no meu pescoço, espalhando beijos.

— Sinceramente, não estou afim.

— Amor...

— Tudo bem... Me deixa trocar de roupa, pois hoje o clima está frio e não quero passar frio nas pernas. — ela levantou do meu colo, logo senti falta.

Meu celular tocou, o número era privado, imaginei que fosse Lúcyfer, meu primo, novamente. Ao atender, me surpreendi, não era ele e sim a ruiva.

— Luke?

— Ruivinha? — aproveitei que ela estava no quarto e sai no corredor para falar ao telefone.

— Sim, finalmente consegui seu número. Você desapareceu...

— Fiquei um tempo inativo.

— Sete anos. — suspirou. — Sete longos anos.

— Você não voltou a entrar em contato comigo por quê?

— Só não consegui, esses últimos anos foram um turbilhão, agora meu marido morreu, minha filha está em crise e fui afastada da penitenciária. — sua voz chorosa, me deixou de coração mole, ficamos juntos por um tempo, apesar de não haver sentimentos amorosos em relação a ela, tínhamos ficado amigos e me preocupava.

— Você está morando em sua antiga casa?

— Não, estou na minha mãe, cidade vizinha. — A porta se abriu e Maya apareceu, vestindo calça jeans e um cardigã.

— Você está aqui, amor? Vamos, eles estão nós esperando.

— Você está ocupado? — perguntou, a ruiva.

— Eu preciso desligar, podemos nós falar mais tarde, tenho que ir a uma recepção de casamento.

— Casamento de quem?

— O meu. — Encerrei a chamada, Maya estava me observando, sabia que viria briga, ainda bem que não tínhamos muito tempo para isso e íamos de moto.

— Quem era? — se aproximou, com os braços cruzados sobre o peito e olhar sério.

— Era a diretora do presídio, a Ruiva. — ela arqueou as sobrancelhas e passou reto por mim.

— Estamos atrasados.

Nunca era uma boa coisa, quando a mulher ficava calada, isso era sinal que algo maior estava por vir.

Chegamos na recepção, havia um monte de gente, a maioria não conhecia, mas era parente dela. Até mesmo tinha uma tia, que era casada com um britânico e suponho que seja a mesma com quem ela foi morar na Europa.

— Olha o novo casal... — gritou Lauren quando cheguei. — Eles preferiram casar em segredo. — todos gritaram e vieram nós cumprimentar. Ao que parece, Lauren e Ângela, tinham sido as únicas que se importaram com o fato de nos casar escondidos.

— Queridos. — sua mãe nos abraçou apertado. — Agora, oficialmente, Luke poderá me chamar

de mamãe. Não é, querido?

— Como a senhora quiser. — respondo, como um bom genro.

— Vamos começar com esse "Senhora", pode me chamar de mãe, mamãe.

— Mãe, deixa o Luke, ele a chamará como melhor lhe convém.

— Maya tem razão, mamãe. — Ângela foi ao céu e voltou, em questão de segundos. Completamente feliz de aceitá-la como mãe.

— Viu Maya, deixa de ser chata. — durante toda a tarde, fiquei observando aquelas pessoas, algumas não me conheciam, mas me trataram bem e conversaram comigo. Ninguém me reprovou pelas tatuagens, jeito selvagem e ficha criminal.

No final da festa, Lauren reuniu todos ao redor, eu segurava minha afilhada, Lara.

— Não há pessoa no mundo, depois da minha família, que não ame mais que Maya e se está feliz, então eu também estou. Isso, eu e Clarke, lhe daremos uma viagem de três dias no Lago Tahoe.

O lago Tahoe, era um grande lago de água doce, nas montanhas de Serra Nevada, divisa dos estados Califórnia e Nevada. É o segundo lago mais profundo do mundo, teríamos muito esqui, e cassinos para visitar. Eu já conhecia e era um lugar lindo e estava ansioso para participar com minha esposa.

Fomos agradecer o casal, Lara já dormia em meus braços, o seu pai, Clarke, a levou para seu quarto e nos despedimos, já era tarde e todos precisavam estar em casa.



## Capítulo 23

23

— Ao chegarmos em casa, Luke se revelou com um enorme tesão. Assim que tranquei a porta, me agarrou por trás, beijando meu pescoço e passando sua mão pelo meu corpo.

— Amor...

— Luke, nem cheguei em casa e você já está me cobrando a consumação. — Sua mão agarrou meu cabelo, puxou minha cabeça para trás, assim ter acesso ao meu pescoço.

— Sim, precisamos consumir nosso casamento, assim não haverá uma anulação. — Ambas as mãos deslizaram para meus seios, puxou cada extremidade do meu cardigã, soltando todos os botões de uma vez.

— Nada vai me separar de você. — Arfei ao seu toque, na minha pele íntima.

Seus dedos brincavam com meus seios, o bico endureceu e meu mamilo arrepiou-se.

— Nem eu de você.

Com toda essa coisa de sexo, mal lembrei do seu telefonema, que remói à tarde inteira. Dei um passo para frente, sai das suas garras e virei-me, para começar a brigar.

— Você está tentando me atrapalhar com o sexo.

— Só estou tentando foder minha esposa. — Luke percebeu que não transaríamos, enquanto não houvesse uma briga, por isso foi buscar uma cerveja na geladeira.

— Você hoje estava falando com quem?

— Estava falando com a Ruiva. — Senta-se na minha frente, pronto para responder minhas perguntas.

— Para de chamá-la assim. Fala a porra do nome dela. — Nunca gostei deste apelido, começando pelo fato que ele a chamava de Ruiva ou Ruivinha e eu de Ratinho.

— Eu sempre a chamei assim, ou por "diretora".

— Isso é muito íntimo, eu não gosto.

— Relaxa, eu não casei com você? — perguntou.

— Casou, mas ela só te ligou depois do casamento, talvez esteja arrependido? — Não queria saber a resposta, mas tinha que perguntar.

— Se eu gostasse dela, teria ido procurá-la, ao invés de vir até você. — Se levantou e pôs em minha frente.

— Não gosto que mantenha contato com ela. Morro de ciúmes.

Ele me puxou contra seu corpo, o abracei apertado e relaxei contra seu corpo.

— Deixa de ser ciumenta, eu estou com você, por que é quem eu gosto.

— Não quer fugir com ela? — Pegou meu rosto entre as mãos e olhou em meus olhos.

— Nunca.

— O amor... — comecei a chorar, completamente emotiva.

— Não precisa chorar. — Beijou meus lábios com ternura.

— Eu te amo. — revelei, surpreendida comigo mesmo.

E ficou um tempo me olhando e então se afastou.

— Luke...

— Eu falei que não era para se apaixonar. — Ele só podia estar de brincadeira comigo.

— Você mora na minha casa, começa a namorar comigo, tira a minha virgindade e me pede em casamento todos os dias. E não quer que eu me apaixone? — Ele estava furioso, podia ver em seus olhos.

— Eu pedi para você.

— Não adianta pedir, não mando no meu coração. A única forma de não o amar, seria se nunca tivesse te conhecido. — Eu já estava gritando com ele e lágrimas rolaram dos meus olhos.

— Eu sabia que era errado eu voltar, mas como sou fraco, eu tive que voltar. — Para primeira vez,



o vi transtornado, se virou e empurrou tudo que estava na mesa de centro, os vidros quebraram e a terra do vaso, se espalhou no chão.

— Você está agindo como um louco.

— Louco?

— Sim, me pede para casar contigo e me proíbe de amá-lo? — Luke passou as mãos no cabelo e suspirou.

— Merda... Merda...

— Já que está tudo revelado, também estou atrasada quase uma semana. — Então começou a dar risada, isso me deixou ainda mais furiosa, quase que pulei em cima dele.

— Ah, meu Deus.

— Você está rindo de mim? — Questionei furiosa.

— Não consigo te levar a sério, não enquanto seus seios estão para fora e balançam conforme você gesticula. — Ele era definitivamente bipolar.

— Quer saber de uma coisa? Vá se foder. — Passo por ele como um furacão e vou direto para o quarto, bato a porta com força atrás de mim e me jogo na cama, chorosa.

Jogo a minha aliança no chão e jogo seu travesseiro contra a parede, totalmente revoltada.

Uma hora ele estava brigando e outra hora rindo de mim.

Eu não queria chorar, mas foi impossível. Luke entrou no quarto depois de um tempo, colocou a cabeça para fora e revelou.

— Vou dormir na sua mãe.

— Faz o que você quiser. — Após essa resposta seca, ele fechou a porta e foi para a casa da minha mãe.

Eu odiava dormir sem ele ao meu lado;

Eu odiava dormir brigada;

Eu odiava tanta coisa, mas tudo em relação a ele, era multiplicada por 100.

(...)

Acordei no dia seguinte com um enorme dor de cabeça, tínhamos um viagem marcada, mas descobri que ela, Lauren, programou para o mês de férias de verão, teria que pedir ao Luke que falasse

na oficina, para ficar um tempo fora.

Estava entrando na sala, quando a porta abriu e ele entrou. Eu tinha aula e precisava me arrumar, fingir não o notar, quando o meu corpo exigia seu toque.

Tomei meu café em silêncio, ele não disse nada, como eu.

— Vai trabalhar?

— Sim, vou ficar até mais tarde hoje, estamos trabalhando em um projeto. — Arqueei minhas sobrancelhas para ele, desacreditada em suas palavras.

— Faz o que você quiser. — Deixei a xícara de café vazia na pia e segui para o quarto, quando passei ao seu lado, sua mão me impediu de continuar meu trajeto.

— Cadê sua aliança? — Sua voz era grossa e áspera, não era um tom que ele costumava a usar comigo.

— Em algum lugar desta casa. — respondi, intolerante.

— Vá colocar a porra da sua aliança, foi feita para ficar no dedo e não perdida pela casa.

— Para que aliança? Se não posso nem amar meu marido? — Empurrei seu braço para longe e fui ao meu quarto.

Quando sai de lá, Luke já havia ido embora e sua aliança estava em cima da bancada. Peguei o anel frio em meus dedos, era grande comparado ao meu. Eu amava Luke, com todo meu coração, mas ele não aceitava isso.

Como você casa com alguém e quer que essa pessoa não tenha sentimentos? Ele tem um coração de metal? Pois é impossível, ou você ama uma pessoa ou a odeia, não tem meio termo no casamento.

Deve ser por isso que tantos casamentos acabam em divórcios. Havia me casado no dia anterior e já estávamos brigando, quase pedindo arrego.

Sai do apartamento apressada, com medo das lágrimas e querendo ir trabalhar, para poder ocupar a mente. Isso foi possível, mas quando o último sinal bateu, sinalizando o encerramento do meu expediente, voltei a pensar nos meus problemas pessoais.

Passei pelo centro, na esperança de poder vê-lo, mas não estava trabalhando, segundo seu chefe, tinha saído para almoçar.

Talvez estivesse em casa, pensando nisso, fiz meu caminho para lá, mas parei de repente ao vê-lo do outro lado da rua, com uma mulher ruiva e acompanhado dela, havia uma criança, uma menina de uns dez anos com cabelos escuros.

Isso não podia ser o que estava pensando. Tudo piorou, quando Luke se abaixou e se despediu da menina, seguindo pela mãe. Uma adolescente saiu do restaurante e se juntou a eles, após todos se despedirem, a mulher e as crianças entraram no carro e foram embora.

Como eu era muito curiosa e queria resposta, estava indo atrás dele, que já estava andando até a moto. Como os carros não deixaram eu atravessar a rua, Luke conseguiu ir embora sem me dar uma explicação.

Fui nervosa para casa, brava com ele, suas mentiras e mistérios.

Ao chegar em casa, passei a tarde pensando no acontecido e limpando a casa. Quando estava perto dele chegar do trabalho, fui tomar banho e vestir uma roupa confortável.

(...)

Luke

Estava chegando no meu prédio, como de costume passei para ver minha sogra, Ângela. Ao entrar em seu apartamento, o cheiro de café fresco e bolo encheram minhas narinas.

— Já chegou, filho? — Sua mãe veio me cumprimentar, o seu marido, jazia na cadeira.

— Sim, sai um pouco mais cedo. — Aproximei-me do meu sogro e estendi a mão. — Boa noite.

Mesmo a contragosto, apertou minha mão.

— Boa noite.

Sentei no balcão, enquanto Ângela me servia um pedaço do bolo e uma xícara de café.

— Você e Maya já se entenderam?

— Hoje de manhã foi um completo caos, ela está brava e estou dando um tempo para ela. — quando disse que me amava, quase tive um ataque. Minhas palavras tinham sido claras, não se apaixone, os motivos pelos quais me casei com ela, era só pela herança do meu pai.

Não para mim, pois tinha meus bens congelados, mas para ela, Maya e seus filhos, sejam meus ou não, ganhariam uma parte do dinheiro deixado pelo meu pai.

Ela não podia receber meu nome, por isso, aderi o dela.

— Vocês mal casaram e já estão brigando, quero ver quanto tempo durará.

— Ficaremos casados até que a morte nos separe, pode ter certeza. — respondi o comentário hostil do meu querido sogro, que me considerava o filho mais velho dele.

— Eu vejo. — Terminei de comer o pedaço do bolo e beber meu café, que como sempre, estavam

deliciosos, como minha sogra não parava de falar, fui obrigado a me despedir e fugir de sua casa.

Subi as escadas até o meu andar, Melody estava saindo de casa.

— Oi, bonito.

— E aí Melody? Como anda esse bebê? — Não era eufemismo falar o quanto ela estava grande, inchada com seu bebê, que ela achava ser uma menina.

— Está bem, descobri hoje que é um menino, estou meio chateada. Já tinha imaginado meu mundo todo rosa, cheio de babados e laços.

— O importante é ter saúde. — Aproximei-me dela e acariciei sua barriga. — Já está de quantas semanas?

— Quinze semanas hoje. — O bebê não chutou minha mão, mas fiquei na esperança.

— Você parece bem, mas preciso ir, depois conversamos. — Despedi-me dela e entrei em casa, Maya tinha acabado de sair do banho, tinha uma toalha enrolada em seus cabelos e o rosto fechado.

Estava disposto a me reconciliar com minha esposa, mas precisava tomar um banho primeiro. Deixei meu celular e chaves no balcão e me aproximei dela, para dar-lhe um beijo, ela virou o rosto.

— Ainda está brava?

— Vá tomar seu banho, depois conversamos. — Ainda estava inclinada sobre ela, podia sentir seu creme de baunilha em seu corpo.

— Ainda temos o que conversar? Foi uma briga e nos casamos ontem.

— Como podemos ter nos casados, se você nem me ama e me impede de te amar? — Novamente esse problema, minha cabeça já estava doendo com tanta lorota.

— Certo, vou tomar banho e depois conversamos. — Precisava contar a verdade a ela, mas eu não queria. Maya ficaria chateada e arruinaria todo nosso tempo juntos.

Fui em direção ao banheiro, descartei minhas roupas antes de entrar, deixando no cesto para a próxima lavagem, que deveria ser logo.

— Amanhã estou de folga, podemos, depois do seu serviço, ir a lavanderia, tem bastante roupa.

— Pode deixar que eu vou fazer, sozinha. — Ela continuava hostil, desistindo de falar com ela, por agora, fui tomar meu banho.

Um tempo depois, limpo e vestindo uma cueca, apareci na sala, Maya me esperava, pronta para o

combate.

— Já está pronto para me esclarecer alguma coisa? — Sentei no outro sofá, apoiei os cotovelos nos joelhos e a esperei falar.

— Sim, estou pronto. — Entre tantas reuniões do meu passado, sobre armas, mortes e caos, nunca foram tão difíceis como esta, pois desta vez, alguém que considerava muito, poderia sair machucada.

— Eu o vi hoje, na sua hora de almoço, queria falar contigo e não o achei na oficina, seu chefe me informou que estava almoçando. Estava indo para casa, quando o achei na porta de um restaurante, com a tal ruiva, que nunca soube o nome e duas meninas. A pergunta é: A menina mais nova é sua filha? E por que está me escondendo as coisas?





## Capítulo 24

24

Respirei fundo, pronto para responder suas perguntas.

— Eu não estou escondendo nada de você. A Ruiva...

— Fala o maldito nome dela. — Maya jogou uma almofada em mim, brava com o apelido.

— A Jennifer, me ligou, depois de sete anos separados, me informou que estava afastada do presídio, o marido morreu, estava morando em uma cidade vizinha da do presídio. Eu não sabia que era essa cidade, a mesma que nós moramos, encontrei ela por acaso no restaurante.

— Vocês pareciam bem íntimos! — Não adiantava o que eu dissesse, ela já tinha uma ideia formada e estava querendo brigar.

— Eu nunca te dei motivo para ter tanto ciúme, Maya — rebati, estressado. — Eu estou tentando dizer a verdade, mas você não acredita.

— Você quer que acredite que a encontrou por acaso? Foi o destino?

— Você não deixou eu terminar. Encontrei ela lá, conversamos, me apresentou a sua filha mais velha, Julia e a menor, Julieta.

— E essa julieta não é sua filha?

— Não, ela tem cinco anos, não bate com a idade que estivemos juntos.

Ela ficou me analisando, podia ver em seus olhos o quanto estava triste e magoada, só queria me aproximar e beijá-la

— Amor, vamos parar com essa briga.

— Só quero saber mais uma coisa... — ela se levantou do sofá e se ajoelhou na minha frente,

entre minhas pernas. — Por que casar sem amor? — perguntou com olhos marejados, eu queria contar tudo, mas isso só a magoaria, deixaria que o tempo revelasse todas as coisas.

— Eu não me casei sem amor, mas confesso que meu maior motivo, foi pela herança do meu pai.

— Você fez por dinheiro?

— Não necessariamente, fiz para que você ganhasse uma parte da herança. Como minha esposa, terá direito a uma grande quantidade em dinheiro e seus filhos, sendo meus ou não, também.

— Eu não quero esse dinheiro.

— Eu sei, mas é necessário. — Peguei seu rosto entre minhas mãos e o puxei para cima, nossos lábios se tocaram e o desejo se acendeu.

— Eu odeio brigar com você, mal consigo dormir sem seu corpo ao meu lado. — Era o sentimento parecido, eu também ansiava por tê-la o mais perto possível.

— Eu já esclareci tudo que podia, não quero mais brigar, entenda que eu não me interesso por outra mulher. Você é única na minha vida. — Peguei pelos braços e a levantei comigo, enrolou suas pernas ao meu redor, para não cair e fomos para o quarto.

— A melhor parte da briga é sempre a reconciliação — sussurrou em meu ouvido.

Entrei no nosso quarto, a coloquei na cama. Tirei minha cueca, e ela descartou suas calças e blusa de pijama, tirou a toalha dos cabelos úmidos e loiros. Levantou-se e me puxou pelo pescoço até a cama, nossos corpos bateram contra o colchão, tudo tão perfeito e pacífico.

Minhas mãos tocaram cada parte do seu corpo macio, apreciando sua pele e a deixando ansiosa.

— Luke — sussurrou meu nome. Adorava o meu nome em seus lábios, ainda mais quando era acompanhado de gemidos.

— Quero fazê-la gritar meu nome esta noite. — Mordi sua orelha e descii os lábios, fazendo uma trilha de beijos, até os seios. Os agarrei e os apertei juntos, seus seios não eram muitos grandes, mas do meu agrado. Achava tudo nela perfeito, adorava seu corpo claro como leite, com algumas sardas. Seus cabelos e pelos loiros e agradáveis olhos azuis, tudo muito delicado e claro, diferente de mim, tudo escuro e bruto.

Mordi o bico do seu peito, então segui o caminho até sua boceta, passei minha língua por sua barriga reta e descii até seu monte, antes de chupá-la, mordi cada lado de suas coxas, fazendo-a tremer de excitação.

Suas mãos agarraram meus cabelos, empurraram em direção da sua boceta, o primeiro toque da minha língua em sua carne macia e quente, já a deixou em êxtase, umas das minhas mãos a segurava no lugar e a outra trilhou até sua pequena entrada. Eu adorava chupá-la, poderia



passar horas entre suas penas, mas Maya não aguentava tanto prazer assim.

Introduzi um dedo, passando pelos lábios grandes e escorregando para dentro, ela já estava lubrificada, isso sempre me ajudava. Acrescentei outro dedo e mais um, em sincronia com minha língua, comecei a masturbá-la rapidamente.

Minha Ratinha, se contorcia na cama, conforme seu prazer aumentava, para o meu deleite.

Eu achava que nunca encontraria alguém como ela, não me importava o fato de me esperar, mas se confiou em mim para este feito, fiz de tudo para não a decepcionar. Maya encheu minha vida de alegria nesses últimos meses, os melhores da minha vida.

Os sete anos que lutei para chegar até aqui, valeram a pena. Cada briga que tive que suportar na prisão, matando cada um dos assassinos enviados por Lúcifer, tudo para vê-la. Nunca me questioneei o porquê, só fiz o que achei certo, corria o perigo de vir conhecê-la e a encontrar casada e com filhos, amando outro homem, mas mesmo assim valeria a pena.

Cada parte dela me dava incentivo para continuar e suas cartas foram relidas todos os dias, pois tudo que fiz por ela, a beneficiará.

— Oh, meu Deus, Luke — gritou Maya, ao chegar no êxtase. Suas costas se arquearam, seus dedos se contorceram e sua boca se abriu, tudo isso pelo o prazer de um orgasmo bem dado.

Voltei para cima dela, beijei sua boca, ela ainda podia sentir o gosto da sua vagina na minha boca. Agora, totalmente lubrificada com seu orgasmo, entrei facilmente em sua boceta. Agarrei sua cintura estreita, para poder segurá-la, enquanto movia meu corpo.

Colocou suas pernas em meus ombros, facilitando a entrada do meu pau. Os movimentos eram curtos e rápidos, ela segurava em meus braços, gemendo o mais alto que podia. Enquanto me movimentava, a observei, seus cabelos balançavam como seus seios, com meus movimentos, tinha um sorriso satisfeito no rosto e seus olhos estavam fechados.

Essa era uma cena que queria gravar para sempre, dar esse prazer todos os dias. O mesmo êxtase em que ela tinha no sexo, eu tinha diariamente, pois adorava passar meu tempo com ela, observá-la lavar a louça, enquanto eu secava.

Amar cada parte dela.

Eu a fiz prometer que não me amaria, mas quebrei minha própria promessa. Nunca imaginei que poderia sentir esse amor. Eu estava ferrado, há uma chance de tudo acabar tão rápido como começou.

Independentemente das consequências, ela valia a pena. Isso me deixava satisfeito, pois em todo meu mundo, Maya era a única coisa que me importava.

Tirei suas pernas do meu ombro, e cobri seu corpo com o meu. Batendo forte, agarrei seus cabelos

e a beijei.

Ela era o néctar mais gostoso e belo da minha vida, não queria nunca me afastar dela, a moça que fazia meu coração despertar com apenas um sorriso. Colocava-me de joelhos, apenas com uma lágrima e me fazia o homem mais feliz do mundo, com poucos gestos.

Senti um gosto salgado em seus lábios, percebi que estava chorando.

— Me desculpa — murmurei contra seus lábios.

— Por quê?

— Só me desculpa. — Dei alguns beijos e depois me afastei. — Você é perfeita.

O meu coração transbordou de amor, me separar dela seria a coisa mais difícil que eu teria que fazer.

Desci minha mão até sua bunda, agarrei e retomei as estocadas brucas, logo ela estava gozando e eu também.

Cai ao seu lado, ambos ofegantes.

— Nossa, deveríamos brigar mais vezes — revelo.

— Você me deixa sempre com as pernas bambas.

Eu sei, era um bom sexo. Puxei seu corpo contra o meu, mas tínhamos que desligar a luz, mas Maya não conseguiria levantar.

Afastei-me do seu corpo e fui desligar a luz, quando voltei para a minha cama, minha mulher.

(...)

Maya

Diferente da manhã anterior, eu acordei desta vez acompanhada do meu amor, o homem que me deixava louca e apaixonada ao mesmo tempo.

Eu tinha que trabalhar, mas liguei na escola e informei que não poderia ir hoje. Já passava das 8 horas da manhã, quando fui para a cozinha, queria fazer um café da manhã para o meu marido, o homem com quem havia me casado e que só a morte me separaria dele.

Estava fritando ovos e bacon, quando Luke acordou, já tinha uma jarra de suco de laranja.

— Bom dia, amor. — Agarrou-me por trás e beijou o topo da minha cabeça.

— Bom dia, pode se sentar na bancada, já está quase pronto. — Ele se afastou e fez o que pedi,

alguns minutos depois, coloquei em sua frente um belo prato com ovos e bacon. Enchi um copo de suco e coloquei o açucareiro para ele adoçar seu suco.

Como não era muito fã de café da manhã gorduroso, peguei uma fruta na fruteira e a comi, encostada na beira da pia, o observando.

— Está gostoso? — Luke estava com a boca cheia, mal conseguia falar, mas balançou a cabeça.

— Está uma delícia — respondeu, após mastigar.

Após comer, Luke me ajudou a limpar a cozinha, já era dez da manhã, quando saímos para ir a lavanderia. Ele carregava um grande cesto cheio de roupas sujas, eu o acompanhava. A lavanderia era na mesma rua que o prédio, então chegamos rápido.

Ele me ajudou a separar as roupas, coloridas, pretas e brancas, colocando em cestos diversos. Fui buscar as fichas para ligar a máquina de lavar roupa, enquanto ele colocava as roupas nas máquinas.

Voltei com fichas suficiente para a lavagem e secagens das roupas, enquanto as roupas batiam, sentamos nas poltronas para esperar.

— Legal essa vida doméstica — comenta, Luke.

— Como assim legal?

— Você casa, cozinha sua comida e depois limpa a cozinha. Lava sua própria roupa e as dobra. Acho legal.

— Você nunca fez isso?

— Não, eu tinha pessoas para fazer isso por mim. — Imaginei que Luke já fora rico, agora estava se acostumando viver com dinheiro limpo e com muito suor.

— Eu não me importaria de ter alguém para fazer essas coisas para mim.

— Que preguiçosa. — Ele me puxou, para seu colo, haviam algumas pessoas, mas não me importei.

Quando as máquinas avisaram que nossas roupas estavam prontas, mudamos para a máquina de secar. Vinte minutos depois, estávamos dobrando as roupas, limpas e secas.

Ao sair da lavanderia, encontramos Lauren passeando com Lara. A pequena de dois meses, ficou agitada ao nos ver.

— Olá casal. — Lara veio ao meu colo, enquanto sua mãe nos cumprimentava.

— Oi Lauren.

— Já estão fazendo essa coisa de casal?

— Lavando, cozinhando e limpando a casa juntos — respondeu, meu marido.

— Isso agora, quero ver daqui alguns anos, com filhos.

— Vai sobrar para Luke, pois acabou de me confessar que gosta de fazer tarefas domésticas.

— Só você mesmo, Luke. — Conversamos por um tempo, então Lauren planejou ir em casa no jantar, pois Luke faria a janta.

Seguimos para nossa casa, agarrei um dos seus braços e o segui, feliz e “cantarolante”.



## Capítulo 25

25

---

Maya

Podia sentir a respiração quente contra meu pescoço, enviando um arrepio por todo meu corpo. A sensação de estar em seus braços é de completa segurança e isso me deixava feliz. Estar com ele era sinônimo de felicidade.

Tínhamos almoçado, limpado a cozinha novamente e agora descasávamos na cama. Passava a reprise de um filme na televisão, Luke estava dormindo e eu curtindo seu corpo contra o meu.

Meio louco os sentimentos em relação a ele, me contou sobre o casamento e até mesmo disse que tinha sentimentos por mim. Bom, disse que não casou sem sentimentos, ou ele estava começando a me amar, ou estava falando de outro casamento.

Mas a segunda teoria era furada, se ele fosse divorciado, em nosso casamento, precisaria mostrar a certidão de divórcio e como isso não aconteceu, significa que sou a única esposa, por enquanto.

Eu mal podia acreditar que estava casada, ainda mais com um homem bonito feito Luke. Seu rosto era lindo, com linhas suaves, lábios cheios, olhos verdes rodeados com lindas pestanas. Virei-me de frente para ele, sua respiração estava calma e contínua, deslizei minha mão em seu peito, para sentir seu coração bater contra minha mão.

Eu nunca mais queria me sentir sozinha, imaginei que agora que tinha ele ao meu lado e estávamos casados, poderíamos viver uma vida feliz e amorosa pelo resto de nossas vidas.

Tentei não pensar na minha menstruação atrasada, eu revelei a ele ontem, que ainda não tinha descido para mim, nem ao menos voltou a me questionar sobre isso. Pergunto-me se ele realmente ficaria feliz?

Quando começamos a transar, ele era ciente que eu não tomava nenhum remédio contraceptivo, suas palavras foram:

"Se você ficar grávida, nos criaremos"

Estava tentando não demonstrar minha ansiedade em saber se estava grávida ou não. Eu ficaria muito feliz, adoraria ter um filho dele.

Imagino que seria um menino com lindos olhos verdes e cabelos escuros. Talvez puxe a sua dinastia russa e venha com cabelos ruivos...

Eu estava sonhando alto demais, era somente uma menstruação atrasada. Poderia ser um bebê ou só o estresse da briga.

Luke acordou e me encontrou o encarando. Piscou algumas vezes, então voltou a fechar os olhos.

— Oi, amor. — Puxou-me contra seu corpo, para que ficássemos mais próximos e nos aquecêssemos.

— Oi. — Beijou minha cabeça, de forma gentil. — O que está passando nesta linda cabecinha?

— Eu estou ansiosa.

— Por quê? — Segurei sua mão apertando, a outra continuava em seu peito.

— Eu já lhe disse que minha menstruação está atrasada. — Seu coração disparou.

— Você disse.

— E você não comentou nada. — Rebatí, começando a ficar preocupada. — O que foi? Você não quer?

— Ah, querida, claro que quero. Na verdade, se vir, ficarei muito feliz e se não vir, então não é a hora certa para você ter um bebê. — Apertei sua mão forte e suspirei.

— Por que te amo tanto?

— Eu realmente não sei. — Suas palavras eram sinceras, havia mais naquele homem e eu nunca seria capaz de descobrir tudo.

— Você nunca me contou do seu passado.

— Não há muito o que falar, minha vida passada era um lixo. — Eu estava disposta a escutar, conhecê-lo um pouco mais.

— Fala algo.

— Bom... — ele ficou um tempo pensando, provavelmente tentando achar uma parte da sua história de vida que não me surpreendesse. — Minha mãe me abandonou quando eu tinha uns cinco anos, tenho uma irmã que perdi o contato e meu pai foi assassinado.

— Oh...

— Não quero que fique com pena. — Engoli minhas palavras de consolo, ele já era um homem grande e já estava anestesiado com os baques da vida.

— Não estou com pena, só quero saber mais sobre meu marido.

— Eu só não quero assustá-la, não tenho um passado bonito, fiz coisas que não me orgulho. O mesmo Luke que está aqui, deitado nesta cama, não é o mesmo de sete anos atrás. Na verdade, não é o mesmo de cinco meses atrás.

— Eu realmente não ligo para seu passado, ninguém é perfeito e não exigi isso de você, só quero saber um pouco sobre você. As poucas coisas que sei, são básicas, seu nome, seu país de origem e agora, sobre sua família. — Ele sentou na cama, a coberta escorregou pelo seu corpo, o mostrando nu, erubesci diante de tal visão.

— Eu venho de uma linhagem de homens, todos os meus antecessores foram o chefe da máfia russa, meu pai, Valdir, foi assassinado pelo meu tio, Lúcifer. Em minha vingança, matei ele e sua ex-esposa, só porque o seu filho, matou a minha mãe, após ser estuprada diversas vezes por todos seus homens. — Ele fez uma pausa, querendo saber se eu estava disposta a ouvir todo o resto.

— Então...

— Me tornei “O chefe”, fiquei no trono por um tempo, até me envolver com a Federal, caso você não saiba, eu era meio mulherengo, qualquer rabo de saia me desconcentrava. Ela entrou na minha vida, na minha casa e me traiu. Acabei sendo condenado pela morte deles, pois a única coisa que encontrou, foi um vídeo feito por mim, matando-os.

— Uau. — Eu estava impressionada, nunca tinha pensado que Luke tivesse um passado tão sujo, cheio de sangue derramado e lágrimas também.

— Eu lhe avisei, nunca fui um bom homem. Sempre teve um motivo para me chamar de Senhor Perigoso.

— Agora eu percebo o porquê me fala para me afastar de você. Eu tentei, eu juro. Tentei parar de responder suas cartas. Sonhar com você. Recusar suas ligações, mas não consegui. Por algum motivo, você estava preso em mim. Eu não conseguia deixá-lo longe de mim, por isso, quando Mike falou que me amava, queria continuar comigo, eu só tinha que parar de falar com você, recusei.

— Você está enfeitiçada. — aproximei-me dele, meus lábios a centímetros dos deles.

— Sempre estive, desde da sua primeira carta. Você é uma maldita droga, vicia e é impossível de abandonar. — Quando sua boca tomou a minha, meu corpo reagiu, enviando um arrepio. Suas mãos em minha pele, me deixavam elétrica.

— Terceira vez, só hoje. Conseguirá andar amanhã? — sussurrou, questionando minha vulnerabilidade.

— Se eu não conseguir andar direito amanhã, então ficarei com você no meu pensamento o dia inteiro.

—Pensei que já fazia isso.

— Eu faço, mas normalmente pensando em você e não é nada relacionado em suas capacidades sexuais.

— Então vamos mudar isso. — Voltou a me beijar, suas mãos afastaram as cobertas e nossos corpos se chocaram, pele a pele.

(...)

Luke

Estava na beira do fogão, Lauren chegaria logo, com seu marido Clarke, nossa afilhada, Lara. A família viria jantar e eu era o cozinheiro, minha esposa saiu do quarto, vestindo um lindo vestido rosa, com saltos pretos.

Passei tanto tempo a admirando, que até queimei o dedo.

— Merda. — baixe o fogo, e chacoalhei a mão. Maya veio ao meu socorro, agarrou minha mão e levou o dedo queimado na boca. Sua língua, lambeu a área queimada, que acalmou um pouco.

— Estava olhando demais para mim.

— Sim, quase perdi um dedo só para poder observá-la.

— Não seja dramático, só uma queimadinha. — Conforme ela chupava meu dedo, fui pensando em outras coisas, coisas sujas que fizemos nas últimas 24 horas.

— Melhor parar, já estou de pau duro! — Puxei seu dedo da minha boca, Maya como uma garota curiosa e um pouco má, agarrou meu pênis na calça, conferindo sua dureza.

— Estou vendo. — Mordeu os lábios e enrubesceu.

— Melhor você parar com isso, sua tarada. — Puxei sua mão e a empurrei. — Vai embora. — Ela se virou, aproveitei para dar-lhe um tapa na bunda.

— Como o senhor mandar.

— Só por que virá gente jantar aqui, você faz toda essa produção?

— É, temos convidados, você é o único que dá um jantar vestindo shorts, regata e havaianas.



— Por mim, estaria como vim ao mundo, pelado. — Ela me olhou por um tempo, completamente vermelha. — Você está pensando em mim nu?

— Não, estou pensando em você somente de avental, com a bunda aparecendo, cozinhando para mim, empregado. — Joguei minha cabeça para trás e gargalhei.

— Só em seus sonhos mesmo. — Voltei a cozinhar o macarrão, terminar a molho e a mistura.

A campainha tocou, anunciando a chegada dos convidados. Para o meu maior deleite, Mike veio junto, acompanhado da sua formosa noiva, com quem eu já havia tido um romance. A modelo famosa, foi uma das minhas namoradas, ficamos juntos por longos sete dias.

Tentei fazer de conta que não a conhecia.

— Essa é minha noiva, Claire.

— Prazer, Luke e essa minha esposa, Maya. — Cumprimentei todos.

— Oi Luke, não lembra de mim? — Ela podia continuar com meu jogo, mas ela fez questão de mostrar que nos conhecíamos.

— Ah, lembro sim, Clare.

— Vocês se conhecem de onde? — Maya estava pendurada no meu braço, toda feliz e contente. Também, depois dos “tratos” que dei nela, tinha que estar nas nuvens.

— Eu e Luke namoramos por algum tempo.

— Não foi um namoro.

— Foi Sim... Ficamos juntos por sete dias. — Maya já tinha fechado a cara, e Mike principalmente. No final, comi sua noiva, e tirei a virgindade da sua ex-namorada da escola.

— Bom, ficamos um tempo juntos. — Ficamos um tempo conversando, o jantar saiu e o clima tenso não saiu do ar. Minha esposa, já tinha voltado ao normal, mas Mike, me fuzilava com os olhos.

As mulheres ficaram na cozinha, limpando-a, quanto nós, homens, na sala. Já que eu havia feito o jantar, deixaria a louça para elas. Sentado no sofá, assistindo um jogo e tomando minha cerveja, não era muito amigo deles, principalmente de Mike, então fiquei na minha.

Na hora de irem embora, nos despedimos de todos e finalmente fomos para a cama.

Maya se jogou na cama, vestindo uma camiseta velha minha.

— Então, você namorou a noiva do Mike?

— Não foi um namoro, estava viajando e ela ficou no meu quarto por sete dias.

— Ela foi sua prostituta por sete dias? — Ela não parecia com ciúmes, só interessada na história.

— Então, ela ficou comigo só pelos presentes. Meia prostituta mesmo, mas todas essas modelos, fazem isso. — Desliguei a luz e me deitei ao seu lado.

— Interessante essas histórias...

— São só histórias do passado, vamos nos concentrar no presente. — puxei ela contra meu corpo e me acomodei.



## Capítulo 26

26

O sol quente estava me fazendo transpirar mais que o normal, na minha caminhada de volta para casa, após meu expediente. Passei no mercado para pegar algumas coisas que faltava, para nosso jantar. Luke chegaria mais cedo do trabalho e eu cozinharía desta vez.

Ao entrar no prédio, dou de cara com meus pais, ambos estavam vestindo roupas florais e com malas na mão.

— Não me digam que vão para o Havaí!

— Como você descobriu? — perguntou mamãe, surpresa pela minha descoberta, como se fosse muito difícil adivinhar.

— Talvez seja por que as pessoas só se vistam com roupas florais, malas na mão e sorriso contente, quando vão para o Havaí.

— Certo, você acertou, querida. Eu e sua mãe estamos fazendo trinta anos de casados e devemos comemorar isso. — Meu pai, que raramente demonstrava afeto, pegou minha mãe pelo braço e a puxou, assim poderia beijá-la.

— Eu não preciso ver isso — declarei, ao fechar meus olhos.

— Você ainda é jovem, vai ver quando a idade bater na bunda.

— Papai, se eu conseguir segurar Luke pelo menos no primeiro ano, já estará de bom tamanho. — Muitos casais se separam no primeiro ano de casamento, não queria que essa regra se aplicasse em meu relacionamento com Luke.

— Querida, no dia do casamento ele veio dormir em nossa casa, será um longo tempo esse um ano.

— Papai.

— E sua mãe, deixará uma chave com ele, só no caso de vocês brigarem de novo e quiser dormir em outro lugar.

— Papai e mamãe, podem ficar com a chave, Luke só sairá daquele apartamento arrastado ou por cima do meu cadáver. — Caímos na gargalhada.

— Bom, quero que vocês sejam muito felizes. — Minha mãe veio me abraçar, em seguida o papai.

— Acho que vocês precisam pegar um voo?

— Sim... — mamãe toda avoada, me abraçou novamente e me fez ir até a calçada com eles, minhas mãos estavam cheias de sacolas, estava andando até torta.

— Tchau. — Acenava para eles, com os olhos marejadas. Quando o táxi sumiu na rua, voltei para dentro. Cheguei no meu apartamento e coloquei tudo na bancada. Meu celular tocou, no visor apareceu o nome de Luke, atendi na hora, aos prantos.

— Oi.

— Ei, por que você está chorando? — Ele tinha um tom preocupado.

— Porque mamãe e papai foram viajar.

— E continuo perguntando o porquê. Isso me deixou preocupado, pensei que fosse algo mais grave.

— Isso é algo mais grave, eles foram viajar e já estou com saudades.

— São apenas cinco dias, logo eles voltarão. — Luke tinha razão, não havia necessidade de chorar assim, mas eu não conseguia parar.

— Eu não consigo parar de chorar. — Então, Luke estava rindo de mim, isso só piorou minha situação. — Você é um desalmado, não tem sentimentos pelo próximo.

Encerrei a chamada, sem esperar uma resposta. Joguei meu celular no sofá e com as mãos limpei as lágrimas.

Terminei de arrumar as compras nos armários após minha crise de choro. Quando Luke chegou do trabalho, eu tinha desistido de fazer o jantar, estava sentada no sofá, assistindo a uma série. Como sempre, se aproximou para me beijar.

— Ainda está chorando pela saída dos seus pais?

— Não. — Cumprimentou-me com dois beijos nos lábios e um na testa.

— Fez a janta?

— Não. — Respondi desanimada.

— Por que está assim, desanimada? — Torci os lábios e então, o puxei para sentar do meu lado.

— Não sei... Senta aqui comigo.

— Amor, estou todo sujo. — Coloquei minhas pernas em cima das suas coxas, o prendendo no sofá.

— Eu não ligo para isso. — Coloquei minha cabeça em seu ombro e apertei sua mão na minha.

— Estou vendo você muito carente...

— Ah, é que estou com um mal pressentimento. Sabe quando dá aquele aperto no coração? — Ele ficou um tempo me observando. Então me agarrou e nos levantou... — Onde você está me levando? — Coloquei meus braços ao redor do seu pescoço para me segurar.

— Você está muito melosa, precisa de um banho frio. — Dei um grito em protesto, tentei descer do seu colo, mas foi inútil.

— Amor, por favor... — Luke não escutou minhas súplicas, me levou ao banheiro e abriu o chuveiro. Como era meu companheiro, entrou comigo no chuveiro gelado, o primeiro impacto da água gelada me arrancou um grito agudo.

Eu já tinha tomado banho, meu cabelo havia sido lavado e secado, estava usando meu pijama favorito de ficar em casa, pois as roupas para dormir eram as de Luke.

— Eu te odeio.

— Não, você me ama. — Ele me colocou no chão, tentei sair do banheiro, mas fui impedida. — Não, agora que você está aqui, vai tomar banho comigo.

Não me deu tempo para discutir, puxou minhas calças largas para baixo, me deixando nua da cintura para baixo.

— Luke... — levantou meus braços e subiu minha blusa, quando estava nua. Ele colocou o chuveiro no quente e me abraçou.

— Desculpa, mas não consigo aturar você melosa, prefiro mais selvagem, alegre. — Passei a mão pelo seu peitoral, o sabão fazia minha mão escorregar.

— Eu ainda estou meio triste, não sei o porquê. — Após nosso banho, Luke pediu uma pizza.

(...)

— Eu ia fazer jantar, mas bateu um desânimo. Acho que foi por causa da viagem da mamãe.

— Pelo amor de Deus, Maya. Sua mãe precisa de um tempo com seu pai, você fica em cima deles.

— Eu? Evito ir na casa dos meus pais, mas ao que parece, você todo dia visita minha mãe.

— Claro, sempre me recebe com café e bolo fresco. — Estávamos na mesa, comendo nossa pizza de pepperoni, com abacaxi em cima. Estava com muito desejo de comer, Luke tinha odiado minha combinação.

— Pois é... Minha mãe deixou a chave com você.

— Estou responsável por molhar suas plantas e dormir lá, caso você me expulse. — Levantei para recolher os pratos e lavá-los.

— Já disse para eles, você só sai desta casa arrastado, preso ou morto. — Ele me puxou para seu colo, segurei firme as bordas do prato, para não cair.

— Relaxa, não vou embora, a não ser quando os Federais vierem me buscar... — arregalei os olhos.

— Você está de... — Não pude terminar de falar a campainha tocou, me levantei do seu corpo e fui abrir a porta, quando estava aberta, me vi diante de cinco agentes federais.

Os pratos deslizaram dos meus dedos, quebraram nos meus pés.

— Agente Federal, Alicia Leroy. — O seu distintivo reluzente, seu uniforme impecável e um lindo sorriso, me disseram que essa era a mulher que consegui abaixar a guarda dele e prendê-lo. — Luke Petkovic.

Ele veio ao meu lado, como eu estava paralisada, me colocou de lado e tomou a frente.

— O que você quer, Alicia?

— O que quero? Quero você em muitos lugares, mas principalmente na prisão. — Ela retirou a algema e balançou para ele.

Eu queria reagir, mas eu não sabia o que estava acontecendo.

— Não vou a lugar nenhum, nosso trato eram sete meses, ainda falta dois.

— Isso até pode ser verdade, porém tratos servem para serem quebrados. — Ela forçou uma entrada, pulou os cacos do prato quebrado.

— Vamos conversar isso na delegacia, com meu advogado. Fizemos um trato.

— Como você quiser, agora queira me acompanhar, ou pedirei a esses galantes senhores que o leve algemado.

— Preciso de cinco minutos com ela. — Então, foi a primeira vez que me encarou, me olhando de cima a baixo. Eu usava somente uma blusa dele, que chegava no meu joelho, meu cabelo estava

uma bagunça.

— Luke, o que está acontecendo? — Tive a coragem de perguntar, mas como eu estava tremendo e não sabia como reagir, minha voz saiu falha.

— Vamos no quarto, vou me trocar e nos falamos. — ele praticamente me arrastou, de repente, meus piores pesadelos estavam se realizando, Luke voltando para a prisão e o meu coração despedaçado.

O clique da porta me tirou do transe, quando ele se virou para mim, eu já estava em prantos.

— Eu sabia. Disse a ele que tinha um mal pressentimento e você deu risada da minha cara e agora estamos aqui, você indo embora e eu ficando. — Eu tinha uma voz desesperada, ele tentou me abraçar, mas me afastei dele, não querendo mais ser consolada. — Preciso de respostas.

— Eu lhe disse que fiz um acordo.

— Sim, para você conseguir sair mais cedo.

— Mas eu tenho que voltar, o trato era; delatava meu primo, ficava sete meses fora e voltava para a prisão, tenho que cumprir a minha pena. — Afastei-me dele, andava para um lado e para o outro.

— Ah, meu Deus. Você me enganou — gritei para ele.

— Eu só tinha que te conhecer, os sete meses valeriam a pena.

— Como assim? O seu grande plano era me deixar aqui? Casar e quebrar meu coração? Você só pode estar louco. — Luke tentou novamente me agarrar, mas me liberei de suas garras.

— Amor... Por favor...

— Não me toque. Você só me enganou...

— Para um pouco, me ouça por um momento. — ele me segurou pelos ombros, me fazendo encarar. — Para mim, valeu a pena ter você por esse tempo, você pode me odiar, mas eu quero que saiba que meu plano nunca foi me apaixonar e fazer você se apaixonar por mim. Desculpa, eu te amo. — Ele me beijou, e me pareceu que seria nosso último beijo.

— Luke...

— A pior parte não é voltar a prisão e a minha condenação.

— Como assim? Qual foi sua pena? — Luke baixou o olhar, segurei seu rosto, querendo ver a verdade em seus olhos.

— São sessenta e cinco anos condenado e pena de morte.

— Pena de quê?

— Pena de morte, mas como fiz o trato, são só alguns meses e pena de morte. — afastei-me dele, não suportando olhá-lo.

— Ah, meu Deus.

— Maya, ouça-me.

— Não tenho nada para ouvir, você mentiu para mim, me enganou e agora me diz que vai morrer? — Não esperei uma resposta, fui até o guarda-roupa e joguei as roupas dele nele.

— May...

— Sai da minha casa — gritei para ele. Aproveitei a oportunidade e peguei uma roupa para me vestir.

— Caralho, May, me escuta.

— Vá se foder, sai da minha casa. Você só me enganou, disse que me ama? Como assim? Como ser um grande filho da puta? — Joguei um sapato em sua direção. — Entrou na minha vida, na minha casa, fez amizade com minha família. Você imagina o que minha mãe falará?

— Desculpa.

— Não quero suas desculpas, quero você fora da minha vida. — Sai do quarto, os federais estavam esperando ele na sala. Corri para casa da Melody, assim que abriu a porta, entrei chorando e bati a porta com força, escorreguei contra ela e fiquei lá, chorando.

— O que aconteceu?

— Luke vai voltar para a prisão. — Foram minhas últimas palavras, meu coração estava doendo. Quando ouvi os passos das pessoas levando o amor da minha vida embora, eu quebrei de vez.





# Capítulo 27

27

Algum tempo depois...

Eu estava visitando Luke no presídio, depois de toda minha rejeição, a saudade bateu tão forte que precisei vê-lo, não queria desistir dele, acreditava que podíamos mudar isso.

— Eu não quero que fique com raiva de mim, eu te amo e me proporcionou os melhores meses da minha vida.

— Você foi egoísta, me apresentou o melhor da vida, ser amada, apreciada pelo homem que tanto desejo e depois vai embora. Por que não me disse da pena de morte? Por que não me explicou tudo no início?

— Eu sempre te disse que não era uma boa pessoa.

— Sim, mas você mostrou ser outra pessoa, alguém carinhoso e amoroso. Se fosse possível te esquecer, eu sofri quando você se afastou há sete anos, mas agora? Eu nunca vou ser a mesma pessoa, não sem você comigo. — Eu já não conseguia segurar as lágrimas, eu chorava tanto e não conseguia mais falar, pelos soluços.

— Maya.

— Fica comigo... — murmurei.

— Eu não posso. — Ele estava recusando. — Tudo tem um começo e um fim, então eu te deixo partir, para que possa ser feliz com outra pessoa, que possa proporcionar a vida que você merece.

— Eu não quero outra pessoa, quando fecho meus olhos eu só penso em nós, nossas lembranças.

— Olha para mim. — Eu não queria encará-lo.

— Não posso. — Aperto meus olhos, recusando seu pedido.

— Por favor, nunca quis magoá-la. Quando pedi para que não se apaixonasse por mim, não imaginava que fosse me contradizer. Em todos os anos, nunca me apaixonei, mas decidi fazer um acordo.

— Belo acordo. Sete meses livres, Oito meses no corredor na morte?

— Infelizmente, quando eu matei meu tio em um restaurante lotado, eu nunca pensei nas consequências, eu não tinha outra pessoa para destruir a vida. — Eu não aguentava mais ficar aqui, não podia mais vê-lo do outro lado da mesa.

— Eu preferia que nunca tivesse voltado, nunca tivesse conhecido. — Solto minha mão da sua e me afasto.

— Não fala assim, Maya. Nós fizemos um filho, o resultado do nosso amor. — Lembro de algumas semanas atrás, quando eu estava feliz com a possibilidade de estar grávida dele e quando contei a ele.

— Eu não estou grávida, fiquei menstruada no dia em que você foi levado. — Ele parecia chateado pela revelação.

— Que merda — suspirou. — Mas preciso te dizer, não quero que venha mais me visitar.

— Você ainda vai ficar aqui por mais um tempo, por favor, não me deixe.

— Eu nunca a tive para deixá-la ir. Eu quero guardar cada memória e lembrança que tivemos, mas não quero você aqui.

—Eu não quero ficar sem ver você.

—Maya, você já não me tem, vou tirar seu nome da lista. — Estava ficando brava com ele, eu só queria nossa vida de volta. — Por favor, me entenda.

—Posso mandar cartas? Pelo menos para não perder o contato totalmente.

— Sim, pode me mandar cartas, quantas quiser. Me mantenha informado sobre o bebê de Melody, sobre como vai os meus antigos alunos e sobre você. — O horário de visita já estava para acabar, eu não o veria durante muito tempo e a última vez seria perto da sua execução.

—Não há nada que eu posso fazer para fazê-lo mudar de ideia?

— Não, você pode achar que sou a melhor coisa que aconteceu com você e que me ama, mas você precisa de algo melhor e quero que tente encontrar alguém que realmente a mereça.

— Eu não quero outra pessoa. — Ele continuava a insistir nisso, mas eu não queria outra pessoa, só ele me completava.

— Maya, por favor, tente. Seu amor me iluminou, não há mais escuridão, preciso cumprir minha pena e achar minha redenção. Eu já conversei com os federais, a data já foi marcada, daqui nove meses. Consegui também uma visita íntima antes de ser transferido para área de vigília. Você não precisa vir se não quiser.

— Eu não sei se vou vir. — Eu sabia que estava mentindo, eu o amava e queria ter minha última vez com ele, a última lembrança.

— Eu te amo. Precisamos nós despedir, já está acabando o horário de visita.

— Eu vou sentir saudades.

— Eu também. — Confessou com lágrimas nos olhos.

— Você não pode acreditar, mas nunca vou esquecê-lo e prometo te manter vivo nas minhas lembranças. — Levantei-me, precisava me despedir. Ele fez a mesma coisa, antes de virar as costas e partir, deslizei uma foto nossa, no dia do nosso casamento. — Eu quis te odiar por me fazer te amar, mas quero agradecer, foram os melhores meses da minha vida.

Não esperei uma resposta, só caminhei para longe, parecia um adeus, era um adeus. Eu não aguentava mais todo esse turbilhão de emoção, precisava me distanciar dele e de toda essa loucura.

Quando estava procurando um táxi, fui surpreendida por Mike. Estava encostado no carro, me olhando fixamente. Andei até ele receosa, não querendo ouvir mais nada de como ele me avisou.

— Pronta para ir?

— Sim. — ele não falou mais nada, apenas abriu a porta para que pudesse entrar. Estava um caco emocional, não queria mais chorar. Tudo que eu queria era parar de pensar nele, mas quando fecho meus olhos, só consigo pensar nele, em cada toque, beijos e palavras que trocamos.

— Vai voltar mais vezes?

— Não. — Minhas respostas eram curtas e breves.

— Você está bem?

— Não.

Eu continuei ruim durante as próximas semanas, eu fiquei de licença e me trancafiei em meu quarto. Luke nunca mais respondeu minhas cartas, não podia visitá-lo e a saudades eram imensas. Eu mal conseguia dormir e comer, precisava de remédios, pois os poucos que minha mãe me deu, já haviam acabado.

Nesta manhã, eu tinha um propósito para sair de casa, peguei uma blusa de frio dele, amarrei meu

cabelo e sai. Quando cheguei na calçada dei de cara com Mike, ultimamente ele estava tentando ser um bom amigo, vinha me visitar de vez em quando.

— Está fugindo?

— Não. — Tentei me recompor.

— Você continua uma merda.

— Obrigada, pela parte que me toca. — Tentei passar por ele, mas não deixou.

— Onde quer ir? Vou te levar.

— Não precisa.

— Eu insisto.

— Mike, você tem uma noiva, deveria cuidar dela e não de mim. — ficou em silêncio por um tempo, então rebateu:

— Eu não tenho mais noiva, terminamos nesta manhã, quando eu disse que viria visitá-la.

— Você não deveria ter feito isso. — eu sabia que ele ainda sentia alguma coisa por mim.

— Eu não fiz isso, ela fez. Infelizmente eu não consigo te esquecer, nunca te esqueci.

— O que adianta você falar isso agora, para mim? Quer que eu diga a mesma coisa? Não posso, eu o amo. — meu coração se aperta com a menção de Luke.

— Eu sei, não quero substituí-lo, só quero ser seu amigo. — ele se aproximou, então, dei alguns passos para trás.

— Eu acho que nunca estarei pronta para amar novamente.

— Posso esperar.

— Tanto faz, não diga que não te avisei, estou quebrada e nunca poderia melhorar. — balançou a cabeça e respondeu:

— Você vale tudo isso e muito mais.

— Ok, já que está aqui, me leve ao hospital.

— Está tudo bem?

— Sim, só preciso de remédio para dormir. — ele me acompanhou até o hospital, ficou esperando comigo até que fui chamada no consultório.

— Maya Johnson? — perguntou a médica.

— Sim. — sentei-me na frente da sua mesa.

— Insônia, falta de apetite? Esse são seus sintomas?

— Sim, não consigo dormir, só preciso de remédio para me ajudar.

— A senhora usa drogas?

— Não uso drogas, não bebo bebida alcoólica, sou uma simples professora que tem insônia. — ela se levantou e aproximou de mim.

— Você parece desidratada, vou prescrever remédios para sua insônia, porém também aconselharei a visitar um psicólogo. — disse após fazer milhares de pergunta e me analisar.

— Eu literalmente não tenho mais lágrimas para chorar.

— Sim, olhos fundos, pele seca. Vai também tomar soro e então estará liberada para casa. — fui encaminhada pela enfermeira até uma sala, onde fiquei por umas duas horas, com soro.

Quando passei pela recepção, avistei Mike, estava sentado, me esperando.

— O que está fazendo aqui? — sentei-me ao seu lado, tinha um copo de água, fornecido por uma enfermeira, para que pudesse tomar meu remédio, assim quando chegasse em casa, já estaria fazendo efeito.

— Te esperando, você precisa voltar para casa.

— Acho que preciso comprar um carro, assim você não precisa mais ser meu motorista particular.

— Eu não me importo, mas seria melhor que você tivesse um carro, para poder se locomover. — tínhamos uma moto, mas eu nunca conseguiria montar.

— Sim, vou comprar. — coloquei o remédio na língua e depois, bebi água.

— Vamos?

— Sim.

Eu o acompanhei até a saída, quando estava saindo, bateu uma náusea, respirei fundo e continuei a andar.

— Está com fome? — neguei com a cabeça, comecei a me sentir tonta. Mike começou a rodar e minha visão ficou turva.

Eu ouvi ele me chamando, mas não respondi. Senti sua mão ao redor da minha cintura, depois ele

me pegou no colo.

Acordei um tempo depois, com Mike sentado ao meu lado e meus pais na porta, conversando com a médica, que me atendeu mais cedo.

— Mãe?

— Querida, acordou? — Mike se levantou, ele parecia tão ruim quanto eu. O relógio ao lado da minha maca, informava que já passava da meia-noite.

— Calma, está tudo bem agora. — papai me tranquilizou.

— Você desmaiou quando estava saindo do hospital. — informou Mike.

— Acho que o remédio fez efeito rápido demais. — mamãe tinha lágrimas nos olhos, estava perto do papai.

— Não foi o remédio, mas ainda bem que você tomou aqui, assim poderíamos monitorá-la, não pode tomar mais esses remédios. — eu não queria saber, sem eles eu não poderia dormir, só ficava pensando no Luke na merda do nosso final.

— Eu preciso delas para dormir.

— Infelizmente elas são prejudiciais a sua vida.

— Faz bem para mim, me sinto ótima com elas.

— Não você, querida. O seu bebê é do Luke. — bebê? Mas eu tinha menstruado.

— Impossível, desceu para mim, no mesmo dia em que ele foi preso.

— É normal que haja sangramentos nas primeiras semanas. — eu não sabia se ria ou chorava. Quando pensei na hipótese era a melhor coisa, Luke ficou feliz e esperançoso e agora eu descobri que realmente estava grávida, mas sem ele.

— Um bebê, querida. — diz mamãe, emocionada.

— Quando tempo?

— Ainda não sabemos, precisamos fazer um ultrassom. — ela preparou as coisas para fazer um ultrassom, fiquei deitada olhando para o teto, com medo do meu futuro. Como eu posso perder o amor da minha vida e ganhar um bebê? Que história mais fodida. Tudo não poderia ser mais fácil? Com ele livre e comigo, segurando minha mão, como Mike está fazendo agora.

Quando a sala encheu com o som do coração, me senti completa, como se tivesse com Luke. Os meus olhos ficaram fixados na tela, olhando para o visor.

— O bebê parece estar bem.

— Conseguiremos saber o sexo? — Perguntou Mike, tão interessado quanto eu.

— Ainda não papai...

— Eu não sou o pai.

— Ele não é o pai. — dizemos em uníssono.

— Desculpe, é que ele esteve tão preocupado, achei que fosse o pai.

— Sou só um bom amigo. — comenta Mike.

— E de quanto tempo? — interrompe o momento constrangedor.

— Mais ou menos, doze a treze semanas. — eu não poderia ficar mais feliz, por um lado estava dando tudo certo e por outro não.



## Capítulo 28

28

Acho que meus problemas começaram realmente depois da descoberta do bebê, tinha conversado com minha mãe e eu ficaria um tempo na sua casa. Não conseguia permanecer no mesmo recinto que já foi meu ninho de amor.

Mike tinha virado um grande amigo e conforme os meses foram passando, minhas esperanças morrendo, Luke não se comunicava comigo e era proibida de visitá-lo.

Cheguei a um ponto, em que acho que não tenho mais coração. As nossas lembranças, nossas coisas, suas coisas, já não me afetavam mais, tudo que conseguia pensar era no final.

Que merda de final seria se eu não estivesse com o homem que acho que amo? Bom, pensei muito e cheguei à conclusão que a vida é uma puta, que o destino é uma merda e eu estou quebrada.

Estava sentada no sofá, eu havia voltado a trabalhar e acabara de chegar da escola, estava triste com os acontecimentos, mas aguentava forte, ainda mais pela criança que crescia em meu ventre. Um menino, que nasceria nas próximas semanas. Com a chegada do parto, também chegava a execução dele e cada dia que passava me deixava mais desanimada.

Nossa visita conjugal tinha sido adiantada, seu advogado, Anderson, havia me avisado recentemente, amanhã seria o dia. Eu não o via há meses, ele não sabia do nosso filho ou se sabia, não respondeu minhas cartas.

— Querida, já tomou suas vitaminas? — mamãe entrou na sala, acompanhado de Mike.

— Não, deixei minha bolsa em cima da bancada, me sentei aqui e fiquei com preguiça de levantar novamente. — minha barriga não estava tão grande, pelo meu porte pequeno, eu estava até que



"grande".

— Deixa que pego para você. — Mike, meu maior apoiador, nestes últimos meses, correu para buscar minhas vitaminas.

— Esse Mike, está me saindo um ótimo "amigo"... — cochichou mamãe, sentada ao meu lado.

— Pois é... Acho que sem ele estaria perdida. — voltou com as vitaminas e um copo de água.

— Aqui, tome tudo direitinho. — tomei as vitaminas e o entreguei o copo vazio.

— Obrigada.

Passei a tarde na companhia dos meus pais e de Mike, eu estava ansiosa para vê-lo, não consegui esconder deles.

(...)

Na manhã seguinte, acordei cedo, antes das 8 horas da manhã, a casa estava silenciosa. Fiz o café da manhã para meus pais, logo após às dez, Mike chegou logo em seguida. Ele havia se proposto me levar ao presídio, eu não havia reclamado.

— Pronta mamãe? — Estava sentada na cadeira, em frente à mesa, comendo deliciosas rosquinhas. Mike beijou minha cabeça e se sentou ao meu lado.

— Sim, ansiosa.

— Sim, eu fiz o bolo preferido dele. — mamãe colocou uma grande bacia na minha frente.

— O que é isso? — perguntei com olhos arregalados.

— Essa é a marmita que fiz para meu genro, tenho certeza que ele está com saudades do meu bolinho no final da tarde.

— Deixa de ser chata, *Muié*. — interveio papai. — Não pode entrar essas coisas, nessas visitas conjugais só acontece uma coisa.

Todos viraram a atenção para mim, enrubesci e repondo, tentando não parecer constrangida.

— Papai, deixa quieto isso, o que faço na visita conjugal só diz respeito a mim e meu marido e outra, estou grávida, você não espera que eu seja virgem, né? — papai suspirou, ele ainda não se conformava em ser avô, estava ansioso e com medo, tudo ao mesmo tempo.

— Não sei mais de nada, mas está certa, já é casada, sabe o que faz de sua vida. — passamos um tempo conversando, perto da hora da visita, me despedi dos meus pais e Mike me levou até o presídio. Durante todo o percurso ele estava estranho, eu só conseguia pensar em uma coisa:

Sexo.

Sim, eu estava sedenta por sexo, só conseguia imaginar o meu homem, que tinha belas mãos e sabia como usar.

Mike parou o carro em frente ao presídio, mal conseguia conter a minha felicidade, ele parecia preocupado.

— Obrigada por me trazer, vou voltar de ônibus ou de táxi.

— Não, vou vir te buscar, não quero deixá-la sozinha. — ele estava sendo muito bom para mim, só podia agradecer a Deus, por enviá-lo de volta a minha vida. Sempre estava ao meu lado, nos momentos que mais precisei.

— Obrigada. Você é muito bom para mim e eu reparo em cada coisa que faz para mim, agradeço por ser esse grande amigo. — me inclinei e beijei sua bochecha.

— Venho então, daqui umas três horas. Está bom?

— Sim, está ótimo. — saí do seu carro e meu coração disparou com a visão da prisão, só de imaginar que essas grandes muralhas abrigavam o meu homem, meu coração disparou.

Fui até a cabine de identificação, passei por todo o processo de revista, me senti até mesmo desconfortável e isso me lembrou das palavras de Luke, que me proibira de ficar vindo vê-lo.

Levaram-me até um quarto, fiquei um tempo sozinha, passei esses minutos observando o quarto. Tudo nele era preso no chão, tinha grandes parafusos que segurava a cama, cadeiras, mesa, entre outras coisas. Tinha um banheiro pequeno, que mal cabia uma pessoa.

Senti nojo do lençol, nem sabia se eles haviam mudado da última visita que teve, mas como uma mulher prevenida vale por duas, trouxe um lençol. Antes dele chegar, coloquei o meu lençol na cama e o esperei sentada, demorou um tempo, mas quando ouvi o som da porta, preendi a respiração e o observei entrar.

Seu cabelo estava grande, como sua barba. Ele vestia um macacão laranja e tinha o olhar baixo.

— Querido? — me aproximei dele, que ainda não tinha virado para olhar em meus olhos. — Olhe para mim.

— Não posso, tenho medo que essa seja a última vez que eu a veja. — as lágrimas não demoram a sair, eu queria cair de joelho e chorar.

— Eu odeio isso.

— A culpa é minha. — ele continuava a evitar me olhar.

— Eu senti saudades.

— Eu também. — peguei uma de suas mãos e apertei.

— Nós sentimos saudades suas. — coloquei sua mão em meu ventre volumoso, ao sentir a dureza, levantou seu olhar e me olhou surpreendido:

— Um bebê? Você não tinha menstruado no meu último dia livre?

— Sim, um bebê, nosso bebê. Não era menstruação e sim um sangramento comum de início de gravidez. — nunca tinha visto um sorriso tão bonito e feliz, como o que ele deu. Caiu de joelhos no chão e agarrou minha cintura.

— Um bebê. — repetiu suas palavras anteriores.

— Sim, seu filho, nosso filho. — Luke começou a chorar como uma criança, nunca o tinha visto assim.

— Merda... Isso é uma merda. — fiquei em choque com suas palavras, dei dois passos para trás, mas suas mãos me seguraram no lugar. — Não é por você estar grávida, é por estar grávida e não poder acompanhar cada etapa.

Logo se colocou em pé, me arrastou para a cama.

— Não senta aí, está sujo esse lençol. — mesmo com suas palavras, sentei na beira da cama.

— Está tudo bem, troquei o lençol, esse aqui é limpo e cheiroso, mamãe que lavou.

— Como está sua mãe? Seus pais? — Luke sentou ao meu lado.

— Eles estão bem, como o apartamento deles é maior, estou ficando lá. — levantei-me para sentar no seu colo, mas antes que eu pudesse sentar, Luke me puxa de volta para cama.

— Eu quero tomar banho primeiro, tirar a merda dessa roupa. — Luke começou a descartar suas roupas, ele ainda parecia o mesmo de meses atrás, seu corpo ainda intacto, só haviam algumas tatuagens novas, inclusive meu nome, escrito em letras grande, em cima do coração.

— Está sendo difícil ficar sem você. — revelo, com os olhos marejadas. Quando está nu, voltou a sentar na cama, me puxou para seu colo. Minhas mãos logo acariciaram seus ombros e peitoral.

— Eu sei... Eu sinto muito. — aquelas palavras não me confortam em nada, eu não queria desculpas, queria-o comigo.

— Eu não estou mais aguentando, eu não vou conseguir fazer isso. — parei para acariciar minha barriga, nossos olhares caíram para ela. — Sozinha.

— Eu não sei o que falar... Tudo que vem à mente é pedidos de desculpa.

— Amor, por favor, tem algo que podemos fazer. — o nosso filho, quase não se mexia, mas quando Luke colocou a mão e a manteve ali, o bebê se movimentou.

— Ele mexeu...

— Ele não é de se mexer muito, só faz isso quando ouve certas vozes e ainda é muito raro.

— A quem ele responde?

— A minha mãe e a Michael. — ele ficou em silêncio, ao mencionar Michael.

— Vocês estão juntos? — por incrível que pareça, ele não estava com ciúmes, em seus olhos eu via esperança.

— Não, Luke. Eu não o trairia desta forma, mas, também, não posso negar que ele está fazendo parte da minha vida, sendo um ótimo amigo.

— Eu quero que você saiba, que se pudesse mudar o passado e escrever nosso futuro, eu faria, mas não consigo. Eu queria estar contigo, ver nosso filho nascer, mas a que custo? Mesmo que eu conseguisse escapar, eu me tornaria um criminoso procurado, ia ter que me esconder a vida inteira. Esse é o tipo de vida que você quer? — eu não sabia o que responder, eu queria ter uma vida pacata com ele, criar nosso filho, mas por outro lado, se ele conseguisse fugir, que tipo de vida viveríamos.

— Mesmo assim, estando do seu lado, tudo vai ficar bem.

— Não, querida, não vai. Deixa eu te explicar, se eu fugisse, teria que matar meu primo, tomar o poder da máfia, voltar a fazer negócios ilícitos, nosso filho teria que seguir a mesma carreira que eu. Você não poderia mais lecionar, ficaria trancada dentro de casa, para sua própria segurança. Aliás, teríamos muitos problemas com os Estados Unidos, isso afetaria até seus pais. — pegou meu rosto em suas mãos e me fez olhar em seus olhos. — Eu não vou deixar que você tenha essa vida. Não quero nosso filho no meio do crime. Eu não quero viver no crime.

Agora estava entendendo realmente o que aconteceria.

— Eu abandonaria tudo.

— Mas eu não... Quero que seja feliz e tenha uma vida boa ao lado do nosso filho, não espero que você me ame para sempre, mas quanto encontrar alguém que ame, então verá, que se o amor se acaba, então nunca se amou. — eu não conseguia o ver com clareza, minhas lágrimas atrapalhando a visão do homem que eu acreditava amar com todas as formas e que agora, me disse que eu não o amo. — Sempre acreditei na pessoa certa, que ela mudaria sua vida. E eu a achei, é você minha pessoa, mas não sei se eu sou sua pessoa.

— Para de falar isso, só eu sei o que passei nesses meses. Das noites mal dormidas, de cada lágrima que caiu dos meus olhos e das incertezas do meu futuro.

— Desculpa. É só a verdade. — ele me beijou com ternura, mas não queria isso, queria senti-lo selvagem, essa seria nossa última vez juntos e eu lembraria dele para sempre.

Luke me deixou na cama, meu vestido foi tirado em uma rapidez inacreditável, logo Luke me tinha nua, debaixo dele.

— Amor... — murmurei, quando ele acariciou meus seios, com a gravidez meu corpo mudara e minha vida transformada.

— Eu te amo, nunca se esqueça disso. — sussurrou em meu ouvido.

Enrolei minhas pernas ao seu redor, quando seu membro me invadiu, eu quis parar o momento. Durante todo o ato gravei cada parte do seu corpo, memorizei seus gestos e o amei como se fosse a última vez e era.

(...)

Estávamos deitados na cama, logo nosso horário de visita acabaria e teríamos que nos separar.

— Nosso tempo está acabando.

— Eu sei, isso está partindo meu coração.

— Não fique assim, eu já expliquei a situação, quero que você fique bem, não fique se martirizando, eu cometi um grande erro, nunca deveria ter voltado para você. Foi uma ideia egoísta e agora estamos pagando o preço, temos um bebê que crescerá sem o pai, uma esposa, futuramente viúva, e eu morto. — ele tinha um sorriso sarcástico no rosto. Bati em seu ombro. — Que foi?

— Para de falar isso, eu ainda não consigo acreditar, até que eu o veja.

— Ah, isso não vai acontecer, não quero você aqui. — sentei-me na cama, desacreditada em suas palavras.

— O quê?

— Não é para você ir na hora da execução.

— Não, eu vou vir sim. Não há nada que fará eu mudar de ideia, vou estar aqui e você não se oporá. — ele levantou as mãos em redenção.

— Se você terá coragem, então venha. Vai ser injeção letal, ou seja, nada muito ruim como cadeira elétrica, enforcamento, entre outros. — ia respondê-lo, mas um carcereiro bateu na porta, avisando o final da nossa visita.

— Acho que acabou nossa visita. — voltei a chorar, ao me despedir dele, entre muitos beijos, abraços, ele quase não conseguiu colocar a roupa, de tão grudada que estava.

— Precisamos sair... — ele pegou minha mão e me levou até a porta, antes de abri-la, perguntei:

— Por que nunca respondeu minhas cartas?

— Porque eu nunca tive coragem de lê-las, mas tenho todas elas e as guardo. — ele me abraçou forte e depois me beijou.

— Eu te amo.

— Eu também.

Essas foram nossas últimas palavras, antes do carcereiro levar o meu marido para longe, fiquei parada, olhando-o partir.



# Capítulo 29

*Três horas antes da execução*

## **Luke**

Eu estava contando cada segundo.

Estava ansioso.

Acho que é pior para as pessoas que se afeiçoaram a mim, pois eu estava triste, mas aceitava minha condenação. A última vez que vi Maya, tudo se quebrou, eu estava despedaçado, queria voltar atrás e nunca responder uma carta dela.

Ela agora estava sofrendo por minha culpa.

Tínhamos um filho.

No dia anterior, o meu advogado veio me visitar e avisou que nosso filho nasceu há duas semanas, era um menino forte e saudável. Eu não poderia estar mais feliz, imaginava como estava minha esposa, Maya, radiante provavelmente.

Eu não o conhecia, mas podia imaginá-lo parecido com ela.

O carcereiro veio me levar para minha sala, onde teria minha última refeição. Eu tinha pedido que fosse bolo com café, como era final da tarde e eu costumava comer isso com a mãe da Maya, minha eterna sogra. Eu ainda tinha mais dois meses com Maya, mas por conta do acordo que fizeram com Lúcifer, eles não precisavam correr o risco de eu fugir, da Federal, Alicia, me pediu desculpas por ter me enganado, que houve um sentimento por mim e em consideração, fez de tudo para manter o contrato até cinco meses, pelo menos.

Apesar de todo seu sarcasmo, ela não era uma pessoa ruim.

(...)

*Duas horas antes da execução.*

## **Maya**

Nunca estive tão nervosa em toda minha vida, estávamos atrasados para sair de casa, mas

descobri recentemente que tudo era pior com uma criança, papai voltou no apartamento umas dez vezes para buscar coisas que esqueci.

Nosso filho dormia tranquilamente na cadeirinha, Michael, como sempre, nos levaria para ver o papai do Liam. Finalmente estávamos a caminho, meia hora depois estávamos na frente da penitenciária.

Tirei Liam do carro, minha mãe carregava a bolsa dele.

— Você vai entrar? — ele não respondeu de imediato, mas depois concordou.

— Sim, vou entrar.

Esse seria o último dia de Luke na Terra, passaríamos algum tempo antes da execução, eu não tinha mais lágrimas para chorar, tentei me conformar de todas as maneiras, mas era difícil. Agora com esse bebê, eu entendi que aguentaria tudo, ele era minha vida, a cópia do seu pai e o amor da minha vida, como seu pai um dia foi.

(...)

*Uma hora e trinta minutos para execução*

**Luke**

Eu já estava nervoso, ninguém aparecia, ninguém viria?

Quando a porta se abriu, minha sogra apareceu, acompanhada da minha esposa, eu nunca estive mais feliz.

— Pensei que vocês não viriam.

— Nos atrasamos, Maya só não esquece a cabeça, pois está grudada. — respondeu minha sogra, ao me beijar no rosto.

Atrás de Ângela, estava minha Maya, segurando um bebê, enrolando em uma manta azul. Meu coração transbordou de felicidade e emoção, meu primeiro ato foi pegar nosso filho de seu colo.

— Ei, rapazinho, eu pensando que você seria como sua mãe e veio com todas as características da minha família. — disse ao analisar seu rosto, era pálido, com cabelos castanho avermelhados e grande olhos verdes.

— Oi para você também. — Maya, parecia com ciúmes da atenção que dei ao nosso filho, sem antes cumprimentá-la.

— Desculpa, mas estava muito ansioso para conhecê-lo. — me inclinei e beijei sua boca. — Você está linda.

— O nome dele é Liam.

— É um bom nome para esse menino. — ele abria a boca, mostrando-a sem dentes.

Seu pai entrou, logo em seguida, Michael, cumprimentei ambos e então puxei minha esposa até o sofá de dois lugares.

— Como vocês estão indo com esse novo bebê?



— Uma loucura, Maya estava surtando, mas como eu estava lá, ajudei em tudo que foi possível. — comenta Ângela, que estava visivelmente cansada. — Esse menino é muito agitado, não dorme tanto quanto deveria.

— Sim, ele é bem agitado. — confirmou Michael.

— Ele teve a quem puxar. — o balancei até que dormisse profundamente.

— Mamãe, veja como ele dorme fácil no colo de Luke? — Maya estava impressionada.

— Sim, às vezes, temos que dar voltas com ele pelo prédio para poder dormir.

— Estão morando juntos ainda?

— Sim, estou na casa de mamãe, não consigo ficar no nosso apartamento. — ajeitei meu filho em um braço e com o outro passei ao redor do pescoço dela, trazendo-a para perto.

— Falei com meu advogado, a herança do meu pai vai sair, aí vocês poderão comprar a sua antiga casa. Não quero que você precise ficar na casa de seus pais para sempre, o apartamento é pequeno e logo não dará para os quatros.

— Sim, mas só aceitarei se eles forem comigo.

— Amor, o dinheiro é seu, pode fazer o que quiser. Comprar a casa foi só uma ideia. — conversando por bastante tempo, observei como Michael reagia ao nosso redor, mas ele se manteve amigável e tranquilo. Liam permaneceu todo tempo no meu colo, dormindo.

Perto de encerrar a visita, todos saíram, para que ficássemos a sós. Sentei na mesa, e Maya ficou no sofá alimentando nosso filho.

— Você trouxe a família inteira.

— Eles quiseram vir, em consideração a você. — respondeu Maya.

— Até seu pai?

— Até ele, apesar do seu jeito durão, ele gosta de você. — conversando por um tempo, comi o meu bolo de chocolate e o café, em paz, minha última refeição.

— Venha, comer um pedaço de bolo, não é tão bom quanto o da sua mãe, mas está gostoso. — ela colocou nosso filho adormecido, no sofá e veio ao meu encontro.

— Falta pouco tempo.

— Sim, acredito que esteja passando devagar.

— Como você está Luke? Parece muito tranquilo.

— E estou. — puxei seu braço, trazendo-a para mais perto. — Pedindo para que sentasse no meu colo.

— Eu quero chorar, mas não consigo. Tenho também, que me manter forte. — Maya estava sentada no meu colo, podia sentir seu perfume e o inalei repetidas vezes.

— Vai ficar tudo bem, eu te amo, sempre lembre disso. — puxei um punhado de cartas e as entreguei. — Eu fiz para nosso filho, tem cartas para você, também. E as suas cartas, eu as li, ontem à noite, sinto tanto por não estar com você.

— Escreveu cartas?

— Sim, para cada data importante na sua vida e na dele, mas se não quiser contar sobre mim para ele, eu entendo. — ela me abraçou forte, eu quis prendê-la para sempre.

— Não, quero que ele saiba que teve um pai, mesmo que não morreu como um herói.

— É, eu não sou um bom homem, sempre deixei bem claro.

— Sempre será meu Senhor Perigoso. — soltou-me, para poder me beijar. — Eu te amo.

— Eu também. — faltava pouco para minha execução, beijei e abracei muito Maya e fiquei o máximo que pude com meu filho. Antes de partir, chorei por deixar nossa família para sempre, eu estava partindo e ela ficaria, cuidaria do nosso filho e viveria a vida. — Cuida bem da sua mãe. — sussurrei para meu filho, antes de partir.

(...)

*Cinco minutos antes da execução.*

## **Maya**

Estávamos todos esperando Luke entrar, além da minha família, a Alicia e alguns alunos, como Caleb, estavam lá. Luke mudou minha vida, eu o amo muito e agradeço por ele ter voltado, me feito amá-lo e por isso nasceu o meu bem mais precioso, nosso filho. Que seria a lembrança viva do amor que vivi com seu pai.

Deixei Liam com meu pai, pois eu não teria condições de segurá-lo. Estava sentada na primeira fileira, esperando-o entrar.

Eu pensei que estava preparada, mas não, assim que entrou, desatei a chorar. Ele tinha os cabelos molhados, vestia um macacão cinza e tinha um sorriso no rosto. Uma das suas mãos estava fechada, guardando algo. Que depois vim a saber, que era a nossa aliança.

Ele sentou na maca, um homem, vestindo uma máscara, se aproximou dele. Parecia que meu coração sairia pela boca, tentei me manter forte e não desmoronar. Eu podia ver um ótimo homem

naquela maca, que estava sentenciado a morte, pois cometeu um crime contra seus tios, mas por honra. Ele não podia deixar a morte de seus pais sem vingança.

Ao se deitar na maca, a porta se abriu, parecia que algo estava acontecendo. Reconheci o advogado de Luke e ao seu lado, havia um homem. Ambos conversaram com Luke, que agora estava de pé. Não estava entendendo o que acontecia através daquele vidro grosso, que me impedia de ouvir a conversa.

Levantei-me para encontrar Michael, que já estava perto da porta, pronto para se retirar.

— O que está acontecendo?

— Estou indo verificar, não demoro para trazer notícias. — Ao sair da sala, volto minha atenção para Luke, que estava agora com um sorriso no rosto. Seu advogado o acompanhou, saindo da sala de execução.

— Querida, vão mudar de sala? — Mamãe se aproximou, agora ela era a pessoa que segurava meu filho chorão, com toda minha concentração em Luke, nem ouvi seu choro.

— Eu não sei, Michael foi ver. — Peguei meu filho do seu colo, ele ainda continuava a chorar e por mais que tentasse acalmá-lo, não conseguia.

Demorou um tempo até Mike voltar, Liam estava em meus braços, mamando.

— O que aconteceu? Luke está bem? — Não conseguia ocultar minha preocupação, queria respostas.

— Conseguimos a absolvição dele.

— Absolvição? — mal consegui pronunciar as palavras, estava estática.

— Sim, eu acompanhei toda essa sua luta, durante os meses que sucedia a execução de Luke. Maya, eu tenho um enorme carinho por você, por Liam e não podia deixar que vivessem o resto da vida sem a pessoa que amam. — ele se sentou ao meu lado, com um grande sorriso no rosto. — Conversei com Anderson, advogado do Luke, que foi até a Suprema Corte dos Estados Unidos e conseguiu a absolvição da execução, foi por pouco, mas chegou a tempo...

— Ah meu Deus. — o abracei, mal acreditando em suas palavras. — Obrigada.

— Não há o que agradecer, faço isso em consideração a você, mas os créditos são totalmente do Anderson e do meu pai, que moveram alguns “pauzinhos”.

— Meu marido está livre. — gritei, alertando meus pais.

— Bem, não é assim, ele terá que ficar mais dez anos em regime fechado. Talvez sete anos com bom comportamento. — eu não me importava, meu marido estaria livre em poucos anos e estaria

ao meu lado, criando nosso filho.

— Não me importa, só quero que ele fique vivo, esteja comigo para criar nosso filho. — com meu filho mais calmo, o coloco em sua cadeirinha e volto a abraçar Mike. Não consegui sucumbir minhas lágrimas, que eram de felicidade.

— Fique calma, está muito eufórica. — não conseguia me conter, sentei para tentar me acalmar.

— Vou conseguir vê-lo?

— Por enquanto não... — ele continuou falando sobre a absolvição da execução de Luke, mas tudo que eu conseguia pensar era que poderíamos viver juntos. Mesmo que seja daqui dez anos, mas eu estaria ao lado dele.

Naquela noite, fui dormir feliz e com um sorriso no rosto, só faltavam mais 3.650 noites até tê-lo ao meu lado.



# Epílogo

**Maya**

*Sete anos depois*

Hoje era aniversário de Luke, eu estava na frente do presídio, esperando ele sair daqueles muros, que me mantiveram afastada dele por sete anos. Meu irmão, havia saído há pouco tempo, inclusive sua cela era próxima a de Luke. Hoje, Ed estava casado com Martim, seu namorado da cadeia e planejavam adotar um filho. Papai estava feliz que Ed tinha dado rumo a sua vida e mamãe agora tinha uma família completa, só faltava meu querido marido.

Liam estava dentro do carro, mexendo em seu tablet, parecia pacífico, mas estava ansioso para este momento. Acreditava que agora ele poderia ter mais uma companhia para jogar videogame, ou ensiná-lo a andar de bicicleta. Durante todos esses anos, Mike foi nosso mais fiel amigo, me ajudando na criação de Liam e agora era um grande amigo de Luke, apesar de achar que Luke só tinha gratidão por ele.

— Liam, seu pai está saindo. — o chamei, quando o portão se abriu. Não esperei nem mais um minuto, assim que ele apareceu, corri para seus braços.

— Ratinha. — suspirou ao me abraçar apertado.

— Luke, finalmente. Já não aguentava mais. — ele me apertava contra seu corpo, senti os braços de Liam nos cercando.

— Papai!!!

Após nos separarmos, Luke pegou Liam no colo e o girou.

— Menino, na última vez em que te vi, era um anãozinho.

— Papai, nos vimos no começo do mês. — Mensalmente visitávamos Luke, para matarmos as saudades e Liam ter a presença do pai.

— Estou falando, você cresce muito rápido. — Liam olhou para mim e depois para suas canelas.

— Você acha que sim, mamãe? Vou ficar tão alto quanto o papai ou tio Mike?

— Querido, só você comer toda sua comida, que ficará mais alto que seu pai. — ele abriu um grande sorriso.

— Enfim você está livre. — fiquei nas pontas dos pés e beijei sua boca, nosso beijo foi calmo, quando nos separamos, Liam fez uma careta de nojo.

— Eca... — olhei para Luke e começamos a rir, finalmente minha família estava completa.

No final, valeu a pena.

Pensei que minha história com ele não tivesse um final feliz, mas teve.

Eu estava feliz;

Eu tinha um filho maravilhoso;

A vida prosseguia;

Os dias passavam;

E no final, eu e ele estávamos juntos.

**P.S: Ao avaliar o livro na Amazon, você ganha o marcador do livro e da autora, só mandar o print para o e-mail: [thais.b.zanin@gmail.com](mailto:thais.b.zanin@gmail.com)**

---



# Carta da autora

## PARA O MELHOR LEITOR...

Para o melhor leitor que leu Luke e Maya e os amou como eu.

Para o melhor leitor que o avaliou na Amazon, dando uma ajuda para que outras pessoas leiam Sr. Perigoso.

Para o leitor que me acompanhou até o final.

Para o leitor que chorou no final, mas entendeu que nem tudo é perfeito.

Para o leitor que entendeu o sentido da história.

Para o leitor que nunca esquecerá esse romance.

Enfim, agradeço.

Não foi fácil escrever esse livro, demorei mais do que o previsto, chorei nas últimas partes e quando tive a ideia de fazer esse filho (livro), estava assistindo a uma série na Netflix, então reformulei a ideia e coloquei no papel.

Luke foi diferente dos meus personagens, foi selvagem e mafioso no seu passado, mas se converteu em um homem bom e trabalhador.

Não era ruim como Sebastian, mas obteve sua redenção.

Não era amoroso demais como Blood, mas a amou do seu jeito.

Não era ingrato como Vicentin, mas se arrependeu de muitas atitudes em relação ao passado.

Não escrevi um homem possessivo, não escrevi um homem “fodão”, não escrevi um homem rico. Eu só escrevi um homem que amou, e por este amor fez o que foi preciso ao lado de sua amada.

**Desta humilde autora,**



# Sobre a autora

Thais Brassanini Zanin, nasceu na grande São Paulo, onde ainda mora, com sua família, três Maltês e uma rottweiler. Seu amor por livros começou no ano de 2014 ao ler A seleção, depois disso, ela virou uma viciada em livros assumida. Mas, só em 2015 começou a escrever seu livro Futuro Incerto, seguido por Vende-se Virgem com milhões de leituras online. Em seu tempo livre, Thais gosta de assistir séries e brincar com seus cachorros.

## Contato

Email: [thais.b.zanin@gmail.com](mailto:thais.b.zanin@gmail.com)

Facebook: <https://www.facebook.com/thaispergens.7>

Grupo do Facebook: <https://www.facebook.com/groups/s.t.lucato.autora/>

Pagina da autora: [https://www.facebook.com/Thais-B-Zanin-Trilogia-Beast-637.../...](https://www.facebook.com/Thais-B-Zanin-Trilogia-Beast-637.../)

Perfil no WattPad: <https://www.wattpad.com/user/thaispergens>

LINK DOS LIVRO NO AMAZON: [https://www.amazon.com.br/s/ref=nb\\_sb\\_ss\\_i\\_4\\_5...](https://www.amazon.com.br/s/ref=nb_sb_ss_i_4_5...)

-----

## LIVRO:

Vende-se Virgem

Doa-se Cafajeste

Encontra-se o Amor

Lila, meu anjo, minha salvação.

Futuro incerto

Destino incerto

Paixão Instantânea - Conto

Sr. Perigoso

Uma patricinha em apuros.

---

<sup>[1]</sup> A **National Football Conference** (NFC) é uma das duas conferências da [National Football League](#).



